

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

ANA PAULA DA VITORIA MATTEDI

ANÁLISE DA ATIVIDADE: CRIAÇÕES EM TROTTOIR

estrelando

AS NOIVINHAS DO PARQUE MOSCOSO

VITÓRIA

2013

ANA PAULA DA VITORIA MATTEDI

**ANÁLISE DA ATIVIDADE: CRIAÇÕES EM TROTTOIR
estrelando
AS NOIVINHAS DO PARQUE MOSCOSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional

Linha de pesquisa: Subjetividade e Clínica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Vasconcelos Carvalho

VITÓRIA

2013

ANA PAULA DA VITORIA MATTEDI

ANÁLISE DA ATIVIDADE: CRIAÇÕES EM TROTTOIR
estrelando
AS NOIVINHAS DO PARQUE MOSCOSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 22 de março de 2013.

Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Sílvia Vasconcelos Carvalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(Co-orientadora)

Prof.^a Dr.^a Tânia Mara Galli Fonseca
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Membro externo)

Prof. Dr. Rafael da Silveira Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
(Membro interno)

Prof. Dr. Nelson Antônio Alves Lucero
Universidade Federal do Espírito Santo
(Membro convidado)

Às prostitutas do Parque Moscoso.

Muitas pessoas foram importantes nesses dois anos de pesquisa.

Beth Barros, minha orientadora desde a Iniciação Científica, que, com confiança e ousadia, topou estudar comigo a prostituição. Sua orientação foi fundamental na construção do nosso trabalho.

Silvia Carvalho, delicada e objetiva, que mesmo de longe embarcou conosco sem hesitar. Construir a direção dessa pesquisa com você foi uma alegria.

Fabio Silva, meu amigo querido e generoso, sempre disposto a ler meu texto... Sem você nossos escritos não seriam os mesmos.

Nelson Lucero, professor e amigo, parte extremamente importante e estimada em minha formação.

Rafael Gomes, companheiro desde o NEPESP e professor querido.

Tânia Fonseca, pela parceria e por seu sensível texto enviado na qualificação.

Nice do Carmo, minha afilhada, obrigada pelo apoio durante toda a caminhada.

Aos meus amigos do NEPESP, em especial à linda Bia, obrigada pelas intervenções durante tantos anos.

À minha família e aos meus amigos Bruna, Julia, Thiago, Felipe, Simeí, Juliana, Parnes, Clarice, Gabriel, Fabrício, Priscila, Katie, Fernanda, Vitor,... Vocês estão direta ou indiretamente nessas páginas.

Mãe, quando eu era criança adorava ler para você. Obrigada por sempre me ouvir, independente da hora ou do cansaço. Hoje quero ler para você sobre algumas outras brancas de neve de cabelo cor do ébano...

Eu não estou interessado em nenhuma teoria, nessas coisas do oriente, romances astrais. Minha alucinação é suportar o dia-a-dia, meu delírio é a experiência com coisas reais... Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha, blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais, garotas dentro da noite, revólver: "cheira cachorro", os humilhados do parque com os seus jornais me interessam... Amar e mudar as coisas me interessa mais. Amar e mudar...

Belchior

Resumo

Nesta pesquisa analisamos a atividade das profissionais do sexo do Parque Moscoso, ES/Vitória, Brasil. Para seu desenvolvimento, utilizamos o conceito de atividade formulado por uma linhagem francesa de estudos sobre o trabalho - a Ergologia e a Clínica da Atividade -, e a metodologia da Instrução ao Sósia. As análises das tecnologias de poder, a partir das leituras de Michel Foucault, também permeiam toda a dissertação. Especialmente ao pensarmos na configuração espacial das cidades e dessas mulheres nas cidades, bem como na produção das figuras de mulher e de prostituta como opostas. Este trabalho não tem como objetivo aceitar ou refutar a prostituição, mas colocar as questões contemporâneas que a constituem em análise, problematizando-as.

Palavras-chave: profissionais do sexo, atividade, instrução ao sósia, biopolítica, Parque Moscoso.

Abstract

In this research we analyse the activity of the sex workers of Parque Moscoso, ES/Vitória, Brazil. For its development, we use the concept of activity formulated by a French lineage of studies on the field of labour – the Ergology and the Clinic of Activity (Clinique de l'Activité) -, and the methodology of the Instructions to the Ringer. The analyses on the technologies of power, from the readings of Michel Foucault, also permeate throughout the extent of the dissertation. Especially when we think about the spatial configuration of the cities and of these women in the cities, as well as in the construction of the female and prostitute images as being contraries. This work aims not to accept or reject prostitution, but to put forth contemporary questions that constitute it in analysis, probing them.

Key-words: sex workers, activity, instructions to the ringer, biopolitics, Parque Moscoso.

Resumen

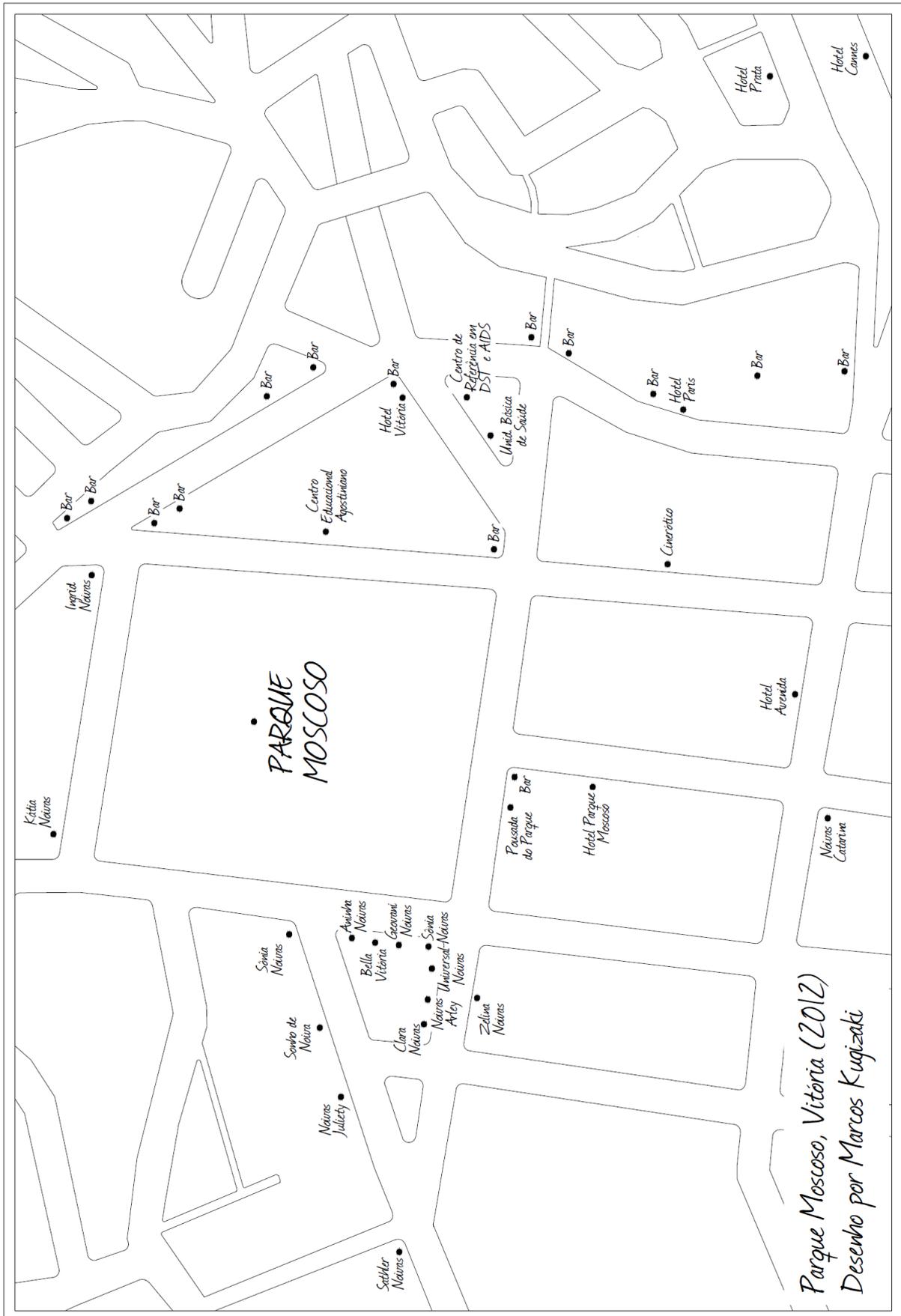
En este estudio analizamos la actividad de las profesionales del sexo del Parque Moscoso, ES/Vitória, Brasil. Para su desenvolvimiento, utilizamos el concepto de actividad formulado por una línea francesa de estudios sobre el labor – la Ergología y la Clínica de Actividad (Clinique de l'Activité) -, y la metodología de la Instrucción al Doble. Las análisis de las tecnologías del poder, partiendo de las lecturas de Michel Foucault, también están presentes en toda la disertación. Especialmente cuando pensamos en la configuración espacial de las metrópolis y de estas mujeres en las metrópolis, bien como en la producción de la imagen de mujer y prostituta como opuestas. Este trabajo no pretende refutar o aceptar la prostitución, pero si poner cuestiones contemporáneas que la constituyen en análisis, las discutiendo.

Palabras-clave: profesionales del sexo, actividad, instrucción al doble, biopolítica, Parque Moscoso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – CENAS E PERSONAGENS	18
1.1- Cenas iniciais.....	18
1.2- Primeiros desafios: a pesquisadora e sua câmera	19
1.3 - Outros personagens e a instrução ao sócia: pistas para um roteiro possível	25
CAPÍTULO 2 – O LOCAL	29
2.1 – Breve histórico da criação de Vitória e da ocupação do Centro da cidade. ..	29
2.2 – A História do Puteiro Mais Antigo de Vitória.....	40
2.3 – A prostituição no Centro.....	42
CAPÍTULO 3 – DISCIPLINARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE, ANORMALIDADE DA POPULAÇÃO E BIOPOLÍTICA	49
3.1 – Entre putas e formigas	49
3.2 – Passeando?	50
3.3 – O Centro hoje: Território de noivinhas?.....	51
3.4 – Quando a mulher se reduz a uma forma - noivinha-que-gora-e-gruda	54
3.5 – Disseminação de um modelo de mulher	56
3.6 – As duas faces de Eva	60
3.7 – Biopolítica e sexualidade.....	63
3.8 – Biopolítica e prostituição	67
3.9 – A violência travestida faz seu trottoir.....	68
3.10 – Ideais revitalizadores.....	71
3.11 – Prostituição: noivinhas que sacrificam seus corpos e moralidades pelo lar	74
3.12 – Paramos.....	82
CAPÍTULO 4 – ATIVIDADE DAS PROFISSIONAIS DO SEXO DO PARQUE MOSCOSO.....	84

4.1 – Gênero da atividade [das profissionais do sexo do Parque Moscoso]	84
4.2 – Para além das prescrições	89
4.3- Piranha's bar	94
4.4 - No quarto de hotel	95
4.5 - Criações e renovações estilísticas	97
4.6 – Nome: entre o inventar e o se desfazer	99
4.7 – Produção de cenário	100
4.8 – Modo-segredo e modo-[des]confiança	102
CAPÍTULO 5 – ELES MOSTRAM A PROSTITUTA NA TELEVISÃO COMO SEXO. ENTENDEU?.....	
5.1 – Valores e normas antecedentes.....	108
5.2 – O que sabemos que elas não sabem?	110
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
7 – REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	119



Parque Moscoso, Vitoria (2012)
 Desenho por Marcos Kugizaki

INTRODUÇÃO

Esse trabalho dissertativo se propõe a colocar em análise a atividade das profissionais do sexo de uma região central de uma capital brasileira. Para tanto, partimos de locais bem específicos quando falamos do tema, da atividade humana e quando escolhemos o local de pesquisa. Apesar da especificidade, entretanto, os locais de que partimos foram se modulando junto ao decorrer do processo de pesquisar.

Procuramos desenvolver essa análise sob um viés não moralizador, que busque mais que o plano do problema repetidamente relatado por pesquisas nesse campo (SIMON; SILVA; PAIVA, 2002; GUIMARAES; MERCHAN-HAMANN, 2005; BORBA, 2010; MOURA; PINHEIRO e BARROSO, 2009): o acometimento por doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Outras questões frequentemente trazidas em artigos e livros sobre o assunto consistem em: a problemática da profissionalização X não profissionalização da ocupação (ABSI, 2010; BARBOSA, 2007 e RODRIGUES, 2009); a vitimização e subjugação das mulheres que exercem tal atividade a uma sociedade machista (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007); a indignidade entendida como inerente à atividade nesse meio percebido como mortificante e mortificador (LAGENEST, 1975; SANTOS, 2008).

A essas, que entendemos como questões, escolhemos tratá-las como questões contemporâneas que nos afetam e que precisam, portanto, ser problematizadas. Não se trata aqui de abraçar ou refutar a prostituição, de defender ou negar que seja regulamentada pelo Estado como profissão, ou mesmo de ignorar as condições, muitas vezes indignas e mortificantes, em que essa atividade é realizada. Trata-se, antes, de apresentar essas questões na defesa de que em toda atividade humana há sempre criação de outras possibilidades de trabalhar-viver.

Nesse ponto, nosso problema se delimita: Como se efetiva o trabalho das profissionais do sexo e que efeitos políticos/subjetivos são produzidos nessa atividade?

Para dar conta deste problema, focamos a atividade das profissionais do sexo de baixa renda, que atuam nos arredores do Parque Moscoso, localizado no Centro de Vitória/ES, Brasil. Acreditamos que estas ocupam um lugar importante na rede de produção das cidades. No entanto, cabe frisar que essa escolha é apenas pontual e não significa uma característica inerente dessa atividade, visto que há prostitutas de alta renda, com nível de escolaridade superior, profissionais que possuem local fixo de atuação, dentre outras diferenças no exercício deste ofício.

Na escrita, seguimos o percurso de narrar o que vivenciamos, entremeando a narrativa de cenas possíveis para um roteiro. Escolhemos escrever cenas por acreditarmos que elas podem se diferenciar das que vemos o tempo inteiro: aquelas que normalizam vidas, seja em propagandas, filmes, artigos acadêmicos ou outras formas de discurso. Buscamos construir nesta dissertação cenas outras, que rompam com as formas pré-concebidas e desloquem nossas maneiras habituais de pensar.

Várias questões iniciais surgiram na construção deste roteiro-pesquisa: Como as profissionais do sexo do Parque Moscoso realizam sua atividade? Dessa atividade, o que para elas interessa? Quais conflitos trazem? Onde realizam este trabalho? Como vão se constituindo as formas prostitutas existentes hoje nessa região?

Para pensar todos esses pontos, foram surgindo nossos capítulos. Eles nos serviram como estratégia metodológica para analisar nosso problema inicial: a atividade das profissionais do sexo do Parque Moscoso.

A princípio escolhemos acompanhar o movimento de constituição da atividade dessas mulheres através das lentes de uma câmera, por acreditar que, mesmo que dirigida por quem a porta, as lentes podem perceber movimentos não vistos a olho nu. Ao longo do processo de pesquisa, entretanto, deparamo-nos com questões relativas a essa atividade que deslocaram a forma como pretendíamos realizar a pesquisa. É disso que trata nosso primeiro capítulo: entender de qual cenário emerge essa dissertação e a forma como encontramos para habitá-lo. Quais

encontros formularam nossos objetivos, nosso campo problemático, nossa metodologia e os métodos utilizados.

No primeiro capítulo podemos encontrar os contatos iniciais com o campo, com os personagens e com o local. Podemos perceber como foram se dando, na relação de pesquisa, os movimentos de composição e decomposição de algumas formas – a profissional do sexo como prostituta, drogada e vítima. Também encontramos as primeiras pistas para questões que interferem não apenas no cotidiano de trabalho dessas mulheres, mas que também se tornaram desafiadoras para a pesquisa: o tipo de atividade que exercem, a baixa renda que conseguem com seu trabalho, o modo como essa atividade se realiza em segredo entre outros. Questões que surgiram no movimento da própria pesquisa e que o (trans)formaram.

O segundo capítulo surgiu da necessidade de conhecer como havia se constituído o local escolhido para a investigação: o Centro de Vitória. Esse território como local de abrangência da pesquisa se justifica na medida em que, hoje, ao redor do Parque Moscoso, existe alta concentração de casas de prostituição, hotéis destinados a este fim e profissionais do sexo “autônomas” circulando.

Partimos, como dissemos, de locais específicos. O Centro é onde a pesquisadora mora e o Parque Moscoso é cenário para sua vida. Ela viveu os crocodilos e as brancas de neve quando eles lá ainda existiam; fez piqueniques durante a adolescência; fez passeios fotográficos, ioga. Ao redor do Parque moram muitos de seus amigos, casas em que conviveu até então. Lá também escolheu a Unidade Básica de Saúde da região para fazer um trabalho da disciplina de Saúde Coletiva durante a graduação - e se espantou ao descobrir, ali, que a atenção dispensada às profissionais do sexo estava restrita à disponibilização de psicotrópicos para as que deles precisassem.

A presença das profissionais do sexo na região sempre foi marcante. A lembrança mais remota que tem é de quando voltava à noite da casa da avó e passava pela rua perpendicular à Unidade, subindo o viaduto Caramuru: seus pais sempre comentavam algo a respeito das muitas mulheres de short curto e barriga de fora, de

pés na calçada. Algumas vezes foi orientada a ir ao Parque passando por uma rua mais escura e estreita, em vez de passar na principal, ampla e movimentada, onde tinha uma portinha na qual muitas mulheres ficavam em frente, às vezes gritando, discutindo, às vezes apenas sentadas no meio fio. Sua mãe tinha medo de que ela dividisse a calçada com essas mulheres. Assim como teve medo todas as vezes em que a pesquisadora disse-lhe que estava indo ao Parque entrevistá-las: - *Você vai sozinha a essa hora? Não tem medo delas não?*

As prostitutas sempre estiveram ali, nos meios fios em plena luz do dia? Como o Centro de Vitória foi constituindo-se ao longo de séculos de modificações e intervenções? Vemos nesse capítulo como, no processo de urbanização, a disciplinarização dos corpos utilizou-se de estratégias como o higienismo e a arquitetura para segregar populações e dividi-las segundo os interesses econômicos, sociais e culturais da época. Vemos ainda como as mudanças no fluxo de circulação em Vitória afetaram a prostituição em suas áreas centrais.

Tentamos pensar a história da prostituição no Centro por entender que pensar a história é pensar o processo de constituição do que temos atualmente. Propusemo-nos, para isso, deixar-nos permear pelo campo escolhido, transbordando as impressões.

Percebemos, ao longo desse percurso, o quanto o entendimento do que fazem como indigno afeta a atividade dessas mulheres. Alguns valores produzidos socialmente - como a citada indignidade, acabam sendo considerados naturais, imutáveis e eternos. Para transformar a atividade de trabalho acreditamos que é preciso dar visibilidade e colocar em análise as normas e os valores que a tem constrangido, desnaturalizando-os e reconhecendo-os como produzidos em um contexto histórico-econômico que não podemos ignorar.

Pensando nisso, trazemos no terceiro capítulo uma discussão acerca da disciplinarização da sexualidade e de sua regulação biopolítica. O biopoder – disciplina e biopolítica –, pensado por Michel Foucault (2000), estará todo tempo permeando as discussões propostas. Neste capítulo, particularmente, pensamos em

como surgem as figuras das noivas e das prostitutas como opostas. Quais as condições de possibilidade que fazem surgir a forma mulher predominante nas sociedades capitalísticas?

Buscamos, a partir da história, formular o que possibilitou a construção do ideal de mulher que se disseminou nessas sociedades. Acreditamos que as diferenças produzidas entre as sexualidades do homem e da mulher ainda atuam no sentido de determinar modos de viver. A medicina tentou provar durante séculos que as prostitutas distinguiam-se das outras pessoas por meio de diferenças cerebrais e sinais orgânicos, situando-as no campo da anormalidade. As tecnologias de poder demarcaram e demarcam fronteiras e limites ao sexo e aos prazeres. Elas instauram regimes binários entre o permitido e o proibido, o legal e o ilegal e as condutas sociais passam a ter nome, classificação e hierarquia.

As afirmações de um tipo ideal de mulher, em contraposição a mulheres nomeadas como *da vida*, que vivem de determinado jeito e entram na prostituição por motivos semelhantes, alastraram-se e possibilitaram a forma hegemônica de se pensar essas mulheres e mesmo a forma como elas pensam a si próprias, determinando seu comportamento. Os modos de agir, perceber e pensar, desenvolvidos no meio de trabalho das profissionais do sexo, não estão isolados dos outros territórios de existência construídos. As normas sociais produzem e transformam, portanto, mesmo as que decidem delas fugir. Discursos criam mundos, e por isso a importância de analisar as tecnologias biopolíticas que os balizam.

Neste capítulo também procuramos analisar como essas mesmas tecnologias atuam nos Projetos de Revitalização dos grandes centros, sendo de nosso especial interesse o Projeto de Revitalização do Centro de Vitória, iniciado na década de 1990. Revitalização que fala de um processo de produção-reprodução de valores hegemônicos: o modo de vida da classe média que se torna referência para toda a cidade.

Outras questões contemporâneas reguladas pela biopolítica surgem no debate sobre a prostituição e fazem parte deste capítulo: o deslocamento do status dessas

mulheres de diabólicas a vítimas que se sacrificam em nome da família e o do enfoque na preocupação moral e sanitária, passando a disputar espaço com as perspectivas da cidadania e dos direitos sociais e humanos. Mudanças oportunas a um modo de funcionamento capitalístico no qual imperam formas precárias de trabalhar.

Pretendemos, com esse capítulo, questionar a homogeneidade e a naturalidade dos objetos e dos sujeitos que estão no mundo. O controle biopolítico da sociedade produz modos de pensar a prostituição que têm se efetivado por meio de padrões homogeneizadores de subjetividade e que interferem diretamente, por isso, na atividade das profissionais do sexo e nos efeitos políticos/subjetivos que têm sido produzidos.

Quando falamos de atividade humana, também partimos de uma direção de análise: utilizamos, para o desenvolvimento da pesquisa, o conceito de atividade formulado por uma linhagem francesa de estudos sobre o trabalho - a Ergologia e a Clínica da Atividade. Com a Ergologia, entendemos que o trabalhador nunca reproduz somente o que lhe é exigido; a atividade é a relação entre as normas antecedentes e a renormatização efetuada pautada por um debate de valores. O trabalhador defronta-se com as variabilidades que surgem ao trabalhar e busca maneiras de superá-las e efetivar seu trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). Com a Clínica da Atividade, incluímos no processo do fazer também aquilo que o trabalhador não fez, mas gostaria de ter feito; aquilo que ele considerou ser possível fazer e aquilo que ele considerou impossível (CLOT, 2006).

De acordo com Schwartz e Durrive, a atividade transgride todos os lugares: “Ela mergulha suas raízes, ou seu trabalho, no mais obscuro do corpo, o nosso corpo” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, p. 202). Abarca o que há de mais cultural, histórico. Transgride entendimento, vontade, razão, moral. Schwartz entende o trabalho como uma forma historicamente específica de algo mais geral, a atividade humana. Ninguém apenas se submete às situações de trabalho, vive-se e recria-se nelas.

No quarto capítulo, procuramos analisar, com a Clínica da Atividade, o trabalho das prostitutas, problematizando a visão hegemônica de que nessa atividade atuam pessoas que *não servem para nada*. Apresentamos não apenas os dramas humanos vividos, mas também as criações e renovações estilísticas presentes em todas as atividades, inclusive na das profissionais do sexo.

Seguindo essa forma de pensar a atividade, no quinto capítulo utilizamos a história de um filme, *L'apollonide* (2011), para tornar visível a atividade dessas mulheres muitas vezes invisibilizada. Elas têm obrigações, como todo trabalhador, compartilham estratégias, socializam e estabelecem laços afetivos entre si e com seus clientes, adoecem, sofrem, se divertem. Entretanto, a atividade está imersa nessa rede biopolítica e como todo fazer é impregnado de valores. Valores que afetam a atividade dessas mulheres, que muitas vezes se culpabilizam pelo que fazem. A essas mulheres é permitida voz, mas voz regulada e chamada a falar em momentos específicos, geralmente sobre os problemas da prostituição. Ao mesmo tempo, há luta: algumas profissionais brigam por outras formas de se falar da prostituição que não sejam moldadas por procedimentos normalizadores, mas nas quais o desejo dessas mulheres possa se exercer, quaisquer que sejam.

Procuramos aqui introduzir nossos percursos em um mundo vasto, polêmico e carregado de história. Percurso que fizemos sem a pretensão de ser neutros, ao contrário, afirmamos a não neutralidade de todo pesquisar. É importante afirmar, entretanto, que não avistamos, por isso, chegar a alguma conclusão ou certeza estanque sobre esta atividade - apesar de partirmos de algumas diretrizes, como mencionamos. O objetivo maior dessa pesquisa é poder justamente colocar em análise e pensar personagens de nossa sociedade que muitas vezes são tratados como se existissem independente das nossas atuações no mundo. Com isso, tentaremos analisar, daqui para frente, a atividade das profissionais do sexo do Parque Moscoso conversando com o local que atuam, com os valores que impregnam esse fazer e com os que são produzidos por ele, bem como com os conflitos e as criações que emergem na atividade dessas mulheres.

CAPÍTULO 1 – CENAS E PERSONAGENS

1.1- Cenas iniciais

Era o segundo turno das eleições, domingo à tarde, sol de verão no Brasil. À minha frente na fila de votação, uma mulher feliz pela possibilidade de votar novamente no Lula. - *Mas o Lula não está concorrendo nessas eleições!* - interpelei. Ela, com tranquilidade, explicou-me que a Dilma é o Lula, e que ele fez muitas mudanças em sua vida. Logo fiquei curiosa pelas benfeitorias do ex-presidente e me surpreendi ao ouvir que o Lula lhe *deu* uma pousada.

Falava uma mulher negra, uns quarenta e poucos anos, rosto suado. Suor que escorria nas costas, entre o decote na blusa vermelha e o sutiã estampado de onça. O short colava na pele, com o suor, um tanto de palavras que pareciam fora do meu domínio. Foi tudo que o *olho-do-visível*¹ pôde concluir.

Continuando a conversa por um misto de cortesia e interesse, insisti. Na tentativa de se fazer entender, identifica-se Priscila²: ex-prostituta, ex-cafetina, dona de uma pousada só para homens no Parque Moscoso. Durante a cafetinagem, inscreveu os filhos de suas *meninas* nos Programas Bolsa escola e Bolsa família³, conseguindo assim juntar grana suficiente para *sair da vida* e abrir uma pousada. *Por que apenas homens? Para que as mulheres deles saibam que aquela é uma pousada séria.*

¹ Para Rolnik, o olho-do-visível é aquele que percebe o que vimos a olho nu, não sendo com ele possível captar os movimentos de composição e decomposição das formas. O olho do visível só percebe o **efeito** dos movimentos (ROLNIK, 2011, p.36).

² Priscila é uma das profissionais do sexo com quem conversamos durante a pesquisa. O nome Priscila é fictício e foi inventado pela própria profissional a fim de que não fosse identificado seu nome de cartório.

³ De acordo com o site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, acessado em 14 fev. 2013, o Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que incorpora alguns outros programas, como o Bolsa Escola. A população alvo do programa é constituída por famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70 mensais, e está baseado na *garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos.*

Interessante como certas imagens colam na gente feito suor e saem como identidade nossa. A negra, a pobre, a prostituta, a exploradora sexual, a marginalizada. Relações que se caracterizam pela naturalização de práticas concretas ligadas à submissão, exploração, disciplinarização. Práticas instituídas e percebidas como naturais, eternas e necessárias. Práticas que servem a regimes de verdade de um tempo e os sustentam (COIMBRA; NASCIMENTO, 2007).

Apoderava-se de mim uma sensação de que a imagem que eu via e ouvia desfazia-se enquanto continuava vendo e ouvindo. De quem mais falávamos? Nosso diálogo ressoou em questões acerca da região em que morávamos e da relação entre as profissionais do sexo⁴, a comunidade, os comerciantes, a atividade, e a Unidade Básica de Saúde daquele território. Para ela, as questões que interferem no trabalho das profissionais do sexo que ali residem e/ou trabalham parecem estar mais ligadas às condições de trabalho, ao rendimento deste ofício, à falta de políticas previdenciárias e à parca presença do Sindicato existente em Vitória.

1.2- Primeiros desafios: a pesquisadora e sua câmera

Vou com frequência ao Parque Moscoso, Centro de Vitória, ES/Brasil. Em seu entorno existe alta concentração de casas de prostituição, hotéis com esse mesmo fim e profissionais do sexo “autônomas” circulando. Desde a inauguração em 1912, o Parque foi rodeado de algumas casas projetadas para funcionários públicos, outras para militares, além da residência presidencial. Logo chegaram os clubes, transferindo para o local o movimento social da cidade, onde foram construídas as melhores residências. Na década de 1940, conforme observa Mendonça em sua

⁴ Profissional do sexo é o termo utilizado pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) para designar pessoas que “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade” (p.810). Outros termos constados na CBO são: garota de programa (GP), garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo. Utilizaremos no decorrer do texto também outras designações comuns ao cotidiano das pessoas que realizam esta atividade, como puta. (BRASIL, 2010)

tese de doutorado denominada “Transferência de interesse no percurso da verticalização de construções em Vitória (ES)”, embora ainda se relacionasse a região do parque à população de mais alta renda da cidade, observavam-se “indícios da futura queda de prestígio social do local em função das casas de jogos e prostituição nas proximidades do parque” (MENDONÇA, 2001).

Nas idas ao Parque, acontece o encontro com um sem-número de instituições⁵ - mulher, prostituta, trabalho, saúde, preconceito, entre outras. Instituições que nos atravessam como pesquisadores com implicações afetivas, profissionais e institucionais, e que são constitutivas de nosso fazer. Essa conversa com Priscila, a princípio despreziosa, disparou inúmeras questões carregadas de curiosidade que giravam em torno do interesse em saber como aquela mulher lidava com o preconceito e com as dificuldades advindas da sua atividade.

Na conversa, compartilhei minha intenção em estudar a atividade das profissionais do sexo presentes na região do Parque. Ela demonstrou serem importantes estudos neste sentido e ofereceu-se a ajudar com o que fosse necessário, por exemplo arrumando um grupo de meninas para a pesquisa. Tornei-me rapidamente, e quase sem entender como, *a esperança das putas* - alguém que poderia **retirar** todas as *meninas* dos caminhos da prostituição.

Ela insistiu, inclusive, que eu me tornasse a presidente do sindicato. Algo que voltou a mencionar em todos os encontros que tivemos a partir de então, afirmando que “*aquelas lá são todas fracas e viciadas, coitadas*”. Colocou-se aí um primeiro desafio para a pesquisa: o analisador *presidente do sindicato das putas*. O analisador é o dispositivo que revela as contradições de uma época, permitindo a decomposição de uma realidade homogênea, para mostrar o caráter fragmentário de toda realidade.

Em vez de assumir esse lugar demandado por Priscila, discutimos com ela essa necessidade de alguém que retire as prostitutas da prostituição. Tentamos desnaturalizar a ideia de que essa seria a salvação e, mais ainda, de que essas

⁵ Instituição entendida como campos de forças instituídos num determinado momento histórico-político como formas únicas e verdadeiras de existir. Por exemplo, um certo modo de se entender a família, a mulher, o trabalho (ALTOÉ, 2004).

mulheres precisam de salvação. Precisávamos desinstitucionalizar a instituição *saber* colada na figura do pesquisador e colocar em análise a figura de prostitutas como vítimas. O que determina essa realidade na qual se necessita de alguém, que não as próprias profissionais, para modificar suas vidas?

Percebemos que a própria organização da análise foi geradora e moduladora de tal demanda, na medida em que, na conversa com Priscila, fizemos perguntas concernentes aos **problemas** relativos à atividade das profissionais do sexo. Ao procurar impotência, afirmamos impotência. Assim como o *olho*, o ouvido pode se interessar somente pelas formas, por aquilo que está dado. Talvez tenha sido o que procurei naquele momento. O exercício de pesquisar, entretanto, pode inventar para si outra escuta. Nesse sentido, agora importa menos a forma dessas instituições e mais seus movimentos de constituição - a experiência dessas mulheres em atividade.

As relações que o pesquisador estabelece com os sujeitos de sua investigação e os seus efeitos retoma o problema de objetividade e neutralidade nas práticas de pesquisa científicas. Reconhecer-me como pesquisadora *a priori* seria assumir algo com o qual não concordamos: mundo e sujeito já estão dados, prontos a serem investigados. Nesse modo de pensar a pesquisa, naturaliza-se um real que existe anteriormente ao pesquisador e que não se altera com sua presença.

Apostamos, de outra forma, em uma pesquisa em que o campo de pesquisa e pesquisador estão articulados e surgem no próprio processo de pesquisar. Como pesquisadores, não nos pretendemos neutros diante do tipo de conhecimento que produzimos. Ao contrário, acreditamos que pesquisador e pesquisado não se encontram apartados do mundo, nem tão pouco são estanques, e é exatamente no momento da pesquisa em que se produz objeto e pesquisador, sendo por isso o momento da intervenção. Esta não pode ser pensada como uma mudança antecipável, pois o que interessa nesse modo de pesquisar são os movimentos, as transformações. Movimentos que não podem ser definidos a partir de um ponto de origem, com um alvo a ser atingido, mas que devem ser acompanhados no próprio processo de pesquisar (BARROS; PASSOS, 2000).

Penso, em consonância com Coimbra e Nascimento, no quanto nossas práticas de saber-poder produzem verdades universais, nos seus efeitos e no que elas põem em funcionamento (COIMBRA; NASCIMENTO, 2007). Na conversa, buscava o lugar de pesquisadora, ocupava o lugar de saber e fui designada ao lugar de *salvadora das putas*, alguém que as tiraria da prostituição: esse sistema de lugares traz riscos.

Ocupar o lugar de especialista que sabe o que é melhor para aquelas trabalhadoras seria desqualificar a experiência das próprias mulheres que ali atuam. Dizer que alguém, que não elas, pode falar sobre o que é melhor para elas. Assim como pretender salvá-las traz uma série de outros riscos, como o de afirmar que elas precisam ser salvas de algo, invalidando o que fazem e colocando-as no lugar de mulheres fracas e vítimas.

Estávamos repletos de questões. Intencionávamos realizar uma pesquisa, em forma de documentário, concernente à atividade de trabalho das profissionais do sexo do Parque Moscoso. Questionávamos-nos como se efetiva o trabalho dessas mulheres e que efeitos políticos/subjetivos são produzidos nessa atividade. Ao iniciar o trabalho de campo, percebemos que a atividade delas acontecia, muitas vezes, em segredo. Um segundo desafio nos foi colocado: como estabelecer as bases para um diálogo com trabalhadoras para as quais o segredo é uma estratégia de trabalho?

Algumas mulheres não quiseram conversar conosco, nem nos conhecer, justamente para que seu trabalho permanecesse em segredo. Katie e Fernanda⁶, duas mulheres com as quais conversamos, não queriam, a princípio, falar que eram prostitutas. Para elas, os locais de conversa não poderiam ser qualquer um, pois nenhum conhecido poderia ouvir. Percebemos que conversar com elas e falar de assuntos como prostituição, sexo e clientes era antes de tudo a construção de uma relação de confiança.

Nossas intenções foram e são constantemente moduladas por um real imprevisível e que nos desafia, coloca à prova nossas pretensões. Ao falar da filmagem com Priscila, ela argumenta não ser de um documentário que elas precisam, mas de algo

⁶ Nomes fictícios escolhidos pelas próprias mulheres como forma de mantê-las no anonimato.

ou alguém que as tire da prostituição. Paradoxalmente, defende a utilidade pública da prostituição e coloca-se radicalmente contra a entrada de mais e novas mulheres nesse meio:

Priscila: - *É, mas eu penso assim, isso é uma coisa que todo mundo já fez. Isso que passa na televisão... Documentário. Toda semana tem. [...] Você podia fazer uma ONG... Eu queria uma ONG diferente. Ela tá entrando hoje na prostituição, a gente já arrumar uma instrução pra ela. Tirar. Não deixar aumentar, entendeu? Tirar.*

Pesquisadora: - *E se ela quiser?*

Priscila: - *Não, elas nunca querem.*

Pesquisadora: - *Você acha que não?*

Priscila: - *Dinheiro sim. Se prostituir não. Só que elas têm dificuldade pra arrumar emprego. Aí têm o corpo, aí é mais fácil pra arranjar o dinheiro. Porque um programa hoje tá 10, 15 reais aqui. Menos que o salário mínimo. Você tá entendendo aonde chegou o programa, prostituição? Claro que tem de 50, tem, né?*

Ela avisou que não aceitaria ser filmada, pois não queria que seu filho soubesse sobre sua história de vida. Foi taxativa ao dizer que nenhuma garota de programa dali aceitaria também ser filmada. De fato, nem mesmo o grupo com meninas que parecia ser facilmente arranjado por ela aconteceu. Encontro após encontro, um motivo diferente: *ela não veio porque estava muito sol e foi à praia; elas estão dormindo ainda, porque ontem eu saí com elas para beber e chegamos hoje de manhã; e, a mais recorrente, elas não querem ser apresentadas a você. Mas por que não? Elas têm medo. Medo de você ser jornalista, assistente social, polícia, e qualquer profissão que sirva como forma de controle. Medo de que amanhã a família delas descubra, por sua causa, que elas são prostitutas.*

Deparamo-nos com uma convocação que nos acompanhou durante todo o processo de pesquisa: teríamos que tecer outras formas de pesquisar para lidar com o modo-segredo constituinte dessa atividade. Um desafio que surgiu ao trabalharmos com populações que habitualmente não trabalhamos, como as profissionais do sexo.

Decidimos, assim, abandonar as filmagens e produzir com elas outras formas de falar da atividade que não fossem mortificantes por tocar exatamente no que parece ser o maior impedimento de seu agir: o segredo da profissão.

Habitar essa paisagem nos “forçou” a modular um pouco nosso campo problemático e a buscar outras estratégias metodológicas tanto para encontrar e conversar com essas profissionais, quanto para abordar o tema da prostituição. Ir a campo fez com que algumas questões permanecessem, mas também que outras surgissem. A partir delas, tivemos que produzir estratégias de pesquisa diferentes das que havíamos pensado - modificamos o modo de usar a instrução ao sócia, a escrita do texto, a forma de procurar por essas mulheres e de conversar com elas.

Embora não tenha sido possível o documentário, nos utilizamos dos encontros com as profissionais do sexo do Parque Moscoso para composição de um roteiro de filmagem. O roteiro seria um modo de sistematização das cenas que surgiram ao longo da pesquisa. Também daria visibilidade tanto aos aspectos locais, o cotidiano das prostitutas que trabalham nas redondezas do Parque, quanto aos aspectos mais amplos a respeito desse tipo de atividade: o preconceito, o segredo, a violência, a regulação.

No campo, outras velocidades emergiram para os nossos encontros. A frequência de visitas ao Parque Moscoso aumentou, passamos pelos bares da região, conversamos com seus donos e atendentes.

Uma das estratégias metodológicas consistiu na convivência com as pessoas no local da pesquisa. Ali tivemos contato com outras prostitutas que atuam nos arredores do Parque Moscoso. Essa região, hoje, é reconhecida como local de prostituição, também relacionada à violência, ao uso de drogas, à vagabundagem e à doença. Esse mesmo local, entretanto, ainda abriga famílias tradicionais de Vitória, novos moradores, escolas, igrejas, monumentos históricos e lojas diversas e associa-se à ideia de lugar pacato, ótimo para moradia e criação de filhos.

Nesses percursos, nasceram nossos objetivos: analisar as formas de enfrentamento e de invenção de modos de existência no trabalho das profissionais do sexo e conhecer como operam as diferentes normas que se impõe ao seu ofício. Um trabalhar que atualiza arranjos não antevistos e uma memória compartilhada por

meio de macetes e estratégias que servem para transformar a atividade e mesmo torná-la vivível em alguns casos.

1.3 - Outros personagens e a instrução ao sócia: pistas para um roteiro possível

Havíamos sido alertados quanto à rigidez dos donos das casas de prostituição ao redor do Parque Moscoso e, por isso, não deveríamos subir suas escadas sozinhos. Poderíamos conversar com aquelas mulheres que ficavam pelas calçadas, na praçinha. Mas como saber qual delas era prostituta? Como perguntar para qualquer mulher se ela é garota de programa? Tentamos ajustar o foco para não perder alguns relances dessa atividade tão embaçada pela moral hegemônica.

Nas andanças pelos bares, conversei com algumas atendentes e pedi a elas que fosse apresentada às prostitutas que trabalhavam ali. Começa o diálogo com Fernanda, garçoneiro muito solícita que ligaria caso encontrasse alguma garota de programa que concordasse conversar comigo. Ela ligou depois de uma semana combinando um encontro no bar onde trabalhava no sábado de manhã, pois o movimento ainda estaria fraco. Chegando lá, avisou que na verdade não havia prostituta para me apresentar. Desculpou-se por me fazer ir até o bar, porém não conseguia falar o que queria por telefone. Alguém poderia *ouvir ou gravar a ligação*. Puxou-me para um canto e disse baixinho: - *Eu mesma já fui prostituta. A cozinheira, Katie, também. Mas a gente não está mais nessa vida não. Só que a gente gostaria de falar com você. Pode ser?*

Marcamos a conversa para outro momento, dentro do Parque. Nenhuma das duas queria que os colegas de trabalho ou o patrão soubessem desse trabalho anterior. As duas, ainda que não estivessem trabalhando como profissionais do sexo naquele momento, haviam dedicado uma boa parte de suas vidas a isso. As idas e vindas

eram inclusive constantes: quando se juntavam a um marido, largavam a prostituição; quando largavam do marido, voltavam a ela. Além disso, elas desejavam falar, pareciam precisar de um momento para contar abertamente suas histórias.

Essa se tornou uma oportunidade para construirmos com elas um **roteiro de sua atividade**. Construir um roteiro coletivamente poderia nos permitir acessar uma dimensão da vida daquelas trabalhadoras que não ficasse limitada aos aspectos de uma qualificação a priori relativa à sua atividade. Principalmente, precisávamos construir esse roteiro sem tocar em temas como filmagem, gravação, TV, documentário, pois falar disso seria tratar de uma questão cara para elas: o segredo. Optamos por utilizar a metodologia da *instrução ao sócia*, proposta por Ivar Oddone. Essa metodologia nos permitiria construir nosso roteiro sobre a atividade dessas mulheres acessando a experiência de trabalho de outra forma.

No processo de construção do roteiro podemos “rebobinar” cenas passadas, reavaliá-las, montar a cena mais uma vez. Não como mera repetição do que foi realizado anteriormente, e sim como outra realização. Ivar Oddone propôs a *instrução ao sócia* ao investigar a atividade profissional dos operários da FIAT⁷. Oddone empregou essa estratégia por não conseguir fazer com que os operários falassem sobre seu trabalho utilizando perguntas diretas. Com esse procedimento percebeu ser possível obter detalhes do trabalho humano ao instruí-los a falar sobre ele como se falassem a um sócia. Utilizamos essa estratégia criada por Oddone justamente por também não conseguirmos fazer com que as profissionais do sexo falassem conosco diretamente sobre seu fazer realizado.

Para Yves Clot (2010), a instrução ao sócia é uma maneira do trabalhador se confrontar consigo mesmo. Ao dialogar com o pesquisador, o trabalhador não expressa apenas as atividades já realizadas, mas também revive o passado e faz o

⁷ O psicólogo italiano Ivar Oddone pediu aos operários da FIAT que falassem das suas principais dificuldades no trabalho. A pesquisa, entretanto, fracassou, porque os operários falavam apenas do que idealizavam fazer, e não do fazer realizado. Oddone resolveu então levar o trabalhador a imaginar que seria substituído no dia seguinte e que ninguém poderia perceber essa substituição. Sendo assim, inventou o procedimento chamado instrução ao sócia, no qual o trabalhador deveria instruir seu sócia, transmitindo-lhe o que fazer no seu lugar o mais fielmente possível (CLOT, 2010).

passado reviver no presente, para a ação presente. O vivido se torna meio para a realização de outros possíveis.

Retornando ao âmbito dessa pesquisa, a atividade de trabalho dessas profissionais não está dada, esperando nossa validação. A análise do trabalho pode acessar o **real da atividade** dos sujeitos por meio das marcas que esse real deixa. A atividade não é somente aquilo que se faz. O real da atividade é também aquilo que não se pode fazer, aquilo que não se diz do que faz. O que estas profissionais fazem pra não dizer o que fazem e manter a atividade em segredo, aquilo que dizem que fazem e que depende de para quem a fala está sendo dirigida, bem como aquilo que elas fazem do que elas dizem (CLOT, 2006).

O compartilhamento da experiência é regulado por seu destinatário. Ao se dirigir à pesquisadora, as trabalhadoras estão realizando uma atividade. Ao narrar suas experiências, há a modificação e a reorganização de suas atividades. Objetivamos deslocar a atividade do nível das idealizações - como, por exemplo, que ser prostituta é um trabalho fácil, que não há necessidade de aprendizagem, que a atividade é reduzida ao ato sexual - ao nível material em um novo contexto, na e pela linguagem (CLOT, 2010).

Katie e Fernanda toparam a conversa, sob a condição que fosse sempre com as duas, nunca separadamente. Adaptamos o método às exigências que as circunstâncias da pesquisa exigiam. Falar com as duas ao mesmo tempo trouxe alguns deslocamentos ao processo investigativo. Tivemos algumas derivações, acompanhando o movimento processual da pesquisa, como, por exemplo, não conseguir que elas apenas instruissem o sócio, em vez de também contar suas histórias no passado – ***Eu fazia assim. Que nem nós, nós entendíamos de tal maneira.*** O exercício de instrução teve de ser constantemente retomado, lembrado.

Em dupla, contudo, foi possível que elas dirigissem ora a fala ao sócio, ora a fala a seu par. Em diversos momentos uma interpôs a outra, corrigindo a orientação dada ao sócio. Dessa forma, tornaram-se visíveis algumas ações que se passavam

despercebidas durante seus dias como profissionais do sexo. Quando Katie para a cena, por exemplo, e diz à Fernanda que, na verdade, a primeira coisa que faziam ao acordar era fumar um cigarro. O ato de fumar todos os dias ao acordar provavelmente já era tão rotineiro na vida de Fernanda que ela já nem se dava conta.

Em uma das vezes que marcaram de nos encontrar, as duas amigas brigaram, impossibilitando uma conversa em conjunto. Fernanda decidiu não querer falar separadamente, preferia esperar a resolução do conflito. Não apenas por se apoiar na coragem de ter com ela uma colega ao falar, como também pelo prazer que havia sido compartilhar com Katie aquelas histórias de quando foram putas. Em outro momento, uma delas foi visitar o filho *de última hora* no interior do Estado.

Fomos pessoalmente até elas durante o horário de trabalho no bar. Fernanda estava de folga, Katie conversou conosco. Disse estar com saudade e com muita vontade de ler a transcrição. Continuou, porém, desmarcando os encontros. Uma colega delas, que concordou em conversar conosco por intermédio das duas desde que falassem todas juntas, desmarcou todas as vezes. Ela não podia parar o que estava fazendo para conversar conosco. As profissionais que marcaram encontro conosco por meio de Priscila, a ex-prostituta da fila de votação, também desmarcaram todas as vezes, nem chegamos a conhecê-las.

Posteriormente à instrução ao sócia com Katie e Fernanda, escolheríamos juntas quais cenas entrariam na construção de nosso roteiro sobre a atividade das prostitutas do Parque Moscoso. Após todos esses desencontros, entretanto, não foi possível seguir com a ideia original. Não conseguimos novo encontro com Katie e Fernanda no qual pudéssemos compartilhar as transcrições da instrução ao sócia e criar juntas o roteiro. Igualmente não conseguimos conversar sobre a escolha das cenas com Priscila, pois ela mudou de residência e não se encontrava em sua Pousada no Parque nas inúmeras vezes em que a procuramos.

Mantivemos a produção do roteiro sem a participação direta das trabalhadoras, porém é importante ressaltar que os encontros que tivemos dispararam e

modularam a escrita e a escolha das cenas presentes nessa dissertação. Ao deixar Fernanda e Katie livres para falar de sua atividade, desde o momento em que acordam a hora de dormir, elas fizeram a escolha de quais atividades falariam à pesquisadora. As cenas baseadas na transcrição da instrução ao sócia são, portanto, as cenas escolhidas pelas próprias trabalhadoras ao narrar suas atividades. Algumas cenas foram feitas a partir das transcrições das conversas com Priscila, outras disparadas pela vivência no Parque Moscoso durante os dois anos de pesquisa e foram escolhidas a partir das leituras sobre o Parque, sobre a prostituição e sobre como se dá em Vitória.

CAPÍTULO 2 – O LOCAL

2.1 – Breve histórico da criação de Vitória e da ocupação do Centro da cidade.

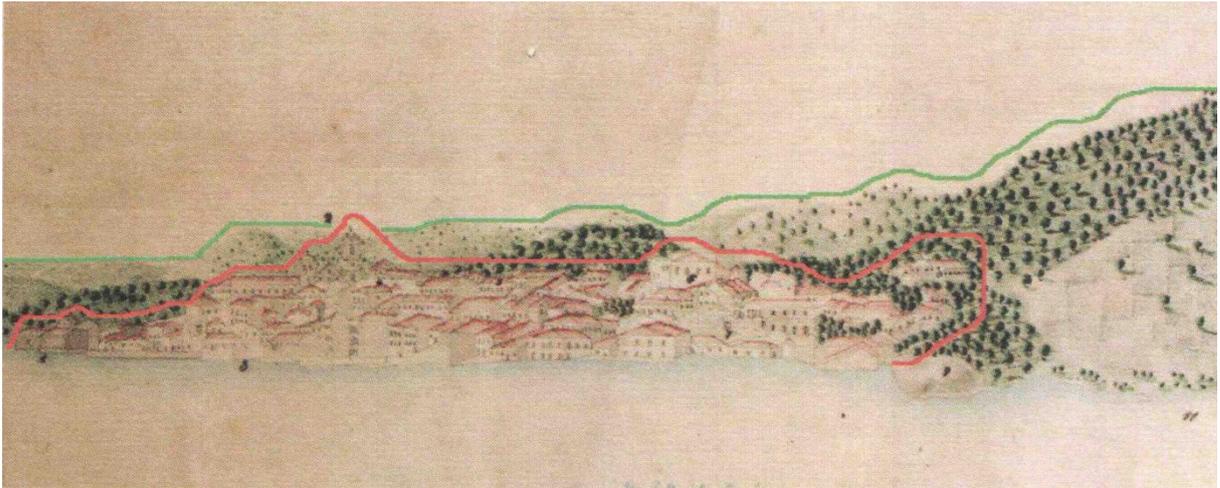
A pesquisadora vai à biblioteca para pré-produção do roteiro por entender que o objeto que surgiu na sua construção – as prostitutas do Parque Moscoso – é feito de elementos históricos. Tudo que temos hoje é formado pela e na história, que fará parte do roteiro quando ouvirmos relatos da boate Scandinave. Fará parte dele também quando pensarmos nos usos diversos do próprio Parque. Ele sempre esteve ali? Em seu entorno já habitavam tantas pessoas quando foi construído? A que serviu sua construção?

A câmera nos acompanha. Percorremos com ela em volta de todo o Parque. Vemos a escola em seu entorno, o Cine-Erótico. Vemos os prédios, todos muito altos. Vemos algumas casas, datam de 1912, padarias e lojas de noivas. Ainda vemos locadoras. A câmera continua a rodar. Vemos um belo casarão antigo, percebemos ser um laboratório químico. Vemos uma pousada em outro casarão antigo, esse parece em ruína. Mais pousadas e pequenos hotéis ao seu lado. Vemos lojas de sapatos em casas mais novas, construídas em forma de caixotes. Um ponto de ônibus, um cruzamento. Centenas de carros estacionados nas ruas ao redor.

Construções altas, baixas e diferentes pessoas preenchem a cena. A paisagem parece agregar qualquer coisa que apareça nela. Estudantes passam. Moradores de rua passam. Médicos passam. Profissionais do sexo passam. Lavadores de carro, aos montes, também passam. De um lado ao outro, por dentro ou por fora do Parque. A câmera continua a rodar, parece nos deixar um pouco tontos, embaralha a nossa visão. E, de repente, o cenário muda. Estamos alagados. Vemos apenas casas baixas, bem ao longe. A câmera continua rodando, tenta nos inquietar. Estaríamos no mesmo lugar?

A cidade de Vitória foi fundada em 1551 por colonos portugueses. Segundo Klug, em “Os reflexos do planejamento urbano na construção da paisagem da cidade de Vitória – ES”, a escolha do local se deu devido à localização estratégica e à condição geofísica da ilha - ideais para a instalação de fortificações e para a proteção contra invasões e ataques inimigos e indígenas. Os colonos portugueses objetivavam implantar em Vitória, então *Ilha de Santo Antônio*, o novo núcleo urbano da capitania do Espírito Santo (KLUG, 2004).

O núcleo fundacional de Vitória estabeleceu-se em cima de um platô com uma encosta de aproximadamente 30 metros de altura - região hoje denominada de *Cidade Alta*. Em seu entorno estavam o mar, o relevo do *Macijo Central* – atualmente chamado de *Morro da Fonte Grande* - e algumas áreas alagadiças. Essas características limitavam o crescimento da vila, que no período inicial se deu de forma mais horizontal. Ao visualizar Vitória, percebia-se o *Macijo Central* ao fundo, tendo destaque as igrejas e os edifícios mais altos. Foi a partir desse núcleo fundacional que a cidade de Vitória se expandiu e se desenvolveu (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2012).



Vila de Vitória em 1767. A linha vermelha mostra a cidade e a linha verde o contorno do Maciço Central. Fonte: KLUG, Leticia Beccalli. **Vitória: sítio físico e paisagem**. Vitória: EDUFES, 2009.

No começo do século XIX, a Ilha começou a se expandir. As atividades comerciais da Capitania do Espírito Santo se intensificaram; a população, a economia local e a necessidade espacial cresceram. Vários pequenos aterros foram feitos e com eles surgiram algumas indicações técnico-sanitárias que sugeriram a realização de novos.

Com a modernidade, a sociedade se modificou e com ela mudaram as diferentes formas de controle social. Um conjunto de reformulações econômicas, sociais, políticas e culturais colaboraram para alterar os interesses e preocupações na forma como esse controle era realizado, contribuindo para a transformação de diversos usos e práticas relacionadas à configuração do corpo no espaço.

A modernização, embelezamento e maior expansão de Vitória foram promovidos pelo poder público a partir do fim do século XIX. Partes da cidade foram remodeladas e novas áreas anexadas para expansão do tecido urbano. Vários projetos e planos foram produzidos para a cidade (KLUG, 2004).

Com as ideias do movimento higienista⁸ disseminadas por todo o Brasil, a circulação e a segregação espacial se tornaram uma questão para Vitória, que, no século XX,

⁸ O movimento higienista no Brasil data do final do século XIX e início do século XX, tendo seu apogeu na década de 1920 quando da criação da *Liga Brasileira de Higiene Mental* por Gustavo Riedel. Contudo, os efeitos e práticas desta época podem ser percebidos ainda nos dias de hoje. Tal movimento herda das teorias eugênicas e racistas o legado de segregação por raça e pelas *qualidades morais* dos indivíduos, os quais devam ser considerados perigos sociais. Claramente

creceu em direção ao Novo Arrabalde. Nos termos de Foucault, higienizar as cidades é uma maneira de gerir a vida em nome da defesa social e também de uma regulação do território de modo a intensificar a circulação, porém dentro dos limites das práticas de segurança (FOUCAULT, 2000).

Conforme Monteiro, na obra “Vitória: cidade e presépio; os vazios visíveis da capital capixaba”, a arquitetura da cidade começa a se transformar seguindo este ideal. As vias de Vitória se tornaram mais largas e amplas, dando um novo ritmo ao fluxo de pessoas. A cidade principiou a se dividir, tendo suas funções cada vez mais especializadas: a parte alta passou a abrigar edifícios administrativos e religiosos; a baixa, inúmeras casas comerciais e diversos serviços, como mercado, correios e bancos (MONTEIRO, 2008).

Podemos ver a segregação espacial e a regulação do território no comentário de Serafim Derenzi a respeito de Vitória:

Vitória tornou-se cidade habitável, quanto às condições sanitárias, e em pé de igualdade com as melhores capitais brasileiras. Água pura e abundante, serviço regular de limpeza pública, hospital moderno, isolamento discreto para doentes contagiantes, polícia domiciliária, laboratório de análise, ruas feericamente iluminadas, deram fama à cidade, que, anos após anos, ganharia o apelido de Cidade-Presépio⁹ (DERENZI, 1995, p. 163).

De 1908 a 1912 Jerônimo Monteiro governou a cidade. Ele criou o *Plano de Melhoramentos e de Embelezamento de Vitória* que foi responsável pelo aterro e ajardinamento de mangues, demolição de casas para construção de edifícios públicos, saneamento e retificação de ruas, além da instalação de redes de água, esgoto e energia elétrica na área central (KLUG, 2004), dando continuidade ao higienismo da cidade.

A arquitetura colonial, com casas baixas e ruas estreitas, foi substituída por inúmeras novas construções – bancos, hotéis, farmácias, padarias, cinemas. O

contra negros, pobres e mestiços – ou seja, a maior parte da população brasileira -, o movimento higienista extrapola o meio médico e alia-se a outros saberes, como pedagogos, arquitetos, juristas, adentrando em todos os campos da sociedade brasileira (COIMBRA, 2006).

⁹ A cidade passa a ser conhecida pelo apelido de *Cidade Presépio* devido às ruas iluminadas, destacando a implantação orgânica sobre a topografia acidentada (KLUG, 2004).

então *conjunto de São Tiago*, que já abrigava a residência presidencial e a sede administrativa do governo, foi reformado para dar lugar ao *Palácio do Governo*. Em 1912, foi criado o primeiro Parque público de Vitória: o Parque Moscoso (MENDONÇA, 2006). Situou-se na área do antigo Campinho dos tempos coloniais, local originalmente de um extenso manguezal o qual foi aterrado por indicações técnico-sanitárias (MUNIZ, 1985).

O Parque Moscoso foi projetado com o intuito de ser o primeiro bairro destinado exclusivamente à burguesia que nascia em Vitória, evidenciando um processo de segregação e hierarquização socioespacial. Sua construção foi não só destinada a melhorar a salubridade local, como também a educar a população para a modernidade com práticas como o *ócio ao ar livre* (PRADO, 2004, p.94). A construção do Parque valorizou os terrenos de entorno onde foram construídas elegantes casas da elite de Vitória, tornando-se o cartão de visitas da cidade (MUNIZ, 1985).



Aterro do Campinho em 1910, atual Parque Moscoso. Fonte: Arquivo Geral do Município de Vitória – (Acervo Fotográfico. VITÓRIA (Município). Governo Municipal. **Acervo Fotográfico**. Vitória: Arquivo Geral do Município de Vitória, Arquivo Permanente).

Nesse momento, a pesquisadora para e se dá conta de que não sabia que aquela região era fruto de um aterro. Perdemos a noção das inúmeras intervenções que vão

sendo feitas nos cenários para que eles se constituam como tal. Como, por exemplo, a noção de que o parque já foi um manguezal, de que já fez parte de projetos higienistas, de que foi ponto de epidemias na cidade, vindo a ser um bairro da elite até chegar ao lugar repleto de lojas de vestido de noivas, prostitutas atuando em suas calçadas, jogo do bicho, tráfico. Alguns novos pequenos aterros foram feitos com a justificativa de facilitar a função portuária na chegada de embarcações (MENDONÇA, 2006). O Estado também propôs melhorar o sistema de circulação para dar suporte às atividades econômicas, bem como dividir a cidade e realizar obras de embelezamento, mudanças essas vistas na época como progresso que almejava atrair investidores que transferissem para Vitória suas moradias e negócios.

Essas transformações na arquitetura da cidade se deram em um momento em que o urbanismo pregava a necessidade de ruas largas e amplas para uma boa circulação da população e dos ares, evitando as epidemias e intensificando a possibilidade de controle do fluxo da população. Valendo-se do argumento de tornar o meio urbano salubre, o Estado se legitimou a legislar nos âmbitos urbano, arquitetônico e moral. Nos locais onde ocorreram essas transformações, a população pobre foi transferida e foram apagados os antigos vestígios do casario colonial, com casas separadas por estreitas passagens – arquitetura inadequada ao livre fluxo de mercadorias necessário ao novo sistema industrial e tomado como propícia às epidemias.

Estas transformações foram feitas para o uso da sociedade, mas especialmente da parte rica dela. Certos padrões de centralização e de segregação social foram estabelecidos em Vitória. No antigo bairro de pescadores e operários que ficava na parte baixa da cidade, constantemente alagado pelas marés, foram feitas inúmeras transformações. No lugar dos becos, moradias e Igreja foram construídos teatros, cinemas, clubes e restaurantes (região onde hoje se encontra a *Praça Costa Pereira*).

Na parte denominada Cidade Alta, várias edificações foram demolidas no entorno da Igreja da Matriz. A própria Igreja, de arquitetura colonial foi demolida e deu lugar a outra em estilo neogótico - à *Catedral Metropolitana de Vitória*. Nessa região

retiraram a parcela menos privilegiada economicamente da população, incluindo uma antiga zona de prostituição (PRADO, 2004).

No governo Florentino Avidos (1924-1928), ocorreram mudanças mais radicais no desenho da cidade e na sua relação com a paisagem natural (MONTEIRO, 2008). Deu-se início à implantação do Projeto do Novo Arrabalde com recursos advindos da economia cafeeira. A questão sanitária foi ponto importante no Projeto de Saturnino de Brito, já que áreas insalubres dentro da cidade se tornaram focos constantes de epidemias (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2012). Brito intencionava construir uma nova paisagem urbana para Vitória (KLUG, 2004).

O remodelamento da principal rua comercial de Vitória, a *Rua da Alfândega*, ajudou a orientar o crescimento da cidade na direção do Novo Arrabalde, o qual passa a fazer parte da zona urbana da cidade. No final de 1920, a cidade estava dividida entre o núcleo urbano inicial, chamado de Centro, e a região chamada de Novo Arrabalde (MONTEIRO, 2008). Apesar disso, o Centro continuou a ser a região privilegiada de Vitória (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2012). A construção do Porto na capital possibilitou a construção da primeira grande ponte da cidade, a Ponte Florentino Avidos ou Cinco Pontes, que permitiu a expansão da silhueta da paisagem urbana de Vitória antes concentrada apenas nas proximidades do núcleo central (KLUG, 2004).

Nos anos de 1930 e 1940, moradores de diferentes classes sociais conviviam no mesmo espaço, residências de maiores dimensões e estética refinada encontravam-se próximas a outras mais simples e menores e às “casas tipo” para operários. Com a conclusão do Porto em 1942, intensifica-se a ocupação da área próxima às praias, transferindo o bairro residencial de elite – então no bairro do Parque Moscoso, ao lado do novo complexo portuário -, a um local mais tranquilo e promissor (MONTEIRO, 2008).

No ano 1945, o então prefeito de Vitória - o engenheiro Henrique de Novaes - contrata a Empresa de Topografia Urbanismo e Construção Ltda. (ETUC) para produzir um plano desenhado para a cidade. Ainda que o Plano não tenha sido

implantado, esse foi um momento importante e diferente no processo de planejamento de Vitória, pois aparece como preocupação a reestruturação de bairros ocupados por população de baixa renda e a ocupação de vazios urbanos que faziam parte da paisagem. As intervenções propostas no plano de urbanização até então tinham preocupações estéticas e funcionais que visavam a produzir uma paisagem de Vitória excluindo as camadas mais populares do planejamento. As ocupações irregulares eram extintas sem que houvesse propostas para a habitação dos moradores. Em seus lugares, eram construídos bairros aristocráticos, jardins ou parques (KLUG, 2004).

Emerge então como uma questão na década de 1950 a construção desenfreada de altos edifícios no Centro de Vitória, que ainda se caracterizava como a mais importante área comercial e institucional da cidade. O processo de verticalização nessa área tornou os prédios visualmente mais perceptíveis que o sítio físico e histórico devido ao aumento desproporcional de suas alturas (MONTEIRO, 2008).

Essa verticalização causou impacto visual na paisagem de Vitória, bloqueando a vista de elementos importantes como o Maciço Central, a baía, o porto, os navios e o mar. Com a rápida verticalização do Centro da cidade, o modelo de planejamento passou a ser guiado por lei, como a de nº 351 de 1954, por exemplo, que instituiu o Código Municipal de Vitória e estabeleceu o limite de 12 pavimentos para as construções na área central (KLUG, 2004).

Como facilitador desse processo de verticalização, o poder público abre um novo espaço para reprodução do mercado imobiliário no Centro, realizando o aterro da Esplanada Capixaba, no início da década de 1950 (MENDONÇA, 2001). Esse aterro, segundo Klug (2004), acabou com os últimos vestígios que ainda existiam do antigo desenho da ilha. O processo de expansão da malha urbana de Vitória, em especial a área central, modificou ao longo de anos o sítio físico original dessa região, já que o poder público definiu por legislação apenas a altura dos edifícios, deixando para o mercado imobiliário a possibilidade de adotar um melhor aproveitamento dos terrenos.

Na década de 1970, temos como ponto importante o crescimento da população, provocado pela construção das grandes companhias – Companhia Siderúrgica de Tubarão e Companhia Vale do Rio Doce. A ausência de uma política habitacional por parte do poder público levou à ocupação intensiva dos morros da capital e da área de manguezal localizada no canal oeste da baía pela população de baixa renda.

A verticalização do Centro se consolidou com mais força a partir da década de 1970, quando passou a ser não só centro da cidade de Vitória, mas da aglomeração urbana da Grande Vitória. A partir dessa década, de acordo com o **Projeto Visitar – Um povo, uma cidade, uma história** (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2012), houve a *deterioração, o abandono e o esvaziamento* do Centro de Vitória. Ao final desta década, o Centro não mais comportava o aumento exacerbado de fluxos provocado pelo aumento populacional. O Centro começou a apresentar-se saturado e inadequado para novos investimentos, deslocando a população e o comércio para a parte norte da Cidade.

Na década de 1970, a área continental, já conhecida como *Distrito de Goiabeiras* – torna-se região prioritária dos investimentos públicos dada a expectativa de desenvolvimento da região da Grande Vitória. De acordo com Monteiro (2008), seu complexo viário básico já se encontrava consolidado e compreendia as avenidas *Fernando Ferrari* (antiga estrada do aeroporto), *Dante Michelini* (antiga avenida da Praia) e *Adalberto Simão Nader* (antiga avenida Ponta de Tubarão).

O Plano de Desenvolvimento Integrado de Vitória (PDI) de 1973 teve como base a definição de um conjunto de diretrizes de planejamento urbano que serviriam para orientar as futuras transformações pela qual a cidade passaria (KLUG, 2004). Esse foi o primeiro plano que tocou na questão da preservação do Centro histórico de Vitória: o plano teve como proposta a restrição de dois pavimentos nas construções da parte alta da cidade; em suas encostas e imediações, respeitados os edifícios existentes, poderiam ser construídos outros com no máximo seis pavimentos. Essa foi uma primeira tentativa de barrar o crescimento desordenado da verticalização na

área central de Vitória, definindo alturas mais restritivas às novas construções e impedindo a construção em algumas áreas.

Esse plano constituiu um marco na história urbana de Vitória, pois está inserido na categoria dos superplanos desenvolvidos no período, usados como instrumentos técnico-científicos para o controle do uso e da ocupação do solo e, portanto, da produção da paisagem urbana. Suas diretrizes e propostas, entretanto, não trazem à discussão nem explicitam quais interesses estão por trás da produção do espaço urbano. O PDI resultou como indicativo da expansão que veio a ocorrer na área norte da ilha de Vitória e da exploração imobiliária deste local.

Na década de 1970 a verticalização na área central se consolida definitivamente com a ocupação da Esplanada e o surgimento de inúmeros edifícios na região da Cidade Alta. A partir de 1975, foram realizados os últimos aterros que transformaram o contorno e a percepção da cidade. O aterro da *Praia do Suá* (região do Novo Arrabalde) modificou completamente a orla da baía de Vitória. A cidade ganhou terras ao mar e incorporou as *Ilhas do Boi*, do *Papagaio*, do *Sururu* e do *Bode* e o litoral da *Praia do Canto*. Essa nova área estava sendo preparada para ser o novo centro da cidade, tendo sido planejado como um bairro institucional. A verticalização da área serviria como um atrativo para os investidores. Pretendia-se, dessa forma, estabelecer um novo centro à cidade, que passasse a ideia de metrópole desenvolvida urbana e economicamente.

A pesquisadora percebe que, em todos os textos sobre a urbanização de Vitória, os arquitetos relatam a *deterioração* do Centro, sobretudo os contemporâneos, já que os da época estavam de certa maneira engajados nesse projeto de ocupação do espaço. No entanto, a verticalização, embora colocada como causa da degradação, não foi a única causa de o Centro ter deixado de ser centro. Coaduna-se a ela, como visto, a influência da dificuldade de controle dos fluxos na arquitetura colonial do Centro histórico; a especulação imobiliária; a chegada dos operários para construção do porto, fazendo com que a elite modificasse o local de suas moradias; e as indicações técnico-sanitárias, exatamente pelo Centro ser esse espaço de difícil circulação.

O processo de construção da paisagem de Vitória foi, durante séculos, promovido pelo Estado. Até os anos de 1950, aproximadamente, foi o Estado quem gerenciou os loteamentos e induziu o processo de urbanização. Quando a atividade imobiliária se tornou lucrativa na cidade, ele parou de promover e planejar a expansão urbana para se restringir ao papel de legislador, dotando a cidade de infraestrutura para a reprodução do capital, que passa a direcionar a construção da paisagem:

A produção de planos diretores tecnicistas, cheios de diretrizes bem intencionadas, na verdade, ocultam as relações de poder que se colocam na produção do espaço urbano e que, de fato, são os reais definidores da construção da paisagem e de paisagens de uma cidade (KLUG, 2004, p. 13).



Vitória em 2001. A linha vermelha mostra a silhueta da cidade e a linha verde demarca o contorno do Maciço Central encimado pelas torres de televisão. Diferente da silhueta inicial (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2012).

O grande destaque de 1990 é a ocupação da Enseada do Suá que, após a construção da Terceira Ponte, consolidou a região como importante zona comercial da cidade. Monteiro denomina, em seu livro de 2008, a região que engloba a Enseada do Suá como o “mais novo centro de Vitória” e o caracteriza como “amplo, rico, limpo, organizado e ‘moderno’”, por ter lotes e avenidas espaçosos, além de “sofisticação e tecnologia” em seus edifícios (MONTEIRO, 2008, p.173). Nessa região foram construídos ainda o Shopping Vitória, a nova sede da Assembleia

Legislativa, do Tribunal de Contas e do de Justiça do Estado e tornou-se um centro que reunia grande parte das funções comerciais, de serviço e de lazer de toda a região da Grande Vitória.

Em 1990 intensifica-se a popularização do Centro, que tem seu crescimento reduzido, e a valorização de bairros de classe média, como *Jardim da Penha* e *Jardim Camburi*. O governo do Município patrocinou a política de prevenção histórico-cultural do antigo centro que, apesar das mudanças, continuava abrigando a sede do poder (Palácio do Governo) e da Igreja (Catedral Metropolitana), bem como enorme parte do complexo portuário do estado.

Na modernização urbana de Vitória esteve presente a perseguição dos locais de encontro dos pobres, a proibição de ambulantes e pessoas modestamente vestidas de frequentar os locais embelezados, a abolição de práticas tradicionais e introdução de hábitos cortesês à população, bem como a privação da população pobre de morar nas áreas valorizadas. Privação que se deu tanto pela expulsão das camadas menos favorecidas desses locais quanto pela dificuldade imposta de cumprir as exigências dos novos códigos de obras (PRADO, 2004).

2.2 – A História do Puteiro Mais Antigo de Vitória

O falso documentário¹⁰ *A História do Puteiro Mais Antigo de Vitória* (2011) é escrito a partir de dados acerca da história da prostituição em Vitória, obtidos por meio do Arquivo Público, além de entrevistas com moradores da região. A história do Higher Ground, de acordo com o diretor do documentário, é uma obra de ficção. No entanto, ele aponta que o Higher Ground poderia mesmo ter existido, afinal ele foi

¹⁰ O falso documentário, conhecido ainda como pseudodocumentário ou mockdocumentary, é um filme ficcional, seja ele longa ou curta-metragem. São filmes que fazem uso dos padrões documentais e provocam reflexão sobre a prática do documentário como documento histórico. Eles podem fazer uso de falsas entrevistas, voz-over, arquivos reais como fotografias e registros *in loco*, sendo caracterizados como paródia do formato documentário (ROSCOE; CRAIG, 2001).

criado a partir da junção de histórias contadas ou arquivadas sobre os antigos puteiros existentes nessa região.

O documentário de certa forma mostra como as mudanças de fluxo e de moradia na modernização de Vitória influenciavam diretamente na prostituição existente no Centro da cidade. O *Higher Ground*, que seria o puteiro mais antigo de Vitória, começou a funcionar junto à criação do Porto para servir aos trabalhadores que chegaram à cidade para sua construção.

Um dos entrevistados do documentário indica a Rua Duque de Caxias como antigo ponto de prostituição, tendo sido ele também relatado na pesquisa de Evangelista nomeada “Genis e Zepelins... ou uma cidade fora de série” (EVANGELISTA, 1989). As mulheres que lá viviam e trabalhavam eram provenientes de diferentes locais, em especial do interior do Estado. Muitos trabalhadores de outros Estados chegaram à Vitória para as obras do Porto. O prostíbulo teria sido idealizado pelos próprios construtores do complexo portuário, preocupados em não haver deserção nas obras.

Depois de ganhar fama, o público alvo do prostíbulo se deslocou da classe trabalhadora para a alta sociedade de Vitória. Entretanto, o governo do Estado, num esforço de modernizar o Centro de Vitória, começou uma operação de limpa dos prostíbulos na região e muitos foram deslocados para a Serra. Nessa época, o *Higher Ground* estava fechado para reforma e reabriu as portas algum tempo depois, porém clandestinamente. O público alvo passou a ser marinheiros de passagem pela cidade, trabalhadores do porto e moradores locais.

As obras do porto demoraram mais de 20 anos para serem concluídas. O declínio de *Higher Ground* aconteceu em 1989, quando a circulação de pessoas na região mudou em função da construção da terceira ponte na Enseada do suá, que ligava Vitória à Vila Velha (os trajetos anteriores passavam necessariamente pelo Centro). O local começou também a se desvalorizar rapidamente devido à especulação imobiliária do entorno da ponte.

As mudanças do Centro afetaram todo o comércio do local, inclusive o *Higher Ground*. O puteiro nessa época foi transformado também em um ponto de comércio

de drogas e esteve envolvido com a máfia do jogo do bicho. Depois de quase 100 anos de história, o *Higher Ground* teria deixado de existir quando uma operação policial integrada agiu contra bocas de fumo no Centro de Vitória.

2.3 – A prostituição no Centro

A câmera se movimenta do antigo manguezal ao atual Bar do Moscoso¹¹. Priscila e a pesquisadora conversam.

Priscila: *Eu gosto muito de morar aqui, muito tranquilo. As mulheres respeitam muito as pessoas que não são prostitutas, né? Não sei nem como falar. Risos. Elas respeitam. As prostitutas que trabalham na rua respeitam as famílias e as famílias respeitam elas. Inclusive se cumprimentam. Não é igual na minha época que... Na minha época, se a prostituta tá aqui, a outra passava láááá na rua 7. Só tinha prostituta aqui. Entendeu? Hoje não, eu vejo as senhoras passando, cumprimentam elas, “ooo”, tem umas que já até sabem o nome delas, né? Eu acho tão legal, eu gosto de ver isso.*

No começo do século XX, as profissionais do sexo moravam e trabalhavam na Rua Dois de Dezembro, no Centro de Vitória. Delas não podiam sair, porque a população, com hábitos bastante conservadores, exigia que elas não frequentassem as ruas centrais da cidade. Essas mulheres eram chamadas de *damas* (EVANGELISTA, 1989), pela elite em um sentido pejorativo, referindo-se à “perversão”.

Nessa época, a prostituição parecia estar bem delimitada a uma espacialidade que não se modificava. A localização fixa das casas de prostituição no Centro de Vitória parecia servir ao conservadorismo das instituições, única forma de obter a tolerância

¹¹ Nome fictício, inventado pela pesquisadora para descaracterizar o local e, assim, as profissionais do sexo que pediram para se manter no anonimato.

pelas “famílias respeitáveis”. A prostituição localizava-se em bordéis e em casas para esse fim, com o intuito de evitar a circulação de prostitutas e seu encontro com as “senhoras de respeito” que se apropriavam da cidade em suas horas de lazer.

Apesar de alguns locais não serem de livre circulação a essas mulheres, outros pareciam ser “destinados” a elas. Por volta de 1919, o Clube Ninho das Ninfas, localizado na Rua Duque de Caxias, era frequentado quase que exclusivamente por prostitutas e seus clientes. As profissionais do sexo que se situavam na Rua Duque de Caxias pareciam passar por situação bem diferente da vivida pelas residentes da Rua Dois de Dezembro: na mesma rua e ao mesmo tempo, residiam o clube e “famílias de conceito”. A rua agrupava também muitas “pensões” com a finalidade de exercer o comércio sexual. Dentre elas, a mais procurada era a Royal, da madame Juju. Lá estavam “as profissionais de melhor aparência e asseio, o imóvel de bom acabamento [...]” (ELTON, 1999).

Na ladeira de Sacramento, foram demolidas algumas casas de tolerância entre os fins da década de 1930 e o início da de 1940. O possível motivo de suas demolições era o fato das casas ali serem antigas e muito mal cuidadas: a degeneração física das casas parecia ser acompanhada da *degeneração moral* de seus habitantes.

Na década de 1940, com o crescente movimento do porto de Vitória, a prostituição se expandiu para a Rua General Osório. O crescimento de Vitória parecia facilitar a implantação de novos *territórios do sexo* (EVANGELISTA, 1989, p. 60). A mobilidade espacial, entretanto, permanecia limitada. A prostituição se dava quase que exclusivamente dentro das pensões, bordéis e *casas de raparigas*. Os clientes iam até as profissionais do sexo em seus locais determinados.

Nas décadas de 1960 e 70, o contexto histórico-econômico ajudou a ampliar a prostituição. A política de erradicação dos cafezais aliada aos grandes projetos industriais estimulou a migração (MONTEIRO, 2008; KLUG, 2004). No entanto, ao mesmo tempo em que a cidade atraía grandes contingentes populacionais, não possibilitava condição de alocação das massas migrantes.

A prostituição nos bordéis e casas de tolerância que se pulverizavam pela cidade foi uma das maneiras encontradas para monetarizar a força de trabalho das mulheres

ligadas aos bolsões de pobreza locais. Conforme Evangelista: “Houve uma explosão de “territórios de miséria” nos anéis que circundavam a ilha” (EVANGELISTA, 1989, p.61). No Centro, casas de prostituição mais sofisticadas se misturavam espacialmente com as mais populares e movimento nas ruas era intenso todos os dias, especialmente quando chegavam navios estrangeiros.

Detecta-se então um conflito bastante acirrado no domínio do espaço público entre população “normal” e “marginal”. Apesar de certo exercício de incorporação do discurso da prostituição como mantenedora da ordem familiar, o encontro com os tradicionais moradores locais abalou a estrutura das práticas conservadoras capixabas. A classe dominante, se antes exercia certo controle sobre os movimentos das prostitutas e sobre o sexo, não pôde mais segurar as rédeas dos costumes então mais frouxos nas décadas de 1950 e 60. A sexualidade não dita parecia ter interrompido o *ciclo da interdição* (FOUCAULT, 2001).

O discurso dominante na década de 1960 era o de que a prostituição não fazia parte da sociedade, devendo, portanto, ser sanada em favor da preservação da família. O estado assistencial, então, empurra dos circuitos econômicos uma parte considerável da população – como as prostitutas. Posteriormente, o estado assiste e controla essa população, através, sobretudo, da medicina e do urbanismo.

O centro, ligado essencialmente, à sede espacial do poder, núcleo de decisões de toda espécie, estaria se transformando numa “zona de degradação”: deterioração moral e física das características fundamentais a uma sociedade bem-produtiva (EVANGELISTA, 1989, p.67).

Dessa forma, a presença de bordéis pela cidade passou a ser perfeitamente tolerável, porém submetido ao policiamento devido ao discurso hegemônico que afirma os perigos que o sexo traz.

Vitória passa a viver sobre permanente tensão, caracterizando-se pelo inchaço populacional. Na década de 1960, o cenário político brasileiro favorece às investidas do estado em uma operação limpeza, que acabou por expulsar as prostitutas do centro para uma *zona confinada* (EVANGELISTA, 1989, p.65.) no município de Serra - São Sebastião, município até então distante do centro de decisões que era Vitória. A forma como a *operação limpeza* se realizou assustou os moradores do

Centro, que se indignaram com o tratamento dispensado pela polícia às prostitutas, mesmo que eles próprios quisessem a retirada delas..

No auge da zona em São Sebastião, a prostituição ainda se encontrava no Centro de Vitória, porém pulverizada. A chegada da prostituição no bairro de São Sebastião trouxe muitos benefícios, como água, luz, esgoto e infraestrutura. Com o crescimento do município da Serra logo ocorreu também a expansão da zona, e essa contiguidade entre zona e família transformou-se em conflito entre os conjuntos residenciais próximos. Todas as mulheres que ali moravam acabavam sendo tidas também como prostitutas, mesmo as que não eram.

O declínio da zona na Serra começou em meados da década de 1970. Aumentaram-se as denúncias do alto índice de doenças venéreas, acarretando a fuga dos marinheiros dos bordéis dessa região. A população de São Sebastião, agora não apenas composta por prostitutas, queria se livrar do estigma da prostituição ligado ao nome do bairro. A antiga zona de São Sebastião teve, então, seu nome mudado após plebiscito para *Novo Horizonte*.

A reapropriação da cidade de Vitória pelas prostitutas se deu nas ruas do Centro, nas imediações da orla de Camburi e em Jardim da Penha. O êxodo de mulheres e fregueses de São Sebastião para o Centro pode ser explicado pelo maior movimento de pessoas no Centro, além da presença de casas de prostituição. Essas casas, quando toleradas no perímetro da cidade, concorreram com a zona afastada na Serra.

O retorno da prostituição ao Centro passa a caracterizar um território mais itinerante. A partir dos anos de 1970, a Praça Costa Pereira era ponto das prostitutas à noite. Um morador do Centro analisa que a Praça, a partir dos anos 1950, deixou de ser ponto preferido da sociedade, vulgarizando-se e se tornando durante o dia local de vendedores de bugigangas, e, à noite, de prostituição (ELTON, 1999).

A prostituição no Centro nessa década se dava de forma diferente da que ainda persistia em São Sebastião. No Centro, uma massa de mulheres empobrecidas buscava a prostituição como complemento ao orçamento doméstico. Eram costureiras, balconistas, secretárias, lavadeiras, donas-de-casa, viúvas, que não

trabalhavam todos os dias e apareciam no parque de acordo com sua necessidade financeira. Bares como o Cavalo de Aço circunscreviam-se na rede instituída de pontos de prostituição.

Na década de 1990, o Cavalo de Aço foi reformado e sua dinâmica modificada: já se via certo ar de “limpeza”, o bar não permitia mais a permanência de prostitutas em seu interior. As constantes intervenções policiais, que arrombavam portas de hotéis e quartos à procura de flagrantes delituosos, abrandaram as circulações de prostitutas pelas ruas. Evangelista (1989) relata que, no final da década de 1980, o Parque Moscoso parecia estar mais “bem comportado”, agrupando um novo território da boemia. Os moradores enviavam extensos abaixo-assinados aos arquivos da delegacia de costumes. O discurso utilizado era o de evitar que as “qualidades” do Centro atraíssem pervertidas, prostitutas, homossexuais, etc..

Na década de 1990, o Parque Moscoso e a Vila Rubim começaram a apresentar uma concentração de pequenos hotéis e pensões em substituição às antigas casas de prostituição. Três movimentos de construção das ruas do Parque são detectados (EVANGELISTA, 1989): em um primeiro momento, o território das prostitutas se localizava por detrás das portas dos bordéis; em um segundo momento, as prostitutas são expulsas do Centro pela força policial e confinadas em São Sebastião, na Serra; e em um terceiro momento, no entorno do Parque, antes caracterizado como um bairro de elite, palacetes foram transformados em pensões e mini-hotéis, cuja prioridade era a alta-rotatividade das profissionais do sexo.

Nessa época a prostituição passa a ser mais rigidamente monitorada pela Secretaria de Segurança Pública. A operação policial de limpeza do Centro de Vitória teve seu ápice no final dos anos de 1980. O secretário de segurança da época, Dirceu Cardoso, organizou uma medida, por volta de 1984, que combatia não só a prostituição de rua, como também casas de massagem e diferentes modalidades de *ilegalismo sexual* (p.84). Em 1988, houve uma tentativa de reproduzir as mesmas medidas na operação Douglas Trindade (delegado de costumes do período). Essa operação visou preferencialmente prostitutas, travestis, hotéis e pensões que exploravam o lenocínio. O delegado afirmou em entrevista datada de 1988 que a

permanência de prostitutas na cidade contribuía para atrair *marginais* e colocar em risco a segurança da coletividade.

A ideia era acabar com os estabelecimentos de prostituição para que as prostitutas deixassem o Centro de Vitória. Todo *trottoir*¹² nas imediações da grande Vitória seria alvo de repressão policial. Contra a repressão policial, que espancava também mulheres prostitutas grávidas, surge o movimento da *Associação das Damas da Noite*. As prostitutas, aliadas ao poder do jogo do bicho, ameaçavam passeatas contra a repressão policial e esbravejavam nos jornais contra o fechamento dos hotéis.

A área ao redor do Parque Moscoso viveu a prostituição intensamente a partir das décadas de 1940 e 50 e re floresceu no início dos anos 80. A maior concentração de mulheres era no Bar do Calú e na portaria do Hotel Ipanema, situados à margem oposta do então Centro de Saúde (atual Unidade Básica de Saúde). Durante o dia, havia a presença constante de pivetes e adolescentes nos fliperamas das imediações. Junto à massa de transeuntes que ali circulava, criou-se certo disfarce na presença das mulheres que começavam a aparecer aproximadamente às 9 horas da manhã.

As prostitutas circulavam entre vários pontos da área do Parque. Na margem oposta ao Centro de Saúde faziam o chamado *paredão*. O movimento do Centro, que começava às 6 da manhã e se estendia até às 18:30, parecia afastar as prostitutas do lado do Centro de Saúde. Os pontos principais das prostitutas eram marcados de forma tênue. Elas não ultrapassavam as imediações da Farmácia Moscoso e eram “proibidas” de utilizar a lanchonete e restaurante Comelândia e o Hotel Vitória, que não faziam parte da rede de hotéis que exploravam essa atividade (EVANGELISTA, 1989).

As prostitutas do Parque Moscoso eram o estrato médio da prostituição no Centro de Vitória, sentindo-se relativamente superiores às da Vila Rubim, mas sendo

¹² *Fazer trottoir* é usado para designar as prostitutas nas calçadas, perambulando pelas ruas, à busca de fregueses. Referente ao verbo *trotar*, ou seja, andar a trote, fala da forma de andar dos cavalos, entre o passo ordinário e o galope. Diz-se também da técnica de competições que consiste no cavalo encostar apenas uma pata no chão por vez enquanto desfila para o júri.

praticamente excluídas pelas do *Scandinave*. A área do bar *Scandinave* se situava em frente ao cais das barcas, também chamado de *Piranha's Bar*, estabeleceu uma relação com os marinheiros e com os estrangeiros, estes que tinham prioridade em relação aos outros homens porque pagavam em dólar.

A câmera ainda no Bar do Moscoso.

Priscila: *Fiz programa 4 meses. Juntei dinheiro e comprei um carrinho de churrasco e comecei a vender churrasco debaixo da boate Scandinave. Vendi churrasco dois anos. Com dois anos eu comprei a boate.*

Pesquisadora: *A boate já existia? E já era uma boate de prostituição?*

Priscila: *É, mas era muito fraco o movimento. Tanto que eu juntei dinheiro e comprei. Comprei o ponto, né? E comecei e lotei. Aí foi a época que a boate ficou famosa. A boate *Scandinave* era muito boa, porque eu era uma boa dona de boate e as meninas me tratavam com respeito. A *Scandinave* era aqui na Beira mar. Em frente ao porto mesmo. Eu saía às 11 horas de casa, com almoço pronto direitinho pro meu filho, já tinha botado ele pra ir pra escola e vinha, limpava a boate, porque eu não tinha funcionário, que eu tava começando. Eu era garçõete, eu era a cozinheira e a faxineira. E ali, na verdade, eu não era cafetina, porque o *Scandinave* não era com cafetina, porque cafetina, ela divide o programa. E ali não, ali pagava a saída. Pagava 10 dólar e se ela ganhasse 1000 dólar, era dela.*

Pesquisadora: *Como assim pagava a saída?*

Priscila: *A saída da boate com o gringo. Boate cheia de gringo. O gringo pagava 10 dólar, ela não pagava nada.*

Pesquisadora: *E também pagava bebida... Você ganhava mais...*

Priscila: *Nas bebidas. É um litro de bacardi, com um litro de coca-cola e umas fatias de limão e gelo era 50 dólar.*

As prostitutas do *Scandinave* possuíam códigos bastante rígidos e circulavam por eixos demarcados, que poderia ser tanto pela galeria do então Banco Mineiro, quanto pela rua lateral do edifício Augusto Ruschi, seguindo pelo Cine Glória até o restaurante Oriental. Elas preferiam ser chamadas de *garotas-de-programa* para se diferenciarem das demais prostitutas da região.

Essa segregação nominal diz também de uma segregação espacial urbana, que serve para manter o controle e a divisão populacional. O local onde se realiza o trabalho, por exemplo, parece hierarquizar o “nível de sofisticação” da profissional do sexo. As que atuam na calçada-símbolo da prática de *trottoir* parecem estar em um nível mais baixo que as com locais fixos, como os bordéis.

A pesquisadora quer ouvir um pouco mais sobre o Parque hoje.

Pesquisadora: *Você acha que as meninas ficam aqui dentro tentando programa?*

Priscila: *Ficam, ficam. Não acho não, elas ficam. Você sabe que não pode, né? É discretamente.*

CAPÍTULO 3 – DISCIPLINARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE, ANORMALIDADE DA POPULAÇÃO E BIOPOLÍTICA

3.1 – Entre putas e formigas

A câmera, Priscila e a pesquisadora se deslocam para um cômodo. É a pousada só para homens de Priscila.

Priscila: - *Você tem que entender que a puta na nossa sociedade não é nada. Se estiver andando uma formiguinha ao lado da puta, a gente passa por cima da puta e nem esbarra na formiguinha.*

Poderíamos fazer uma pequena inflexão nessa cena: passamos por cima das duas, putas e formigas. Não porque o humano é inerentemente mau, mas porque é isto que produzimos hegemonicamente até então: putas e formigas são pragas que devem ser exterminadas. Em certo sentido trata-se de um jogo (FOUCAULT, 2001).

E é nesse jogo que as cenas emergem. Homens que violentam putas, com a justificativa lógica de que, afinal, elas são putas. Putas que criam sindicatos.

Pessoas que espancam mulheres porque se vestem como ou parecem ser putas. Putas que insistem em batalhar e fazer disso uma profissão. Propagandas que proliferam a analogia entre prostituição e doença. Intervenção do estado, através da assistência social e médica. Putas que recusam a visita de agentes comunitários de saúde por falta de tempo para atendê-los. Putas que desqualificam mulheres que gostam de fazer sexo casual como promíscuas, não profissionais como elas. E, ao mesmo tempo, veem a prostituição como uma grande diversão. Projetos que pretendem dar vida ao Centro histórico da cidade. Putas que trabalham ali, na vida noturna que ferve e não acaba enquanto o sol não vem.

3.2 – Passeando?

Folhas, galhos, vemos árvores. Crianças jogando bola no canto esquerdo da cena. Gritaria. No direito, duas pessoas se alongando. Uma avó brigando com uma criança que está mexendo no aparelho *dos idosos se exercitarem*, ela diz. A câmera recua, tudo passa para segundo plano. No movimento passa uma fonte, um pipoqueiro, uma concha acústica. Mais árvores. A câmera para. Vemos uma mulher, 24 anos, saia rodada, da cintura alta até o joelho, sentada em um banco dentro do que agora percebemos ser um Parque. O Parque Moscoso. Ao seu lado, uma antiga máquina de tirar fotos instantâneas. No outro banco, um homem também sentado. Após alguns minutos, ele, branco, gordo, uns 33 anos, que já havia a visto entrar, muda de banco. Senta-se ao seu lado. O homem olha fixamente o rosto da mulher por um longo tempo. Às vezes tenta disfarçar. A mulher percebe, olha de canto de olho sem entender. Um canto de olho parece ser a autorização necessária, e ele lhe pergunta: - *Passeando?* - *Passeando*, ela responde depressa sem dar muita atenção. Ele insiste, parece querer destrinchar a resposta: - *Tá no horário de almoço ou passeando?* - *Passeando*, ela responde já um pouco curiosa. - *Você passeia sempre por aqui?* , ele enfatiza o *passeia*, quer se certificar. Ela, intrigada com o curso da conversa, resolve arriscar: - *Sim!* O sim sai ríspido. Vai ver ela não é dessas que se

arriscam. Ele continua: - *Você mora onde, aqui perto?* - *É.* Ele dá uma olhada em volta: - *Você está esperando alguém?* Ela está. - *Desculpa aí!* Ele fica quieto durante um tempo, e então: - *Tenho que ir, desculpa mesmo, tá?* Ela permanece sentada, incrédula, se perguntando por que ele se desculparia por ter puxado assunto. Qual o interesse em saber se ela estava passeando? Segue ele com o olhar. A câmera vai junto e vamos com o homem mover-nos para outro banco, mais a frente. Ele senta ao lado de outra mulher. Branca, sozinha, uns 30 anos, cabelos cacheados, macacão de oncinha com decote, de onde vemos uma enorme tatuagem. Talvez flores? A câmera ainda por trás, ouvimos apenas mais um: - *Passeando?*

3.3 – O Centro hoje: Território de noivas?¹³

A pesquisadora foi pega desprevenida. Achava que as profissionais do sexo trabalhassem apenas no entorno do Parque, mas nunca dentro dele. Havia lido sobre o esquadramento do espaço (FOUCAULT, 1987), achou que aquele fosse um desses lugares bem demarcados. Para Foucault, a utilização do espaço foi e é uma das estratégias utilizadas no controle e na conformação dos corpos. Os indivíduos foram rigorosa e eficientemente distribuídos pelo espaço através de diversas técnicas de poder/saber durante o desenvolvimento da modernidade. Locais esses que não apenas fixam pessoas, recortando segmentos individuais que indicam valores, como que também permitem a circulação. Com o intuito de garantir a obediência das pessoas e uma melhor economia do tempo e dos gestos, constituem-se 'quadros vivos' que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas (1987, p.126-127).

Quadra para jogar bola, aparelhos para idosos se exercitarem. Dentro do parque: crianças, famílias, idosos. Ao redor do parque: prostitutas. Ao redor das prostitutas: casas de noivas. O encontro causou uma irritação nela, que não parava de pensar

¹³ Fotos de algumas lojas de noivas presentes na região ao redor do Parque Moscoso no Anexo 1.

se a sua saia estava curta demais, *quem aquele cara pensava que era?*, se ela tinha cara de puta. De repente riu de si mesma e percebeu que fora capturada pelo pensamento hegemônico de que puta tem cara, roupa curta, o mesmo passado triste e presente *vitimizante*. Tudo aquilo que a pesquisadora pretendia colocar em análise. Colocar em análise aqui entendido como partir de uma realidade em constante transformação e movimento, uma realidade composta por diferentes contextos a serem considerados, conforme nos diz Altoé (ALTOÉ, 2004). Analisar acompanhando as forças que compõem uma determinada paisagem: a constituição das profissionais do sexo do Parque Moscoso.

Deu uma nova olhada em volta, agora em alerta de que talvez não estivesse olhando direito. O dentro-fora-ao-redor do parque não resistia a um segundo olhar. Percebeu as movimentações, as mulheres, os homens... Só que nossa pesquisadora insistiu em olhar só com o olho-do-visível, captando apenas formas¹⁴. Para além delas, podemos perceber que noivas, homens, mulheres, crianças, pesquisadores e putas não existem a priori, mas emergem como efeitos de relações. Relações nas quais sujeito e objeto emergem em um mesmo plano de consistência. Plano que não é nem interior, nem exterior, é entre, relacional (ROLNIK, 2011).

Perceber essas relações de forma dicotômica faz com que criemos a divisão entre mulher de família e prostituta. A prostituta deixa então de ser mulher nessa relação em que ou se é uma coisa ou outra. Duas pessoas diferentes, entre elas um fosso. Seguindo esse pensamento, ser confundida com uma profissional do sexo é ofensa das graves. Estamos presos, nesse momento, a uma ideia possível de mulher: a boa, cidadã, digna e pura. Estamos presos em um território de noivinhas...

O Centro de Vitória de manhã abriga putas, noivas, mães, trabalhadoras, variadas formas de ser mulher. É possível ver mulheres entrando nas centenas de hotéis distribuídos nos arredores do Parque Moscoso. É possível ver homens entrando, acompanhados ou não, no Cine-Erótico. Na Unidade Básica de Saúde da região, uma infinidade de pessoas circula, entre usuários e trabalhadores. Em sua frente,

¹⁴ Quando o olho-do-visível se torna nossa única referência, se torna dualista, ancorado na moral (ROLNIK, 2011).

uma infinidade de pessoas se utiliza dos antigos “hotéis”, entre clientes e trabalhadores. Inúmeras noivas vêm ao Centro todos os dias procurar seus vestidos, o de suas madrinhas e damas. Às vezes trazem junto os noivos, a procura do terno para a cerimônia de casamento. Em volta e de um lado do Parque, casas especializadas em noivas. Do outro lado, ruas repletas de casas especializadas em sexo.

Encontramos um lugar para posicionar a câmera: nos demos conta da infinidade de casas de noivas presentes ao redor do Parque e no resto da região. A pesquisadora mesmo já havia alugado ali vestido de dama de honra, mas nunca havia sequer reparado que eram tantas lojas. Nem pensado na sua proximidade com as casas de prostituição. Figuras tão marcantes, de polos opostos. Mas como criamos essa oposição? Há mesmo esse local tão demarcado para putas e noivas, ou carregamos dissolvido em nós um pouco de cada uma dessas figuras?

Se de dia o local parece bem esquadrinhado e as pessoas o coabitam displicentemente, a noite parece um pouco diferente. O Parque fecha, as lojas baixam suas portas, as noivinhas voltam para a segurança da família. Em frente aos hotéis, o movimento cresce. Nas ruas, prostitutas de barriga de fora, travestis e grupos de mulheres reunidas por entre as calçadas. Mexem com quem passa, de carro ou à pé, a procura de um programa.

A câmera foca o esquadrinhamento: “Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo” (FOUCAULT, 1987, p.123). Noivado, namoro, casamento. Ritos que não se encaixam na vida da outra mulher - a pecadora, a puta. Mas putas desejam¹⁵: noivam, namoram e casam. Sonhos que atravessam e sustentam esse esquadrinhamento. Sonhos tornados padrões de conduta. Necessários à normalização e à disciplinarização da população, eles envolvem a todos em uma vigilância atenta, constante e permanente em relação ao que desvia deles. Vigilância possível graças à imensa quantidade de técnicas, normas e táticas criadas pela modernidade com o intuito de estabelecer padrões e conceitos que determinam

¹⁵ Desejo entendido como o movimento de produção de universos psicossociais. Deixar passá-lo é acolher a multiplicidade da existência. A pura diversidade que somos (ROLNIK, 2011).

como o corpo e os sonhos devem ser e quais são os comportamentos aceitáveis socialmente.

NOIVINHAS - O sonho da *família burguesa tradicional* parece alimentar a imaginação de algumas profissionais. Nota-se, ainda hoje, este ideal dicotômico do ser mulher presente nas práticas sociais de muitas prostitutas¹⁶. Muitas acreditam em um futuro casamento com um cliente, uma relação duradoura e estável. O fato de receberem para praticar o sexo e de buscarem o próprio sustento não parece aqui ser uma tentativa de ir contra o modelo de ser mulher. Elas, hegemonicamente, não parecem estar nesse trabalho por uma ideologia de liberação do corpo da mulher, por uma ideologia de afirmação de outros modos-mulher. Vender o corpo não faz delas libertárias ou revolucionárias. Ao contrário, o trabalho é sentido com vergonha, feito na “indignidade”.

3.4 – Quando a mulher se reduz a uma forma - noivinha-que-gora-e-gruda

Priscila: - *Agora que sou velha posso ser moralista!*

Priscila condena a prostituição. Katie e Fernanda jamais foram putas e esposas ao mesmo tempo, quando estão casadas largam a profissão e trabalham com outra coisa. É importante ressaltar que não se trata **das três**. Também operamos no esquadrinhamento: um modo de se pensar a mulher, uma forma de se colocar no mundo que ora condena ora absolve a prostituição. São as práticas que sustentam o esquadrinhamento. Os esquadrinhamentos são modos de se colocar no mundo, como se coloca a *noivinha-que-gora-e-gruda*, da qual fala Rolnik (2011).

A autora, em seu livro “Cartografia Sentimental”, se utiliza da imagem de noivinhas como personagens que expressam as mudanças e rearranjos ético-estético-políticos dos anos de 1950 a 1980. A partir da história das noivinhas, ela mostra diferentes

¹⁶ Como apontam as pesquisas de BARBOSA (2007) e SANTOS (2008).

maneiras de lidar com a força gerada pelo encontro delas com os noivos e com a instituição casamento: o quanto a noivinha, ou qualquer outra pessoa, se deixa afetar e ser afetado pelos movimentos no mundo.

Desdobramento da *aspirante-a-noivinha-que-gora*, a *noivinha-que-gora-e-gruda*, da qual falamos, seria aquela que veste a máscara nupcial de esposa inteiramente consagrada ao lar - uma feminilidade de um espaço *próprio do território matrimonial doméstico* (p. 33) – e se enrijece nela. Ao acreditar ser essa sua essência, essa mulher não se permitiria mudanças. É possível quebrar o paradigma da noivinha sem para isso se fixar no da mulher cínica e enganadora?

Todos nós podemos viver esse enclausuramento na forma quando não nos deixamos afetar pelos movimentos do desejo por medo do novo, de nos despedaçarmos. Ser aspirante-a-noivinha, entretanto, não deve ser vivido como prisão necessariamente, mas apenas o é ao insistirmos em formas obsoletas quando os movimentos do desejo já são outros.

Nossa câmera agora foca a televisão¹⁷.

Um coronel sai pela porta. Vê-se que é um coronel por sua farda e porte. Uma moça de longas tranças e ar pueril vai ao encontro dele. Quer saber se ele saiu de um bordel, ela procura alguém. - *Não sei se há moças da vida na sua terra, mas, em Paris, não há nenhuma Marie Jeanne. Nem mesmo Marie. Se você fosse homem, pagaria para transar com alguém com o mesmo nome da Virgem?* (MAISON CLOSE, 2010). Ele entra em uma carruagem e se vai. Vemos o nome da série aparecer na tela. *Mansão dos desejos*. Ela mostra logo de início a que veio: falar da prostituição de luxo no século XIX. As cenas seguem mostrando-nos prostitutas e contrapondo-as com o modelo ideal de mulher da época: mulher equivalente à Virgem Maria, pura, casta, santa. Nascida para se doar aos filhos, ao lar. Promove-se um novo modelo de feminilidade, a *esposa-dona-de-casa-mãe-de-família* (RAGO, 1985). Modelo que não se encontra restrito a determinada localização geográfica, nem mesmo a uma parcela populacional, mas que esteve sempre em trânsito.

¹⁷ A câmera e o roteiro atuam na composição com as mais diversas cenas - recortam, colam, unem.

Tentava-se (e ainda tenta-se) definir as formas de ser mulher: a atenta aos mínimos detalhes da vida familiar. A ela cabia saber onde estavam todos os membros da família a todo instante, vigiar seus horários, saber seus gostos, o que faziam, servi-los. Ela era a responsável por prevenir emergências e atentar-se a qualquer sinal de doença ou desvio. Uma forma-mulher predominante nas sociedades capitalísticas¹⁸ ganha força por todos esses usos. Quais as condições de possibilidade que fazem surgir a forma esposa-dona-de-casa-mãe-de-família?

3.5 – Disseminação de um modelo de mulher

O século XIX sofreu inúmeras transformações sociais em função dos processos de industrialização e urbanização. Foi necessária a invenção de tecnologias de disciplinarização para fixar nas fábricas a mão de obra disponibilizada por essa urbanização: era necessário instituir hábitos moralizantes nessa força de trabalho. Considerados bárbaros pelos seus hábitos, muitos trabalhadores bebiam por toda a madrugada, moravam amontoados, sem privacidade ou “higiene”: era a sociedade burguesa que determinava aos pobres o modelo de organização familiar a ser seguido.

Inicia-se uma preocupação maior com a forma de moradia e com os papéis sociais representados no interior do espaço doméstico que se pretendia fundar. As relações forjadas nesse âmbito disseminam-se, dessa maneira, por todo corpo social: patrões, operários, dentro e fora das fábricas, no trato com os filhos, nos modelos de ensino, na ideia de mulher. A família, nuclear, reservada, passa a ser uma das principais instituições que compõe as relações da época. Voltada para si mesma, deveria integrar o trabalhador ao universo dos valores dominantes a fim de eliminar práticas populares que pudessem ameaçar a “ordem social” (RAGO, 1985).

¹⁸ Guattari utiliza o termo capitalístico para denominar países capitalistas, de capitalismo periférico, e países socialistas do leste europeu. Entende-se por capitalísticos, pois estes países em nada diferem no modo de produção da subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

É com o estado capitalista que advém o modelo burguês de valorização da mulher como mãe, afirmando modelos de pensar a família, a vida e até o amor.

Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representam o ideal de retidão e probidade relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo [...] (D'INCAO, 2006, p.223).

As relações familiares deveriam adequar-se a um modelo normativo de família e, portanto, os comportamentos desviantes dessa norma, todo modo de se relacionar ameaçador às formas vigentes, deveriam ser extintos.

Rago (1985) indica que, na década de 1920, observam-se novas técnicas disciplinares em que esse dispositivo se impõe igualmente na construção da fábrica higiênica, produzindo certa naturalização dos ritmos e regulamentos do trabalho. Transferiram-se as formas de vigilância e controle fabril para o interior do processo técnico de organização do trabalho - um discurso que se pretendia científico, racional e moderno.

Os operários têm horário de entrar, sair, comer, dormir. Os regulamentos internos das fábricas determinam a distribuição dos indivíduos no espaço, impedindo circulações e articulações espontâneas. O discurso higienista propõe uma eliminação da diferença, quer por meio das classificações biomédicas, quer pelo discurso criminologista. O que se busca como motivação primeira das investidas do poder é uma normalização do outro.

Contra essas estratégias de **enquadramento** a um modelo, a inventividade operária impõe inúmeras formas de resistência, surdas, difusas, organizadas ou não, mas permanentes e efetivadas. A elevação do emprego de mulheres e crianças aumenta a atenção nas Assembleias dos operários a esse respeito. Tanto por uma preocupação moral quanto pela crescente substituição dos trabalhadores masculinos, que estavam perdendo seus empregos pelo emprego de mulheres e crianças.

A presença de mulheres na fábrica é vista pelos operários anarquistas estudados por Rago (1985) como degeneração moral, desagregação da família e antro de prostituição e perdição. Com o desenvolvimento comercial e industrial e a crescente urbanização, entretanto, a participação ativa da mulher no mundo de trabalho é cada vez mais solicitada, bem como sua presença nos espaços públicos e nos acontecimentos da vida social (como teatros e cafés).

As mulheres ricas deveriam preparar-se para um bom casamento, tanto educacionalmente como nas preocupações estéticas. Já as mulheres pobres deveriam trabalhar em fábricas, escritórios e lojas. Ao contrário do que se pode imaginar, a saída das mulheres para o cenário urbano não muda as exigências morais em torna delas. A sociedade burguesa agora a culpa pelo abandono do lar, dos filhos que necessitam de seus cuidados e do marido que passou o dia trabalhando.

A prostituição representa perigo diante do menor deslize. Nas capitais onde a burguesia começa a tomar forma, os valores familiares de trabalho e poupança opõem-se à preguiça, ao luxo e ao prazer (PRIORE, 2011), identificados nessa época como característicos à prostituição. Vários procedimentos estratégicos masculinos, muitos deles tácitos, tentam impedir a livre circulação das mulheres nos espaços públicos. Permanece o tabu da virgindade entre as mulheres solteiras.

O modelo de mulher valorizava sua realização através do êxito dos filhos e do marido. A forma preponderante de ser mulher era associada à fragilidade e destinada ao trabalho doméstico e à procriação. Sua missão é criar seus filhos, apoiando o marido e enfrentando com resignação e paciência a miséria. Estudos da época mostram que o trabalho fabril impedia que a mulher aprendesse as tarefas domésticas e se tornasse boa dona-de-casa (RAGO, 1985).

A partir do operariado anarquista, Rago (1985) mostra como mesmo dentro de um movimento que se propunha disruptivo, o modelo hegemônico de mulher foi reforçado: mulher infantilizada e desamparada, que se sacrifica pelos filhos e necessita da liderança de um homem por ser incapaz de assumir a direção de sua

vida. Com as lutas pelo direito da mulher trabalhadora, alguns direitos passam a ser garantidos: proíbe-se o trabalho noturno e garante-se o direito à maternidade. No entanto, cabe ainda observar que são exatamente direitos que garantem suas funções de guardiã do lar e de reprodutora.

Já as lutas contra o trabalho da mulher eram em defesa da moralidade familiar e do redirecionamento da mulher trabalhadora de volta ao lar. O saber médico-sanitarista alia-se aos discursos masculinos e normativos dos poderes públicos ajudando a formar o modo ideal de ser mulher e o local que ela deve ocupar na sociedade. O saber médico recorrerá ao aleitamento materno e será contra a amamentação mercenária. Várias teses atribuem às mulheres certa vocação natural e missão sagrada de procriação. O saber médico, conforme alguns filósofos iluministas como Rousseau, propagava a ideia de um amor materno como sentimento inato e da maternidade e educação da criança como sua vocação natural. Esse modelo de ser mulher vem a ser central à propagação da ideia de família e, modos de existir que não correspondessem a esse modo, enquadravam-se na anormalidade, no pecado e no crime.

Rago (1985) mostra, no entanto, que nada disso aconteceu sem luta feminina, e apresenta diversos episódios marcantes de resistência. Além disso, o autor pontua também outras lutas, mais invisíveis à lógica masculina de ação política, que se colocavam contrárias as tentativas de definição de sua identidade não apenas como trabalhadoras.

[...] anunciando a possibilidade do amor livre, da maternidade voluntária, da igualdade dos direitos entre os sexos, da eliminação da prostituição, a partir da construção de uma ordem social fundada na igualdade, na liberdade e na justiça social (p.62).

Vários outros grupos incluíam-se nesse contexto. No movimento anarquista, a autora destaca o grupo *Mujeres Libres*, fundado em 1937 em Madri por militantes anarquistas. Entre as lutas pela autonomia feminina, esse movimento implementou iniciativas entre as quais se destacam os *Liberatórios de la prostitución* - casas destinadas às mulheres que desejassem sair da prostituição e também para que as

prostitutas pudessem ter tratamento médico e orientação para melhorar suas vidas (RAGO, 2008).

A partir do que foi produzido acerca do que é ser mulher, tudo que não o é passa ao lado, podendo ser descrito, catalogado e explicado cientificamente. A *noivinha-que-gora-e-gruda* toma forma. Nasceu para o lar e com essa única finalidade pretende levar sua vida inteira. Essa forma encaixa-se na vida de algumas mulheres, que assim vivem felizes, mas não necessariamente a todas. É então aí que uma forma passageira, que serve a alguns usos específicos, solidifica-se. As tecnologias de poder tornam-se ainda mais intrincadas, utilizam-se da sexualidade dessa noivinha já pálida para, em nome da preservação da população, atuar sobre as vidas.

3.6 – As duas faces de Eva

- Sua noiva ficaria decepcionada de vê-lo aqui?

- Ela ficaria arrasada.

- Ela não deveria se sentir assim. Por que você acha que há prostitutas? Homens e mulheres não são iguais. Uma mulher, com o marido, não pode fazer de tudo. É como comer e beber. O homem tem muito apetite. E, sinceramente, a sua noiva, às vezes, você pensa nela como não se deve? Não? Você deve ter pensamentos desrespeitosos, não é? E, quando eles entram na cabeça, ficam na cabeça. Não se pode fazer nada. É por isso que nós existimos. Para que as esposas sejam amadas com o respeito devido (MAISON CLOSE, 2010).

A câmera se afasta da cena, que faz parte da mesma série televisiva citada anteriormente: *Mansão dos desejos*. Vemos a prostituta tentando convencer seu cliente, jovem noivo obrigado pelo pai a entrar no bordel, que aquela relação é legítima e natural. Passamos a vê-los menores, mais de longe, as vozes em sussurros. Percebemos então que estamos assistindo àquilo em tempo real, no século XIX, logo ali atrás da porta. Olhamos pelo buraco da fechadura da porta de

madeira. Nesse momento estamos excitados. Damos-nos conta de que somos a dona do bordel, Hortense.

E damos-nos conta de quem somos e daquilo que o buraco de fechadura permite ver, ajuda-nos a pensar algumas das práticas acerca da sexualidade no século XIX: a ideia de que homens têm um maior apetite sexual que mulheres; a sexualidade correspondente ao matrimônio sagrado, oposta à existente em bordéis; a forma de relacionar-se sexualmente com as esposas; a ideia de *puta* como contrária à de mulher de respeito; a porta trancada em um bordel discreto, mas a vigilância constante do que se passa ali através de frestas; a regulação médica e policial que se segue em outras cenas da série que descrevem o cotidiano daquelas mulheres.

No século XIX, as mulheres, hegemonicamente, passam a ocupar o lugar na família nuclear moderna de ser a responsável pela saúde e segurança dos filhos e do marido. A mãe ganha um lugar de santa, purificada e totalmente dessexualizada. O sexo só aparece para essa mulher associado à procriação. Ela não pode ter o prazer no coito, reservado aos homens. O orgasmo materno se torna impensável (RAGO, 1985). Em uma época em que a preocupação com as doenças contagiosas aumenta, é ela a guardiã da higiene do lar. As mulheres deveriam ser fiéis e submissas no matrimônio. Os homens, por sua vez, deveriam ser dominadores e patriarcas. Os casamentos eram verdadeiros negócios e as relações sexuais eram proibidas às mulheres antes do casamento. Idolatrava-se a pureza feminina na figura da Virgem Maria (PRIORE, 2011).

Do outro lado, há a mulher sensual, pecadora, como a prostituta, associada à figura do mal. No discurso burguês que domina a cena da época, são contrapostas duas figuras femininas complementares, como “Nas duas faces de Eva, a bela e a fera” (LEE; CARVALHO, 1982). Uma delas é a santa, que como Maria deu origem ao salvador da humanidade, mas que permanece assexuada, virgem. Mulher que se sacrifica em função da família, símbolo do bem, a quem é permitido ser namorada, noiva e esposa. A outra é a pecadora diabólica, sedutora de jovens e maridos insatisfeitos, carnal e egoísta. “[...] Ambas, no entanto, submissas, dependentes,

porcelanas do homem, incapazes de um pensamento racional e, conseqüentemente, de dirigirem suas próprias vidas” (RAGO, 1985, p.82).

Cisão entre duas mulheres distintas que parece ainda dominar as cenas de hoje. Estamos no século XXI e ouvimos Priscila falar sobre sua vida, tudo que já passou: seus diversos maridos; as traições; a maneira como escolheu qual seria o pai do seu filho entre seus clientes; os diferentes trabalhos que realizou; a forma como juntou dinheiro vendendo churrasquinho para conseguir comprar a boate Scandinave, a atual pousada só para homens no Parque Moscoso. Conta ter conseguido sair da prostituição algumas vezes e ter sido sempre arrastada para ela novamente. Corresponde essa volta a forças maiores que ela, que a impulsionam a fazer o errado. - *Ainda mais a gente que já teve uma vida assim, parece que o diabo não deixa você prosseguir. Ele quer você na prostituição.*

Voltemos ao século XX. Cabíria, personagem principal do filme *As Noites de Cabíria* (1957), vai a uma procissão com suas companheiras prostitutas, ajoelha-se, pede que Maria interceda e a tire da vida de prostituição. Em outra cena, um padre lhe pergunta se está vivendo na graça de Deus, ao que ela responde que não, não vive. Essa é a figura que se cria: a prostituta como uma mulher no caminho errado, subjulgada pelas forças do mal.

Cabíria é uma prostituta romântica e ingênua, que vive sendo enganada por todos. Logo na primeira cena do filme, o homem que ama a rouba e a joga no rio. *Amor frívolo*, como chama sua vizinha, pois Cabíria conhece Georgio há um mês apenas. Cabíria acredita no amor incondicional de Oscar, outro homem que acaba de conhecer e que a aceita sem que ela precise contar seu passado. Oscar, no entanto, quer apenas o dinheiro conquistado por Cabíria e a rouba deixando-a sem nada na penúltima cena do filme.

Prostituta com fim fatídico, como o anunciado na cena em que Cabíria se depara com uma prostituta que, apesar de ter vivido uma vida luxuosa, repleta de joias e apartamentos, no fim fica sem nada e mora embaixo da ponte. Talvez seja esse o

fim que Fellini sugere também para Cabíria – sem casa, sem comida e sozinha, mas com esperança no olhar.

3.7 – Biopolítica e sexualidade

A câmera volta à conversa de Priscila com a Pesquisadora no Bar do Moscoso.

Pesquisadora: - *Então você acha que se não fossem as prostitutas o homem ia sair comendo todo mundo?*

Priscila: - *Pode ter certeza disso. Ia, porque é uma necessidade do homem. O homem, ele é... O homem é selvagem. Tem desejos horríveis.*

Pesquisadora: - *E a mulher? Você não acha que tem também não?*

Priscila: - *Eu acho que hoje, hooje, a mulher hoje ela ta um pouquinho mais avançada. Ela está um pouquinho mais solta. Mas ela não tem a violência do homem. Uma mulher não vai agarrar um homem na rua e vai estuprar ele.*

Pesquisadora: - *Você acha que o homem com relação a essa sexualidade tem uma violência...*

Priscila: - *É. E não é culpa do homem também.*

Não são à toa as afirmações de Priscila. Pulverizada nos discursos, as diferenças produzidas entre as sexualidades do homem e da mulher se disseminam e ainda atuam no sentido de determinar modos de viver.

No século XIX, a reprodução humana é tema de debates intelectuais e trabalhos científicos. As teorias médicas eram as únicas autorizadas a falar sobre prazer e sexualidade, e era considerado errado tudo que não resultasse do coito disciplinado. Uma série de doenças foi descrita nos livros de medicina a respeito dos homossexuais, da ninfomania e da masturbação, como nos mostra Foucault:

[...] Inicialmente, a medicina, por intermédio das 'doenças dos nervos'; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da 'extravagância', depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das 'fraudes contra a procriação', a etiologia das doenças mentais e, sobretudo quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais. Também a justiça penal, que por muito tempo se ocupou da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes 'crapulosos' e antinaturais, mas que na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância (FOUCAULT, 2001, p. 32-33).

Apenas o casamento saudável e ordenado acabaria com todos os riscos decorrentes dessas *deformidades sexuais*, garantindo que a espécie se reproduziria de maneira *adequada*. A esterilidade, alertavam os médicos, trazia consequências para a “ordem social” e para a nação (PRIORE, 2011).

Os homens não procuravam ter prazer com as mulheres que esposavam, pois se considerava que a familiaridade excessiva provocava desprezo. O corpo da mulher era aprisionado por um sistema de ritos, devendo estar sempre coberto na frente dos homens e eles não demonstravam erotismo na frente de suas esposas.

A prostituição é classificada pelo saber médico e criminológico como *vício*, que tende a se alastrar e corromper todo o corpo social. Em nome do perigo de contágio de doenças venéreas e em defesa da saúde da população e consequente preservação da espécie, tomam-se medidas regulamentaristas¹⁹ no Brasil, seguindo os passos da França. Classificam-se as prostitutas, investigam-se seus hábitos, diagnosticam-se suas doenças.

Os médicos sanitaristas tentam criar um estereótipo da puta, situando-as fora do campo da sexualidade normal e social (RAGO, 1985). Tenta-se provar que as prostitutas se distinguem das pessoas normais a partir de diferenças cerebrais e sinais orgânicos. Algumas teorias, no Brasil e na Europa, trazem a prostituição como inata e hereditária (PRIORE, 2011). Interessante notar o paradoxo ao percebermos que essas mesmas teorias são as que defendem a *utilidade pública* da prostituição.

¹⁹ Há no mundo três sistemas legais sobre a prostituição: o Abolicionismo, o Regulamentarismo e o Proibicionismo. No Abolicionismo, a prostituta é uma vítima e só exerce a atividade por coação de um terceiro. No Regulamentarismo, a profissão é reconhecida e regulamentada. No Proibicionismo, é ilegal prostituir-se. As primeiras medidas regulamentaristas se deram na França. Hoje o Brasil adota o Abolicionismo, mas já foi Regulamentarista. Nessa época, as prostitutas eram fichadas pelas delegacias (RIOS, 2000).

A câmera continua em Priscila:

- *Eu sempre mostrei pra elas que prostituição não é profissão. Mesmo que digam que é, não é. Porque profissão, no final da vida, você é aposentada. Não é? Profissão, você tem respeito. Prostituição não é profissão. Já tentaram fazer, mas não é profissão. Nem é entendido como profissão. Prostituição é, na verdade, quando a polícia vai, fecha as casas e aquele negócio, eu penso que é errado. Por quê? Porque se não fosse a prostituição, o que seriam dos nossos filhos? iam ser estuprados. Mesmo com a prostituição, ainda existe estupro, não é? Pelo menos lá na casa, na boate, ou num quarto de hotel, ou até mesmo na casa deles onde eles levam, eles descarregam aquilo tudo de ruim que eles têm. Porque amor, eles fazem com a esposa, entendeu?*

Essa fala aponta a falta de regulamentação e de entendimento da prostituição como profissão e salienta uma utilidade pública para ela. Priscila afirma a necessidade da prostituição de modo a prevenir estupros, o que circula e complementa o discurso científico produzido acerca das sexualidades femininas e masculinas e do casamento. Discurso que é reproduzido também por Priscila, quando diz que o homem não tem culpa de ser violento, pois isso é da sua *natureza*, o que justifica a prostituta: ela é *necessária*. Ela se utiliza desse discurso para justificar a prostituição e, ao mesmo tempo, dizer o motivo de não considerá-la como profissão. Discurso emanado do dispositivo da sexualidade que atravessa todo o campo social e produz, justamente, essa sexualidade feminina diferente da masculina com todos os efeitos que estamos apontando ao longo da dissertação.

Antes do século XVII, o coito era recomendado se praticado de forma regular, sem exageros. Na Europa, eram publicadas obras sobre plantas para fortificação do sêmen e para facilitar a ereção e o coito. A partir de então, o sexo passa a ser considerado causa de doenças. Diversos focos passaram a suscitar os discursos sobre o sexo e sobre o controle sexual. Do século XVI ao XIX, o sistema de interdição de linguagem no que diz respeito à sexualidade desloca-se e articula-se às práticas de confissão (FOUCAULT, 2007). A imensa curiosidade sobre o sexo passa pelo crivo dos médicos, que partem do pressuposto que o prazer se tornou a pior fonte dos males do corpo, afirmação já feita há mais de um século pela moral cristã. O chocolate, muito apreciado até mesmo durante o café da manhã católico, passa a ser condenado como bebida que *esquenta o corpo* e em seu lugar

recomendou-se o café, estimulante natural ao trabalho. Nesse mesmo período, o mundo barroco é substituído pelo mundo industrial. Agora, importa o desempenho produtivo, movido pelo uso de estimulantes, como o café e o tabaco (PRIORE, 2011).

A Igreja católica proibia práticas sexuais consideradas contra a natureza: relações que não fossem de penetração pênis-vagina, masturbação, preliminares ao ato sexual e até mesmo ejaculação fora da vagina. O sexo admitido era exclusivamente o que tinha como objetivo a procriação. Era proibido às mulheres ficar por cima dos homens, pois eles naturalmente comandavam, ou colocarem-se de costas, pois animalizaria um ato que deveria ser sagrado. Procurava-se, de todas as maneiras “cercear a sexualidade, reduzindo-se ao mínimo as situações de prazer” (PRIORE, 2011, p. 43).

No século XIX, destinava-se a casa e a igreja às mulheres. Aos homens, bebidas, cigarros e prostitutas. Para que o sistema funcionasse, tornaram-se necessários o homem adúltero e as prostitutas. Técnicas de saber e estratégias de poder foram elaboradas, a fim de enclausurar e de domesticar as práticas sexuais extraconjugais (RAGO, 1985). Diversos focos passaram a suscitar os discursos sobre o sexo e sobre o controle sexual. Do século XVI ao XIX o sistema de interdição de linguagem no que diz respeito à sexualidade se desloca e se articula nas práticas de confissão (FOUCAULT, 2007). A imensa curiosidade sobre o sexo passa pela necessidade de conhecermos nós mesmos por meio de um questionamento insaciável sobre ele, enredando-o em um sutil jogo de *prazer de saber o prazer, saber do prazer, prazer-saber*. O sexo diz algo desconhecido sobre nós, enquanto somos forçados a saber *como vai nosso sexo* (FOUCAULT, 2001, p. 87). Ainda para Foucault, nossa individualidade e história se inscrevem na lógica do desejo e o sexo é inserido, no Ocidente, em um campo de racionalidade. As tecnologias de poder demarcam fronteiras e limites ao sexo e aos prazeres, instaurando regimes binários entre o permitido e o proibido, o legal e o ilegal. As condutas sociais passam então a ter nome, classificação e hierarquia (FOUCAULT, 2007; 2001).

3.8 – Biopolítica e prostituição

Desde o século XIX, os bordéis eram segmentados, ou seja, divididos de acordo com sua posição na sociedade econômica. Em 1845, no Rio de Janeiro, o médico Lassance Cunha (PRIORE, 2011) afirmava haver três classes de meretrizes: as aristocráticas ou de sobrado, as de sobradinho ou de rótula e as de escória. Houve mesmo quem fizesse um mapa classificativo das prostitutas do Rio de Janeiro (RAGO, 1985), dividindo-as em classes, gêneros e espécies.

Em 1989, Bianca (EVANGELISTA, 1989), a prostituta então mais conhecida da área do Parque Moscoso, no Centro de Vitória/ES, divide a cidade em três partes principais: pescoço – corresponde à área do Scandinave; barriga – à área do Parque Moscoso; e cu – à Vila Rubim. Esta última seria o cu por apresentar mulheres degradadas fisicamente e moralmente. Lá estaria a camada social *carente de consciência política*, operários que vivem em miséria extrema e indivíduos que se dedicam a atividades marginais, como o roubo e a prostituição.

Hoje ainda percebemos essas distinções: prostituta de luxo, GP (garota de programa), puta de casa de prostituição, de calçada, de beira de estrada, rampeira. Essa tentativa insistente de classificação responde ao esquema de representação do mundo, em que tudo que existe há de ser descrito e ordenado. Por meio da união de classes gerais, chegamos a um objeto particular: a puta suja do Parque Moscoso, por exemplo. Destituímos-nos da responsabilidade sobre esse objeto criado, pois pensamos não haver criação, apenas descrição fiel e exata do mundo. Foucault (1971) nos alerta a não transformar o discurso em um jogo de significações prévias, não imaginá-lo como uma face legível que teríamos apenas de decifrar..

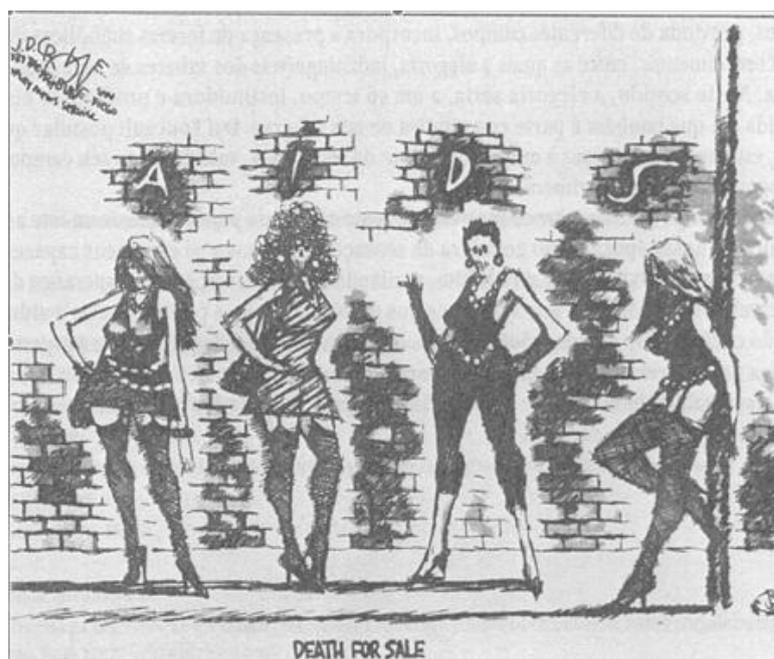
Toda essa afirmação de um tipo de mulher, que se veste de determinado jeito, age de certa maneira e entra *na vida* pelas mesmas razões, propagaram-se pela forma como pensamos essas mulheres. E mesmo na forma como elas pensam a si próprias, determinando seu comportamento. Os modos de agir, perceber, pensar, desenvolvidos no meio de trabalho das profissionais do sexo não estão isolados dos

outros territórios de existência construídos. As normas sociais influenciam e transformam, portanto, mesmo as que decidem delas fugir.

Esse modelo de mulher mundana também serviu para fortalecer o da mulher ideal, honesta, mãe dedicada e submissa. Formou-se uma ideia de prostituta preguiçosa, devassa, burra, cínica, depravada e despreocupada com o futuro (LAGENEST, 1975; RAGO, 1985). Muito pouco se perguntou sobre quais questões fizeram com que essas mulheres emergissem como tais.

A puta construída pelo discurso médico é aquela que tem como opostos prazer e trabalho, priorizando a busca pelo primeiro. Associada à sujeira, ao fedor e à doença, na tradição cristã que vinha desde os tempos da colônia no Brasil (PRIORE, 2011), era ela necessária, porém perigosa. Por isso devem ser confinadas, regulamentadas e vigiadas pela polícia e autoridades médico sanitárias.

3.9 – A violência travestida faz seu trottoir



Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente (FOUCAULT, 2007, p.8)?

Acima, um cartaz em que mulheres com belos corpos fazem alusão a prostitutas em trottoir e seus rostos a caveiras. Em cima de suas cabeças em letras destacadas, as iniciais: AIDS. Embaixo da imagem, veiculada pela mídia e incluída no livro “Disease and representation. Images of from madness to AIDS”, de 1998, a frase: “Death for sale”²⁰. Prostituta é doente? Prostituição e doença se equivalem? As prostitutas são responsáveis pela transmissão do vírus da AIDS? O que possibilita o surgimento de enunciados como esses?

- *João, pelo amor de Deus, você veio andando desde lá da Vila Rubim, naquele lugar onde fica aquele monte de puta nojenta, vai deitar sujo desse jeito na nossa cama?* Não sem motivos uma aposentada de classe média indaga ao marido. Prostituta é suja? Lembramo-nos que, assim como as putas, *a violência travestida faz seu trottoir* (GESSINGER, 1990) e muitas vezes nem mesmo nos damos conta dela, seja em *anúncios luminosos ou lâminas de barbear*.

Existem dois regimes de controle, efetivados através da medicalização da vida: a vigilância exercida sobre os corpos dos indivíduos, e a organização da gestão das populações e sua relação com a vida e a morte. Essas duas formas de controle não se anulam, mas compõem-se uma com a outra. Com o advento da modernidade, emerge um arranjo do poder que prioriza a produção e a circulação de mercadorias, a urbanização, a propriedade privada e a industrialização. A disciplina rege a multiplicidade dos homens, vigiando-os, treinando-os e punindo-os. O homem passa a ser mão-de-obra para a indústria capitalista, sendo necessário o máximo de eficiência e de controle sobre o tempo, o espaço, os registros pessoais, surgindo um conjunto de técnicas de adestramento que tentam tornar o corpo humano *dócil e útil*.

O modelo disciplinar para a produção fabril foi disseminado pelos espaços sociais, atingindo igualmente os modos de pensar e ordenar a sexualidade. Também o

²⁰ Em português, *Morte à venda*.

espaço urbano foi disciplinado a partir das concepções oriundas da arquitetura e do urbanismo, saberes que emergiram no bojo das mudanças trazidas por essa nova sociedade.

Já a biopolítica não atua no indivíduo, mas nos fenômenos globais, “nos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração” (FOUCAULT, 2000, p. 293). É preciso baixar a morbidade e encompridar a vida da população, por meio da regulamentação dos processos biológicos do homem-espécie e não de sua disciplina. Tanto a tecnologia disciplinar como a biopolítica são tecnologias do corpo. Na biopolítica, os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto. A regulação existe no nível estatal, mas também com toda uma série de instituições subestatais, como a instituição médica, a assistência, os seguros.

Houve uma extrema valorização médica da sexualidade no século XIX. Quando indisciplinada e irregular, ela provoca efeitos sobre o corpo, pois o devasso sexual é imediatamente punido com todas as doenças individuais. Mas também tem efeitos no plano da população, uma vez que ele tem hereditariedade e descendência. A sexualidade é um poder que atua no corpo, na medida em que está no foco de doenças individuais, e também nas populações, uma vez que, por sua hereditariedade, faz parte do núcleo da degenerescência. Ela “[...] representa exatamente esse ponto de articulação do disciplinar e do regulamentador, do corpo e da população” (FOUCAULT, 2000, p. 301).

Tomando como referência o processo revolucionário francês do século XVIII, Foucault discorre acerca das endemias que, no final deste século, trazem doenças que subtraem as forças de trabalho. Esse enfraquecimento das forças produtivas diminui conseqüentemente o tempo de trabalho e a produção e aumenta os custos econômicos pela necessidade de tratamentos para as doenças. A morte passa a ser vista como fenômeno de população (FOUCAULT, 2000). Introduz-se, dessa forma, uma medicina com a função de higiene pública, com organismos de coordenação de tratamentos médicos, de centralização da informação e de normalização do saber.

Essa medicina também ganha o aspecto de medicalização da população e de campanhas de aprendizagem da higiene.

Outro campo de intervenção da biopolítica é o que diz respeito aos acidentes, às enfermidades e às anomalias diversas, como as sexuais. Em relação a esse fenômeno, a biopolítica vai introduzir estabelecimentos de assistência e também mecanismos mais sutis, economicamente mais racionais, de seguros, de poupança individual e coletiva, de seguridade.

A emergência do biopoder inseriu o racismo nos mecanismos de Estado. Ele causa um corte entre o que deve viver e o que deve morrer. A ideia dessa tecnologia de poder é que quanto mais os indivíduos considerados anormais forem eliminados, mais espécies inferiores tenderão a desaparecer. A morte do outro é responsável não apenas pela minha segurança pessoal, mas também pela preservação de toda a espécie. A morte do degenerado, do anormal, da raça inferior, é o que vai deixar a vida em geral mais sadia e mais pura. Passa a ser admissível tirar a vida do outro quando ele representa perigos, externos ou internos, em relação à população e para a população. Podemos matar o outro para eliminar o perigo biológico e fortalecer a própria espécie. O racismo é indispensável como condição que permite tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo.

3.10 – Ideais revitalizadores

Hoje, podemos pensar como exemplo dessa função do Estado os projetos de revitalização dos grandes centros. O processo de revitalização urbana do centro de Vitória passou por dois momentos distintos. Em um primeiro momento, tentou-se conscientizar os cidadãos “*do bem*” para o projeto de revitalização do Centro, para

preservá-lo como espaço de vivência e moradia “evitando uma apropriação marginal” (EVANGELISTA, 1989, p.51). A prostituição, nessa época, foi obrigada a se transferir para a Serra. Em um segundo momento, o Centro foi “caracterizado pelo descaso e deterioração do espaço, não havendo a preocupação de inibir tal apropriação” (idem). Neste momento não apenas se permitiu a prostituição no Centro, como também a institucionalizou, uma vez que a elite foi para outro lugar.

Na década de 1990 se inicia mobilização por parte dos órgãos governamentais em favor da Revitalização do Centro de Vitória. Parte desse intuito foi a demarcação do Centro Histórico da cidade (PREFEITURA DE VITÓRIA, 2012). Em 2001 foi implantado o Projeto de Requalificação do Parque, que teve como premissa a valorização do ambiente original que ocasionou em um processo de revitalização, com melhorias em sua infraestrutura e equipamentos, enriquecimento dos jardins, arborização das alamedas e outras intervenções que abriram perspectivas mais amplas de visualização, inclusive dos monumentos históricos (MUNIZ, 1985).

Ainda nos dias de hoje há uma grande discussão em torno do tema da revitalização do Centro de Vitória. De acordo com o site da Prefeitura de Vitória (2012), a revitalização do Centro é atualmente uma das ações prioritárias de governo. O objetivo da revitalização, segundo a gestão da Prefeitura, é o de valorizar o Centro Histórico e o de reverter o processo de esvaziamento socioeconômico e cultural. *Revitalização* que fala, portanto, de um ideal de cultura e de social.

A revitalização, nesse sentido, apresenta-se como a “coisa certa” a se fazer pelo Estado. A vida que se busca com a revitalização é apenas diferente da vida que se encontra no Centro fora do horário comercial. A política tradicional da cidade desejava um corpo sadio em um espaço tornado seguro, “Mas as pessoas flanam, ficam à deriva, inventam seus percursos, em lugares que lhe são arrumados como em suas casas” (BAUDRY, 2006, p.35). A partir do Centro da cidade, o vínculo social, a unidade cidadã, a estética de estar junto, deveriam ser reparadas, reafirmadas, revitalizadas. Essa revitalização que se propõe, fala de um processo de reprodução de valores hegemônicos, um determinado modo de vida, da classe média, que torna-se referencia para toda a cidade.

A restauração e o esforço paisagístico no interior das cidades lutam continuamente contra uma ação deletéria – que não parece ser externa ao “corpo social”. A ameaça parece, por enquanto, relegada aos limites da cidade, cerca o espaço civilizado e seria capaz de carcomê-lo. Contra o quê se organiza a preservação do Centro da cidade? A *revitalização* parece ser movida pela tentativa de “arrumar” o espaço das ruas centrais de acordo com uma sociedade normalizada e normalizadora, que diz como se deve deslocar-se na cidade.

Para preservar a sociedade em geral dos perigos do degenerado, limpa-se das ruas seus moradores, prendem-se prostitutas, fecham botecos frequentados pelos *marginais*. Tenta-se instaurar ali, no lugar, a pureza dos grandes restaurantes, a cultura das cadeias de cinema. E não seria essa mesma tecnologia a utilizada ao se queimar índios em praça pública? Ao se espancar prostitutas? Ao retirar meninos da rua?

A criminalidade e as anormalidades foram pensadas em termos de racismo, num mecanismo de biopoder. Isolaram-se os criminosos, condenaram ou os expuseram à morte. O mesmo aconteceu com as anomalias diversas e a loucura. O racismo assegura a função de morte na economia do biopoder, pois a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa, na medida em que se entende o indivíduo como parte de uma *pluralidade unitária e viva* (FOUCAULT, 2000, p.308).

Ao Estado fica reservado o direito de matar, eliminar ou desqualificar, organizar os fluxos e o dever de proteger e garantir políticas – inclusive a de *deixar morrer* - a todo e qualquer cidadão. Se tal projeto revitalizador é possível, é porque o controle biopolítico da população atua balizando-o.

3.11 – Prostituição: noivinhas que sacrificam seus corpos e moralidades pelo lar

Criamos, ao longo de séculos, uma economia do corpo bem delimitada. Hoje muito se diz ainda em torno da prostituição, mas os debates trazem outras questões. Passa-se a tratar da profissionalização dessas mulheres em um momento muito propício a isso: quando se percebe a prostituição como uma atividade lucrativa ao Estado, com uma série de impostos e taxas (ABSI, 2010). Em 2002, inclui-se essa ocupação no Código Brasileiro de Ocupações (BRASIL, 2010). Ela permanece, entretanto, desregulamentada. Os debates agora são outros, mas insistem em perpassá-los as criações da sexualidade como tabu, da prostituição como atividade indigna. O status dessas mulheres desloca-se de crias do mal a vítimas, que sacrificam a própria vida em nome da família. Mulheres autônomas, muito bem quistas em um modo de funcionamento capitalístico no qual imperam formas precárias de trabalhar.

A câmera foca Priscila. Estamos no Bar do Moscoso com ela e a Pesquisadora.

Priscila: - *Eu não gostava de ficar com os homens. Não é que eu não gostava de sexo, porque a prostituta ela não faz sexo não. É mais assim o.. Dinheiro. É como o seu trabalho. Você trabalha porque você ama trabalhar, levantar cedo todo dia, pegar ônibus e..? Não. Você trabalha por duas coisas: porque é o que você escolheu e porque você gosta de trabalhar. Né? Você gosta de ter seu dinheiro, sua independência. A prostituta é a mesma coisa. Quantas vezes as prostitutas batem nas portas e não conseguem emprego. Umas têm filhos para criar. Ela não tem alternativa. Ela vai ter que ser prostituta. E eu não voltei, porque eu sou muuuuito forte.*

A concepção da prostituição como um sacrifício confirma a adequação das prostitutas com a ideia de altruísmo feminino. A evocação de longas vigílias e falta de sono, o consumo obrigatório de álcool, a violência, o envelhecimento prematuro, a degradação do corpo bem como a marginalidade social, tentam provar que ninguém se prostitui por opção. O sacrifício vem ocupar o papel estrutural do esforço na socialização dos ganhos da prostituição, e, portanto, de sua constituição como atividade de trabalho (ABSI, 2010).

A prostituição, como as outras atividades femininas, passa a ser disciplinada a fim de impedir formas aberrantes de comportamento sexual. Há uma divisão clara entre a prostituta institucionalizada e tolerada e a prostituta clandestina. A tolerada cumpre sua tarefa profissional sem sentir prazer nem gostar de sua atividade, a clandestina sente prazer com o sexo e gosta do que faz.

Na Bolívia, as profissionais do sexo estudadas por Pascale (ABSI, 2010) distinguem-se entre a renda *profissional* das mulheres que se sacrificam pelos outros (pais, filhos) e a renda *não profissional* dos *viciosos*: mulheres que adoram sexo e homens. As sindicalistas bolivianas consideram a prostituição como um *não-trabalho*, pela ausência de esforço, mas um trabalho quando o sacrifício substitui a indignidade da profissão. Essa elaboração intelectual - que visa reduzir as contradições da afirmação do seu status de trabalhadora - é necessária, já que as prostitutas devem a todo tempo justificar-se aos outros e a elas mesmas: trabalhar pela renda, mas na condição de que estejam socialmente afiliadas e, portanto, em conformidade com o ideal de mulher que se sacrifica pela família.

A exemplo, Santos pontua, na cidade de São Paulo, o preconceito de algumas profissionais do sexo com o que chamam de puta de paredão: aquelas mulheres que fazem sexo com qualquer homem. Essas seriam apenas mulheres promíscuas, não profissionais como elas (SANTOS, 2008). Nesse sentido que argumentamos que entender a prostituição como sacrifício parece dar certa dignidade ao trabalho dessas mulheres. Podemos nos perguntar: que valores e normas de funcionamento sustentam esse entendimento?

Na última década, diversos filmes, seriados e documentários foram lançados tendo como tema central a prostituição²¹. Podemos perceber a presença de mulheres muito bonitas interpretando esses papéis e certa predominância do enfoque em prostitutas de luxo: mulheres com roupas de grife, sempre de salto, pele perfeita, todas brancas e bem sucedidas. Em algumas dessas produções, começam a se inserir discussões acerca de marketing, lucro, concorrência e crise financeira. Um novo mundo da prostituição se abre a nossos olhos, passando a ser iluminado pelo

²¹ No anexo 2 trazemos alguns deles.

poder: instaura-se a noção de belas mulheres, saudáveis, autônomas em suas escolhas e donas do próprio nariz, em contraposição à ideia de prostituta burra, doente e incapaz²².

Em meados da década de 1970 no Brasil pudemos verificar o surgimento de movimentos sociais em defesa dos direitos das profissionais do sexo e que propuseram a ressignificação do trabalho sexual como *um trabalho como outro qualquer* (RODRIGUES, 2009). As organizações integradas por tais profissionais começam a reivindicar os direitos sociais de cidadania, bem como o reconhecimento dos direitos e deveres de tais trabalhadores.

No Brasil, as políticas públicas voltadas à prostituição começaram a mudar a partir da década de 1990, inaugurando um período de incorporação de novos elementos, perspectivas e sujeitos no debate sobre a prostituição e os direitos das pessoas que exerciam a atividade. O tema parecia se deslocar dos locais em que era recorrente até então - nas ciências jurídicas e na saúde pública -, para alcançar os segmentos de direitos humanos. Além disso, percebemos também que o enfoque da preocupação moral e sanitária passa a disputar espaço com as perspectivas da cidadania e dos direitos sociais e humanos (RODRIGUES, 2009).

Em seu relatório de 1998, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) pede o reconhecimento da indústria do sexo, destacando a expansão da prostituição e da sua contribuição não reconhecida ao emprego e ao Produto Interno Bruto (PIB). Este reconhecimento inclui uma extensão de direitos trabalhistas para os trabalhadores do sexo e um incentivo para os governos aproveitarem os *enormes benefícios* da Indústria do sexo através de imposição fiscal (ABSI, 2010).

Se por um lado a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) não inclui, entre as categorias de trabalhadores, a atividade das profissionais do sexo, por outro, a aprovação da nova versão da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) no início dos anos 2000, traduz o reconhecimento por parte do Ministério do Trabalho e

²² Exceto nas produções que enfocam a prostituição no século XIX. Apesar de também serem mostradas mulheres belas e algumas muito inteligentes, também se trata da escravidão a qual eram submetidas. Muitas delas eram obrigadas a se prostituir para pagar dívidas às cafetinas e, uma vez dentro dos bordéis, dificilmente conseguiam deles sair.

Emprego dessa atividade e inova ante o modelo tradicionalmente adotado no país. Contudo, a profissão parece carecer ainda de políticas de legalização trabalhistas, políticas previdenciárias e de um reconhecimento coletivo da profissão.

Em 2005, na Bolívia, iniciou-se a disseminação de propagandas do governo de seguinte conteúdo: *Não tenha vergonha de ser uma prostituta, mulher, você tem uma profissão, e Dê valor ao seu trabalho* (ABSI, 2010, p.7). Esse apoio do Estado parece ser concomitante à admissão da rentabilidade fiscal da prostituição. A postura da OIT postula a inevitabilidade da prostituição e salienta que é uma opção mais lucrativa e flexível do que outros empregos femininos. Tais argumentos, obviamente, desencadeiam a raiva das associações feministas, que criticaram o oportunismo e o cinismo da OIT ao defender a ideia da prostituição como uma escolha racional de trabalho e a exploração sexual e econômica da mulher como trabalho legítimo:

Nós não consideramos que este é um trabalho no sentido estrito do termo. Consideramos que se trata do nível de degradação mais extremo impulsionado por esse modelo, o sistema [neoliberal]. [...] Isso não é um trabalho porque não gera a mais valia, não gera capital, não mobiliza capital; [...] Eles não vendem mais força de trabalho, é uma atividade. Há debates, alguns camaradas dizem que sim, é um trabalho, o último recurso de camaradas mulheres. Mas eu, pessoalmente, recuso-me a aceitar isso como trabalho. Eu acho que o nosso trabalho como líderes sindicais devem se concentrar em promover um processo de saída dessas camaradas da prostituição (ABSI, 2010, p.10, tradução nossa).

A evidência demonstra claramente a dificuldade dos dirigentes sindicais em abandonar suas ferramentas conceituais tradicionais e repensarem o que é atualmente um trabalhador e um trabalho. A concepção dos benefícios da prostituição como reprodução do capital e não como produção de riqueza, completa a desqualificação de sua natureza laboriosa.

Barbosa pontua que, para muitas profissionais, dizer que a prostituição é um trabalho seria, no mínimo, um insulto. Para elas, categorizar o que fazem como trabalho “promoveria a ideia de compra de mulheres, violentadas e prostituídas no mercado, de justificativa monetária, de inserção nos mecanismos de produção e reprodução social” (BARBOSA, 2007, p.508). Seria o menosprezo total das condições que as levaram a se submeter e mesmo seria defender a *profissão* que

exercem. Já para outras, a concepção da prostituição como símbolo da dominação masculina e da sua indignidade limita o discurso das mulheres contra a profissionalização: “Outros dizem que não somos trabalhadores, quem somos nós então? Objetos? Não me sinto sendo um objeto” (ABSI, 2010, p.12, tradução nossa). Assumir um status de vítima dos homens e do sistema pode parecer ainda mais humilhante que o de puta e não corresponde à práxis de algumas mulheres nesse meio.

Há, no entanto, pesquisas (BARBOSA, 2007; SANTOS, 2008) que partem da afirmação da atividade dessas profissionais como trabalho e propõem com elas uma intervenção em saúde do trabalhador. Os resultados dessa intervenção nos aproximam dos conflitos tecidos no desenrolar da atividade de tais profissionais e contribuem para dar visibilidade às condições em que esse trabalho é exercido²³.

Nossa câmera ainda está filmando a conversa de Priscila com a Pesquisadora. Estamos na mesma cena.

Priscila: - *Claro que 10% é safada. Acha fácil. Muito bonitas, então consegue um programa de 200 reais, aí é óbvio que não vai trabalhar. É óbvio. Né?*

Pesquisadora: - *Fazer programa não é trabalhar também?*

Priscila: - *Vai trabalhar, só que vai trabalhar com programa, né? Só que elas têm que entender que é vida de modelo, muito rápido. Uma ONG já ajudaria. Ia ter reuniões, ia conversar com elas e ia mostra pra elas o que acontece. Sem contar que tem muita menina bonita que começa a trabalhar e que pode ser lançada como modelo, pode ser lançada, você está entendendo? Igual eu falei com você aquele dia, eu quero ajudar essas meninas...*

Pesquisadora: - *E pra você ajudar é tirar elas da prostituição?*

Priscila: - *Da prostituição.*

Pesquisadora: - *Aí tem que ver com elas, se elas também acham que é esse o tipo de ajuda que elas querem.*

O debate sobre a profissionalização mobiliza uma diversidade de concepções de trabalho. Não pretendemos aqui afirmar se a prostituição é ou não trabalho, mas—A

²³ Como a pesquisa realizada por Santos (2008) com profissionais do sexo em uma casa de prostituição de São Paulo.

consideramos como uma atividade humana e passível, portanto, de ser reexaminada em sua complexidade. Se por um lado os Estados aumentam sua arrecadação e fortalecem estratégias de regulação das populações, por outro, a não profissionalização e o não reconhecimento dessa atividade termina por justificar microfascismos cotidianos.

Segundo o Código Penal Brasileiro (2001), o sistema legal adotado em relação à prostituição é o abolicionismo. Por esta visão, a prostituta é uma vítima e só exerce a atividade por coação de um terceiro, o *explorador* ou *agenciador*, que receberia parte dos lucros obtidos pelo profissional do sexo (como se todos os patrões não recebessem). Por isso, a *legislação abolicionista* pune o dono ou gerente de casa de prostituição e não a prostituta. A regulamentação da atividade abalaria essa condição de vítima adotada pelo Código Penal.

Essa decisão do Código Penal insere a prostituição na lei. Todo o contexto da prostituição, entretanto, recai na ilegalidade. Apesar de ser uma importante ação para a não exploração das mulheres prostitutas, as leis feitas para sua proteção acabam por atrapalhá-las. Como todos que circundam a puta são enquadrados nessa punição, essa condição, de alguma forma, é transferida a elas. Estarem à margem do circuito formal acaba por explorar ainda mais o trabalho da prostituta. A cafetina precisa pagar altas propinas aos policiais, dinheiro incluso na diária das profissionais, que por sua vez pagam então não só aos donos de bordéis, como também o preço da corrupção para que continuem trabalhando (LEITE, 2009).

Defender ou refutar a ideia da regulamentação da prostituição descamba em, necessariamente, retirá-las de um âmbito no qual o que ganham com seu trabalho não se reverte para o Estado²⁴, para outro no qual se reverte através de sindicatos, direitos previdenciários, taxas e contribuições, impostos, piso salarial.

A câmera se desloca pela segunda vez 30 anos no tempo. Vemos Priscila mais nova entrando em um quarto da Scandinave acompanhada. O homem com ela é alto, aparenta 27 anos, barba por fazer, bigode espesso. Ela está cansada, vai ao

²⁴ Como nos casos de comercialização de drogas ilegais ou dos trabalhadores no mercado informal.

banheiro tirar sua roupa e volta ao quarto só de calcinha. Ouvimos um grito e Priscila se estatela no chão. Ela acabou de ver o homem alto já sem uma das pernas, retirando agora o braço mecânico e apoiando-os cuidadosamente na cômoda ao lado da cama. O dono do bar chega rápido, vai ver o que está acontecendo. Entende a situação, oferece um copo d'água a Priscila e lhe diz:

- Você tem que ficar com ele, porque senão ele vai sair daqui traumatizado!

O rosto de Priscila domina a tela por uns segundos, ela parece desesperada. A câmera muda de cenário. Estamos em um quarto, vemos novamente Priscila, mas tudo indica estarmos em um motel: o espelho no teto, a meia-luz vermelha, os corações espalhados pela parede. Ela parece discutir com um cara de estatura mediana já nu. Eles estão sentados na cama.

Priscila: *- Nananinanão, que abuso é esse? Não atendo esse pau gigante não, pera lá!*

O cara de estatura mediana parece protestar em um português rudimentar: *- Mas acabei de te dar cem dólares.*

Priscila rasga a nota impetuosamente. Dá metade ao cara e diz:

- Agora você vai lá e me dá 50 dólares pelo meu tempo perdido, que eu vou devolver 50.

Pega a bolsa e as roupas e se dirige à porta. Fim de cena.

Caso o ofício dessas mulheres seja regulamentado, terão imediatamente suas receitas controladas pelo Estado por meio dos impostos, inscrição estadual, recibo, recibo eletrônico, entre outros. Além disso, poderia retirar certa “liberdade” que essas profissionais têm quando autônomas, como a de escolher seus clientes. Tomemos como exemplo as duas cenas anteriores. Podemos perceber na primeira que Priscila é obrigada pela cafetina a atender um cliente que não quer atender. Na outra, na qual Priscila atua como autônoma, ela rasga a nota de cem dólares e se recusa a atender um cliente.

Muitas mulheres escolhem esse trabalho por ser uma forma rápida de ganhar dinheiro e indispensável para o sustento da família. As entrevistadas da pesquisa realizada por Santos (2008) relatam ganhar em uma noite de muito trabalho o mesmo valor que ganhariam como empregada doméstica ou atendente de lanchonete durante um mês. A renda dessas mulheres, caso passem a ser controladas pelo Estado, tenderia a cair enormemente. Manter-se fora da regulamentação do Estado torna-se imprescindível, em certo sentido, para que sustentem a renda superior a dos empregos formais.

A regulamentação biopolítica da prostituição não diz respeito somente ao quanto o Estado pode ganhar com os impostos sobre a profissão, mas principalmente em termos da disciplina, gestão e controle das ações das prostitutas. Com carteira assinada e pagando impostos, o Estado se informaria acerca do quantitativo dessas profissionais, suas idades, onde moram, quantos filhos possuem, em que áreas urbanas atuam mais, qual a taxa média por região, qual a incidência das DSTs; e, com isso, poderia regular, definir a relação custo/benefício, as tendências probabilísticas, e, quando se fizesse necessário, ordenar essa série de modo a estabelecer os limites em que ela pode ser tolerada. Como por exemplo, quando aumentarem em número ou para controlar os índices das contaminações com DST's.

Não legalizá-las ou regulamentá-las, entretanto, abre margem a uma gama de problemas relativos a esta falta de delimitação do que é formalmente permitido e do que não é dentro de uma profissão. Como nos conta Priscila a respeito de sua relação com o cliente: - *[Na prostituição você] fica sujeita a tudo. Entendeu? Na benção da sorte que tem muito homem bom. Mas tem muito ruim.*

A questão fica sendo o caráter paradoxal de ser ou não regulamentada pelo Estado. Quando regulamentadas, as prostitutas podem perder o que narram como um dos benefícios da profissão - o dinheiro que ganham em um dia de trabalho -, bem como serem controladas mais eficazmente pelo estado. Ao mesmo tempo, não tendo a profissão regulamentada, elas estão expostas a vários tipos de risco. [...] *É doença, hoje em dia as pessoas são muito violentas... O cara entra pra fazer um programa*

com a menina bate nela, espanca, leva pro motel, faz o que quer dela. Muitas já chegaram arrebatadas, roxas²⁵...

3.12 – Paramos...

A câmera volta ao Parque. Vemos Fernanda, Katie e a pesquisadora, que agora está sentada entre as duas. A pesquisadora lê em voz alta uma reportagem:

Na madrugada do último 24 de junho, a empregada doméstica Sirley Dias de Carvalho Pinto aguardava sua condução num ponto de ônibus na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, quando foi atacada por cinco valentões de classe-média alta, que a espancaram e roubaram-lhe a bolsa. Na delegacia, os criminosos teriam alegado haver confundido a vítima com uma prostituta. Investigações posteriormente indicaram, com efeito, que o grupo tinha o hábito de dispensar igual tratamento a profissionais do sexo, havendo inclusive agredido uma prostituta naquela mesma noite. O crime e a alegação absurda relembram, como bem salientou a imprensa, o caso ocorrido em Brasília em 20 de abril de 1997, quando o índio Galdino Jesus dos Santos foi queimado vivo por outro grupo de cinco arruaceiros bem-nascidos, os quais argumentaram em sua defesa havê-lo confundido com um mendigo (Amaral, 2010).

Analisar esse tipo cena configura-se como uma tentativa de produção de outras perspectivas para essa atividade. Que processos podem ganhar visibilidade quando trazemos tal cena para o âmbito dessa análise? Vemos processos de produção de subjetividade, formas de se pensar e de ser mulher. Trata-se da constituição de um “social” sustentado por práticas endurecidas, nas quais produzimos e somos produzidos por verdades que visam a determinar modos universalizantes de ser/estar no mundo. Cinco homens espancam uma empregada doméstica porque a confundiram com uma prostituta! Estamos dizendo que algumas mulheres podem apanhar, enquanto outras não? Afirmamos a todo tempo que elas não merecem respeito, não “se dão” ao respeito. Prostituta pode apanhar? Paramos... Precisamos respirar!

A câmera volta às três mulheres no Parque. Há já ali grande interação.

²⁵ Fala de Fernanda.

Pesquisadora: - *E prazer, vocês sentem?*

Katie: - *Só com os bonitinhos...* Ela ri.

Fernanda: - *Drogada, a prostituição não faz diferença, é ótima. Você ganha seu dinheiro, paga suas contas.*

Pesquisadora: - *Então é boa só por causa do dinheiro?*

Fernanda: - *É, né? É que tem muito risco. Se não tivesse o risco de doença igual tem hoje, seria ótimo.*

A câmera segue rápido para um bar perto do Parque. Não é o mesmo que vimos antes, é outro. É noite, o movimento cresce por lá. Katie pede a primeira bebida da noite, ainda vemos seu cabelo molhado do banho recém-tomado. Ela se vira para Katie e lhe diz:

Fernanda: - *Guarda esse dinheiro pra mim, porque to precisando comprar uma calça nova. Não me devolve nem se eu implorar!*

Katie ri e concorda. Ela guarda o dinheiro no bolso. Fernanda pede mais uma, e mais uma, e novamente mais uma dose de cachaça. Dança com alguns homens, conversa bastante e circula pelo bar. Parece dominar a cena. A câmera roda com Fernanda e vai parar no Parque novamente. É dia.

Fernanda: - *Nesse momento que já fez cinco programas, se alguém quiser um, coloca um preço bem alto, pro cara não topa. Você não precisa mais de dinheiro pra se sustentar.*

Pesquisadora: - *Quanto eu poderia cobrar?*

Fernanda: - *A... Uns cem reais.*

Pesquisadora: - *Mas e se o cara topa?*

Fernanda: - *Então aceita, uai. É o momento que você vai conseguir mais dinheiro.*

Pesquisadora: - *E dormir, eu não durmo?*

A câmera retorna à Fernanda no bar. O movimento já está fraco, sobraram poucos clientes nas mesas. Ela parece cansada, está deitada sobre o braço esquerdo, que

está apoiado no balcão. Katie a chama para ir embora. Elas vão para casa dormir. No outro dia, começarão tudo de novo. Respiramos!

CAPÍTULO 4 – ATIVIDADE DAS PROFISSIONAIS DO SEXO DO PARQUE MOSCOSO

4.1 – Gênero da atividade [das profissionais do sexo]

A janela está fechada. Ela ocupa toda a metade superior da parede. Janela de madeira, marcada por muitas ranhuras, trata-se de um casarão antigo. Estamos no Morro do Quadro. Por uma fresta, o sol já forte insiste em entrar. Ilumina o assoalho, o pé da cama, da outra cama. Vemos que são duas através das curvas que se delineiam aproveitando a claridade. A luz continua, percorre o lençol azul claro e chega ao rosto de Fernanda. Ela se revira, como quem tenta espantar moscas. Kate acorda com os grunhidos de Fernanda. Está na cama ao seu lado. Levanta em um pulo e abre as janelas.

Katie: - Vamos, vamos, Fê. Já é hora.

Fernanda, em um ato desesperado, aperta bem os olhos, tampa os ouvidos com as mãos. Mas logo se levanta e, passando pelo longo corredor, chega ao banheiro. Tira por cima a camisola e, ainda dormindo, entra no chuveiro.

A cena para. Parada brusca. É Katie quem protesta.

Katie: Mentira! Primeira coisa quando nós acordava de manhã era acender o cigarro. Depois ia tomar banho, aí escovava o dente, saía do banheiro e descia.

A cena muda de local. Estamos no Parque Moscoso. Vemos Katie sentada em um banco. Ao seu lado, Fernanda. De frente para elas, sentada no chão de paralelepípedos, outra com um gravador apoiado na perna, olhando para cima

interessada. No banco ao lado delas, uma velha, sua neta e sua cuidadora. As duas mais velhas discutem: a cuidadora quer levá-las embora, já a velha quer que a neta continue brincando no parque. Ficam nessa situação minutos a fio. À direita, atrás da que está sentada, muitos meninos jogam bola. O caminho entre a quadra e os bancos liga o ponto de ônibus ao outro lado do parque. Trabalhadores, estudantes, idosos fazendo caminhada, toda ordem de pessoas passa por ali. A garota sentada com o gravador pode ver à sua esquerda um casal de homens. A mão de um toca a perna de outro. Eles se beijam apaixonadamente e ninguém, além dela, parece notar. Ela sorri. Volta o olhar às duas mulheres a sua frente e parece repetir algo já dito anteriormente:

Pesquisadora: - *Vamos imaginar que amanhã eu irei substituí-las em seu trabalho. O que eu teria que fazer pra me passar por vocês e ninguém desconfiar?*

Silêncio. As duas do banco se entreolham, parecem confusas.

Fernanda: - *Hmm, ferrou. Ela olha atônita. - Como assim, se você for tentar substituir nós... Você? Ser puta? Ela termina a frase já em tom de deboche.*

A pesquisadora confirma com a cabeça com naturalidade. Repete a pergunta.

Pesquisadora: - *Já pensou um clone da Katie, e aí eu to lá na casa com vocês duas, como que eu teria que fazer no dia inteiro, desde eu acordar perto de vocês até o meu cliente, até dentro do quarto com meu cliente, o que eu teria que fazer pra não ser reconhecida? Pra ninguém descobrir, todo mundo achar que eu sou a Katie mesmo... Ou a Fernanda.*

Fernanda: - *Ah, nós tem que ser nós mesmo. Ser as cínicas, quanto mais safada melhor.*

Katie: - *Não ter vergonha de chegar...*

Fernanda: - *Tem que ser desinibida e falar mesmo, chegar junto.*

Pesquisadora: - *E falar mesmo o que?*

Fernanda: - *Chegar e falar. Que nem a gente, não trabalhava em boate, né? Trabalhava aqui ó, na rua. Aqui, andando aqui.* Fernanda aponta para o chão do parque. - *E eu de cara, sem bebida, não trela não, eu ficava olhando... "vai lá e chama ele": não, primeiro eu tenho que me alcoolizar.*

Pesquisadora: - *Então eu teria que beber?*

Fernanda: - *Tinha que beber.*

Katie: - *Ela, mas eu não. Eu já fui mais cara de pau.*

Fernanda: - *Eu não, eu não saía sem bebida, não saía. Eu tinha que beber pra mim encarar, entendeu?*

Katie: - *Por mais que vergonha, eu ia, né?*

Fernanda: - *E já teve também deu entrar dentro do quarto, eu chegar e virar pro homem, eu ver o tamanho lá e eu virar pra ele e dizer assim “meu amigo, sinto muito, mas eu não fico com você não. Não rola não.” “Ah, por quê?” “É muito grande, não guento”. Fernanda ri, parece contente com a lembrança. - E sair do quarto e deixar ele lá e chamar outra menina, pra que? Me substituir lá dentro.*

Pesquisadora: - *E se ninguém encarar, o que faço?*

Katie: - *Alguma sempre encara.*

Fernanda: - *Não, teve uma vez que nós conhecemos um cara que entrou 5 meninas dentro do quarto, ninguém encarou. Só teve uma pequeninha, uma anãzinha que encarou.*

Pesquisadora: - *Mas como foi isso, ele ficou lá peladão e aí foram entrando as cinco?*

Katie e Fernanda falam ao mesmo tempo: - *Foi entrando...*

Katie: - *É, veio uma e “não vou”...*

Fernanda: - *Aí vinha outra, e chama outra, aí vinha outra... Até que uma baixinha encarou. Você tava, né, Katie?*

Pesquisadora: - *E esse quarto é por aqui, no hotel?*

Fernanda: - *Nesse hotel ali, ó. Fernanda aponta para o hotel atrás dela no outro lado da rua.*

A câmera vai junto e vemos o local. Depois, como se estivesse rebobinando, a câmera se desloca da fachada do hotel para a janela de madeira do outro casarão. Parece refazer a cena anterior...

Da janela de uma casa no Morro do Quadro, vemos uma rua. A janela é enorme, ocupa quase toda a fachada da parte superior do casarão antigo. Ela se abre e podemos ver uma mulher, ainda sonolenta, fumando um cigarro. A luz entra no

quarto, recém-iluminado, e descobrimos outra mulher, ainda entre lençóis azuis, de braços. Ela pede o isqueiro emprestado.

Na cena anterior, não é difícil imaginar que a garota sentada e atenta com seu gravador era nossa pesquisadora. Ela tentou, à maneira possível no percurso de pesquisa, fazer com que suas colegas entrassem no jogo da instrução. Para isso, ela teve que ver a situação de trabalho como alguém que sabe muito pouco ou mesmo nada sobre ela, antecipando alguns obstáculos possíveis durante a sua realização. As trabalhadoras orientam a sócia a como trabalhar para dar conta de suas atividades, indicando o que fazem habitualmente e o que não podem fazer, o que devem e o que não é devido, o que fariam e o que não fariam. Dessa forma, acessamos a vivência da ação e tudo que não pôde ser feito e vivido por elas. A ação não vivida é parte tão importante quanto a ação vivida no real da atividade daquelas mulheres (CLOT, 2006)...

A câmera está agora no parque.

Fernanda: - *Então, você acorda, fuma um cigarro, escova o dente, toma banho e já ia para o bar tomar uma cerveja.*

Katie: - *Eu não, eu demorava mais. Ia de cara limpa mesmo.*

De novo no casarão, Fernanda grita: – *Acorda pra vida, mulher.* E, passando pela cama de Katie, joga o isqueiro nela e vai, através do longo corredor, ao banheiro. A câmera volta para Katie, que fuma pacientemente seu cigarro na cama. Fernanda entra nua no quarto, enxugando os cabelos com a toalha. Agora a câmera está ao fim de uma escada, de frente à porta da casa. Vemos as duas saírem. Caminham até o bar, na esquina ao lado do Parque Moscoso. Podemos ver dali que estão pertinho da pesquisadora e das pesquisadas, separadas apenas pelo tempo cronológico. As três, de dentro do parque, fixam o olhar por um tempo no bar. A câmera acompanha.

Katie está sentada ao lado de um cara. Quarenta e poucos anos, um pouco de calvície e um pouco de indiferença. Fernanda está no balcão, conversando com a atendente sua amiga e abrindo uma cerveja. Dominando as vozes da cena, ouvimos

Pais e Filhos (VILLA-LOBOS; RUSSO; BONFÁ, 1989) nos sons espalhados pelo local. Katie e o cara já estão se divertindo, começaram a se entrosar. Ouvimos apenas um - *E aí, afim de um programinha?*

A câmera volta em alta velocidade ao parque.

Katie: - *Se ele aceitar, você vai para o hotel, diz quanto é o programa, recebe e deixa a grana com uma colega na portaria.*

Pesquisadora: - *Quanto eu cobraria por programa?*

Fernanda: - *25, 20 seu e 5 da chave. Se você fizer 4 programas por dia, aí não precisa pagar aluguel. Mas a gente sempre dizia pra dona do hotel que tinha feito menos programa, pra não ter que pagar a chave.*

Pesquisadora: - *E seria fácil eu enganá-la?*

Katie: - *Teve uma época, depois que eu ganhei o neném, que eu fui pra faxina. Aí eu ficava na portaria e controlava as chaves. Então era fácil enganar a dona...*

Pesquisadora: - *Eu sempre preciso de uma colega pra deixar o dinheiro?*

Fernanda: - *Tem que sempre trabalhar em dupla.*

Pesquisadora: - *E se não tiver ninguém?*

Fernanda: - *Aí leva o dinheiro com você mesmo.*

Pesquisadora: - *Então se chegasse um cara lá, e eu ainda no lugar de vocês, eu teria que falar o quê? Ou só ia entrando?*

Fernanda: - *Não, é só ir entrando. Ele já sabe já. Porque ali ele já sabia, na época, era só entrar com cara e aí você só falava "quanto tempo? Meia hora". Meia hora ou uma hora. Muitos homens pediam uma hora, mas a gente só falava meia hora. Com vinte minutos nós tava lá batendo na porta da outra. E tipo assim sempre rola a trambicagem ali entre nós. Aí nós já tinha já o nosso acordo, com vinte minutos nós ia batendo, porque tem homem, eu já tive, uma vez deu entrar num carro, um cara botar uma arma ne mim, entendeu? Eu fui salva porque ele me levou aqui, perto da Catedral, ele com a arma toda dura, pensei, agora ele vai me matar. Aí teve um senhor que saiu com um pedaço de... um facão. Na hora que ele saiu com o facão, sorte que o cara tava muito drogado e eu consegui sair do carro. Aí eu pedi socorro o homem. Aí o homem foi e chamou a polícia, mas como eu era garota de programa, antes da polícia chegar eu vazei do velho, né? Mas me aconteceu isso comigo também.*

Pesquisadora: - *Ocorre muito isso?*

Katie: - *Ocorre, acho que você também já foi, uma vez com um cara que, ele não fazia nada, mas ele sempre botava medo, levava a gente lá pro Tancredão antes e fazia aquele negócio? Que ele ficava com as meninas no...*

Fernanda: - *Antes de montar aquela quadra. Que, aquilo lá antigamente era um motel da gente. Saía dentro de carro, quando ele não queria pagar o motel e fazia dentro do carro.*

Katie: - *Que ele ficava, pagava direitinho, depois que ele terminava ele sempre tirava a faca e fazia você sair correndo.*

Fernanda: - *Foi eu, é. Fernanda ri. - Foi isso mesmo uma vez. Não, ele pagava tudo direitinho e tal, fazia o programa normal. Quando ele terminava de vestir a roupa, ele tirava uma faca e mostrava pra gente e falava “me devolve o dinheiro e desce do carro”. A gente ia fazer o que? Tinha que sair mesmo. Fernanda não se contém e dá gostosas gargalhadas. Olha para Katie com os olhos brilhando. Katie está imersa na história, aparenta exercício de rememoração.*

Pesquisadora: - *Mas isso aconteceu mais de uma vez com o mesmo cara?*

Katie: - *Não, eu acho que foi você que foi uma vez...*

Fernanda: - *Foi eu.*

Katie: - *Que aí ele passou e me chamou e você falou “fica esperta porque ele...” aí no dia que eu fui, antes de terminar de botar a roupa eu já abri a porta do carro e me mandei, minha filha, com a blusa na mão... Katie e Fernanda estão se divertindo. - Eu saí correndo.*

Fernanda, às gargalhadas: - *Ele tira uma faca deste tamanho e “devolve o dinheiro”.*

Katie: - *Tirava uma faca e “devolve o dinheiro” dentro do carro.*

Fernanda: - *Já, já aconteceu também deu uma vez eu sair, chegar o cara e ver que ele ia me pagar, acabar não me pagando, fez eu descer do carro e não me pagou. Isso acontece, mas...*

4.2 – Para além das prescrições

Como saber quais situações são arriscadas e quais não? Como se aprende o que fazer dentro do quarto com o cliente? Como se iniciar nessa profissão? Parte-se, na

maioria das vezes, do pressuposto de que todo mundo já sabe o que é ser prostituta e o que fazer com o cliente (LEITE, 2009). - *Eles mostram a prostituta na televisão como sexo. Entendeu? Sexo gostoso, sexo bom, sexo que pode fazer o que quiser*, diz Priscila. A história não é tão simples. Nesse âmbito, alguns movimentos terminam por reduzir a atividade àquilo que as normas antecedentes descrevem como códigos de conduta para dada profissão.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em seu espaço dedicado à formação e à experiência necessárias às garotas de programa, aponta alguns cursos complementares de formação profissional (BRASIL, 2010). Entre eles, cursos de beleza, de cuidados pessoais e de planejamento do orçamento. Além disso, afirma que para o exercício profissional os trabalhadores devem participar de oficinas sobre sexo seguro oferecidas pelas associações da categoria. É necessário pelo menos 2 anos de experiência para plena realização da atividade.

Entre suas atribuições há muito mais que fazer sexo, elas têm que buscar o programa, minimizar as vulnerabilidades, atender e acompanhar clientes e promover a organização da categoria. A CBO lista doze competências pessoais necessárias ao exercício da ocupação: *demonstrar capacidade de persuasão; demonstrar capacidade de comunicação; demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais; demonstrar paciência; planejar o futuro; demonstrar solidariedade aos colegas de profissão; demonstrar capacidade de ouvir; demonstrar capacidade lúdica; demonstrar sensualidade; reconhecer o potencial do cliente; cuidar da higiene pessoal; e manter sigilo profissional.*

Mesmo com todas essas atribuições e competências necessárias, não há uma escola formal para a formação de putas. Gabriela (LEITE, 2009), ao descrever seu primeiro cliente, conta ter sentado na cama do bordel em pânico, sem saber o que fazer. Acabou por não realizar o programa. No segundo, após combinar o preço, como orientado pela cafetina, resolveu ir tirando a roupa. Fez sexo, seu cliente gozou, tudo parecia nos conformes. Logo depois o cliente reclamou, disse que ela não era uma boa profissional, pois nem ao menos havia demonstrado prazer, gozado. Ela não conseguiu compreender aquela cobrança, como sentiria prazer com

um completo desconhecido? Entendeu nessa hora que para ser puta *não bastava abrir as pernas*.

Entendemos com isso, no âmbito da clínica da atividade (CLOT, 2006), que a atividade vai além da tarefa realizada e de normatizações como as da CBO, passíveis de serem descritas. Ela é fonte permanente de recriação de novas formas de viver. Conforme Teixeira e Barros, para realizar o seu trabalho em um meio em constantes mudanças, o sujeito faz escolhas, antecipa e improvisa, o que convoca a mobilização física e psíquica do trabalhador (TEIXEIRA; BARROS, 2009).

As prescrições e normas antecedentes compõem a atividade, mas não se limitam a ela. Por mais que por vezes constriam a atividade do trabalhador, ela extrapola o prescrito, realizando desvios inventivos para que a tarefa prescrita possa ser realizada. O trabalhador reformula para si as prescrições quando estas estão distantes do seu fazer real. A atividade é, portanto, “fonte de uma espontaneidade indestrutível” (CLOT, 2006, p.14) e nunca pode ser medida apenas por prescrições exteriores.

Gabriela, Priscila, Fernanda e Katie se formaram na batalha, aprenderam a fazer fazendo - no diálogo com outras prostitutas, com os clientes, com os valores produzidos em sociedade e com os desafios que se apresentam nas especificidades de cada situação de trabalho. Para tanto, percebemos a importância da existência de uma memória compartilhada, que Clot (2006; 2010) chama de *gênero da atividade*.

Os gêneros da atividade são um conjunto de regras explícitas e implícitas para o agir, construídas pelo próprio grupo de trabalhadores de uma determinada profissão e compartilhadas pelo coletivo de trabalho no decorrer de sua história. Vemos com Katie que, se foi possível receber o pagamento de um cliente “espertinho”, foi por causa da circulação de informações a respeito dele. Foi porque alguém já havia vivido este impedimento e compartilhado suas experiências com os pares. O diálogo foi importante, nesse caso, para saber o que esperar nas situações de trabalho e, dessa forma, para saber como agir e como modificar a própria ação. Dessa forma

Katie pôde inventar alternativas para os impedimentos. As experiências compartilhadas as ajudam a safarem-se de situações arriscadas ou mesmo saber como se portar diante delas.

Não considerar a prostituição como uma atividade, reduzi-la a um conjunto de normas antecedentes ou constrangê-la através de artigos acadêmicos que buscam assujeitar essas profissionais, é ignorar o real da atividade desse gênero. O real da atividade vai além do que foi meramente realizado, sendo tanto o que o sujeito faz, quanto também o que ele não faz, o que ele não pode fazer, o que tentou mas não conseguiu e etc..

Percebemos algumas das especificidades do gênero das profissionais do sexo, estilizado pelas profissionais do Parque Moscoso: o modo como tentam garantir o segredo do que fazem para suas famílias, cônjuges e amigos; o trabalho que realizam muitas vezes não considerado como trabalho, por ser visto como indigno de ser vivido; a maneira como realizam refeições com porções pagas pelos clientes o dia inteiro, mas nunca com horários fixos; o trabalho a qualquer hora do dia e mesmo nas horas de lazer, por ser muitas vezes o momento mais lucrativo. Afirmar essa atividade das prostitutas é afirmar, portanto, sua historicidade (CLOT, 2010), disponibilizá-la a uma história diferente daquela de onde ela veio. O profissional cria outras experiências por meio de suas experiências já vividas, ampliando efetivamente seu poder de ação.

No Parque Moscoso, a coletivização do trabalho não parece se dar por meio de reuniões e assembleias sindicais, como descreve a CBO. Ela acontece no dia-a-dia, nas conversas de bar, nas casas de prostituição, em atividade. Apesar do crescimento e fortalecimento de grupos de prostitutas²⁶ por todo o país, não conseguimos localizar nenhum grupo ou associação atual das profissionais dos arredores do Parque.

²⁶ Podemos citar algumas instituições, como a Associação das Mulheres Profissionais do Sexo da Bahia (Asproba); a Davida – Prostituição, Direitos Cívicos, Saúde (Rio de Janeiro); e o Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (Gempac).

A atividade encontra recursos em uma história coletiva, validando ou invalidando estratégias do comportamento na relação de cada um com os colegas de trabalho, com a hierarquia e com a própria norma que a antecede. A organização coletiva do trabalho preenche a distância entre a organização oficial do trabalho e a vida. Essa organização corresponde ao jeito de trabalhar, às formas de falar e de sentir que se estabilizam por certo período de tempo em um meio profissional.

Pudemos perceber em nossas cenas diversos valores e regras, tácitos ou não, que compõem a atividade das prostitutas, como por exemplo, o número de programas que deve ser feito por dia para pagar a chave do hotel. Nos encontros ouvimos também que uma verdadeira profissional não se apaixona pelo cliente. Ouvimos que a melhor forma de sair desse meio é sendo resgatada por um cliente que resolva a desposar. Vimos que uma verdadeira profissional se sacrifica pela família, não trabalha por prazer. Mulheres vadias fazem sexo com qualquer um por prazer, mas uma verdadeira profissional cobra por isso. Ouvimos que, para realizar a contento sua tarefa, você deve ser cínica. Todas essas formulações perpassam o gênero, fazem parte dele. Através do gênero, percebemos uma série de ações e gestos obrigatórios, proibidos ou possíveis. Por meio dele, o profissional pode antecipar os resultados de sua ação, agindo. Ou mesmo, em se tratando de um gênero debilitado, sem eficácia, o profissional pode se atrapalhar em suas ações.

O gênero, contudo, não é estático, está em mobilidade constante. O estilo é o movimento no qual o sujeito modifica o curso das atividades esperadas, transformando o gênero. É essa a forma que os trabalhadores encontram de se desvencilhar do gênero. Fernanda não age *de cara*, precisa beber para encarar. Katie se diz mais *cara de pau*, não necessita de bebidas. O exercício individual permite discordâncias estilísticas que podem ser visualizadas com a instrução ao sócia. “Os gêneros são, portanto, coerções e, ao mesmo tempo, meios de agir” (CLOT, 2010, p.91).

4.3- Piranha's bar

A câmera percorre todo o caminho do parque à beira mar. Está agora em frente ao cais das barcas e volta quase 30 anos no tempo. Vemos uma placa luminosa, piscando em neon a palavra *Scandinave*. Na porta, vários *marines* conversando com mulheres de salto e longos cabelos soltos. Alguém grita de longe: - *Hoje vai rolar um Piranha's bar?* Mas fica sem resposta. A câmera entra no local e vamos juntos, curiosos. O dono da boate se aproxima de uma mulher muito bonita, com longos cabelos cacheados. Ele lhe diz, em tom de ordem, que venda mais uísque a seu cliente. Percebemos algo de familiar no rosto da mulher. Damo-nos conta de que é Priscila, a ex-prostituta da fila de votação. Nosso coração acelera. Estamos exatamente ali, no mais famoso local de prostituição do final dos anos 80 nos arredores do Parque Moscoso (EVANGELISTA, 1989). Não demoraria muito, Priscila seria a nova dona daquele lugar. Priscila está perto do balcão, pede mais dois uísques. Segura um e passa o outro para um homem de meia idade, com ares de importância. Estimula-o a beber mais e mais e mais copos de uísque. Faz parte de suas obrigações como prostituta da boate fazer o cara consumir. Ele pede logo um litro de uísque, puxa a mão de Priscila e a leva até um dos quatinhos, que se localiza nos fundos do bar. O homem de meia idade tira os sapatos e abre a fivela do cinto, que ela puxa com vontade. Eles se sentam na cama. Ele enche o copo dela, que, transparecendo tonteira e já pressentindo que desmaiara caso beba uma dose a mais, o joga no chão. A cena se repete quatro vezes. O que ela não vê, mas nós acompanhamos pelo olhar da câmera, é que as doses estavam indo parar direto no sapato do homem de meia idade. A cena transcorre e o cara está cada vez mais bêbado. Priscila cada vez mais nauseada. De repente, ele se levanta, enfia um dos pés dentro do sapato e percebe que está todo cheio de uísque. Seu uísque caro no seu sapato importado! Rapidamente entende que Priscila o enganou e jogou fora a bebida que deveria ter tomado. Seu rosto fica furioso. A testa franze, os olhos cerrados. Tira a arma de dentro da calça e começa a dar tiros pra cima.

- *Foi a pior experiência que eu tive*, conta Priscila.

4.4 - No quarto de hotel

A câmera agora está com Katie. Ela e o homem calvo entram no quarto. Ela chega já tirando a roupa e a deixa sobre a cômoda, logo na entrada.

A câmera volta às três mulheres dentro do parque. É Fernanda quem diz:

- Se for cliente conhecido e confiável, deixa a grana e a roupa emboladas no chão do quarto mesmo.

Katie concorda. Estamos de novo no quarto e ela, ainda com as mãos em seus pertences sobre a cômoda, parece refletir um pouco a respeito do que Fernanda acaba de dizer. Opta por deixar tudo lá mesmo, pondera que é apenas sua segunda vez com aquele cliente. Podemos ver, por detrás da cômoda, uma cama de casal, feita de madeira. O homem calvo senta na cama, começa a desabotoar a camisa. Tira a bermuda e embola junto à camisa, carteira e chave de casa. Coloca o bolinho no chão, um pouco debaixo da cama, do lado em que está sentado. Ele parece desconfiado. No chão, em frente à cama, um tapete pequeno e uma portinha. Katie entra nela e vemos se tratar de um banheiro. Uma ducha, um vaso sanitário e uma pia. O sabonete está seco, com sulcos formados pelo tempo. Katie vai até a porta, apoia as costas em um lado da abertura, pernas cruzadas.

Katie: *- Que tal uma ducha quentinha?*

No parque, Katie se volta para a garota sentada com um gravador e lhe ensina:

Katie: *- Então você vai tomar banho e demora muito, pra diminuir dos 30 minutos.*

Fernanda: *- Aí você faz oral, depois penetração e aí acabou.*

Luisa: *- E eu faria tudo isso como?*

Fernanda: *- Ué, normal.*

Pesquisadora: *- Normal como?*

Fernanda: *- Você quer saber, assim, tudo que acontece?*

Pesquisadora: - *Conte algo que eu deveria saber pra fazer o que vocês fazem.*

Katie: - *Eu não beijo na boca nem faço anal.*

Fernanda: - *Nem eu. Sempre já vou dizendo isso logo.*

Pesquisadora: - *E se o cara quiser, o que eu faço?*

Fernanda: - *Você passa pra outra.*

Katie: - *Eu aceitava. Virava, fechava bem as pernas e o cara metia entre as pernas e achava que tava fazendo anal.*

Pesquisadora: - *Mas como eu deveria fazer para ele não perceber a diferença?*

Katie: - *Você tem que fechar bem as pernas, apertar mesmo. O cara literalmente fazia nas cochas.*

As três riem juntas.

Pesquisadora: - *E pra não beijar o cara, o que eu teria que fazer?*

Fernanda: - *É só virar o rosto quando ele tentar, aí ele vai perceber.*

Pesquisadora: - *Eu ia usar camisinha em todos os programas?*

Fernanda: - *Até pra fazer o oral.*

Pesquisadora: - *E se alguém entrasse e falasse assim: “não quero camisinha!” O que eu faria?*

Fernanda: - *Você falava pra ele que você, que nem nós, nós chegava e falava “sem camisinha não vai”. “Não, mas eu sou limpinho”, muitos falavam isso. Fala “não dá”. Então, muitas vezes a gente já saía do quarto. A gente vestia a roupa e falava “sem camisinha, a gente não vai”.*

Katie: - *E, agora, tem outra técnica, né?, que... De repente ele fala assim “ah, não, não, vamos sem, que não sei o que”, aí, devido agora a essa camisinha feminina que inventaram, tem muitas que já é mais esperta, igual, assim, eu mesma já fiz muito isso. “Ah, então espera um pouquinho”, ia lá no banheiro e enfiava a camisinha feminina.*

Pesquisadora: - *E ele nem sentiria?*

Katie: - *Ele ia e pra ele tava normal. Se você enche ela de gel, ela fica toda melada por dentro, então ele acha que é normal.*

Pesquisadora: - *É uma tática, né?*

Fernanda e Katie concordam juntas: - *É uma tática!*

Fernanda: - *É, muitos também, forçava a gente também a fazer sexo oral sem camisinha. Também não dava. Aí a gente sempre tinha uma mania, inventava sempre, dentro do quarto sempre a gente inventava, tem uma história na cabeça. Aí começava a inventar...*

Katie: - *Vem na hora!*

Fernanda: - *...Vem na hora, no pique ali...*

4.5 - Criações e renovações estilísticas

Convocamos, através do sócia, a atividade de trabalho contida no real da atividade. Fazemos emergir os impedimentos do agir das prostitutas do Parque e os recursos que disponibilizam para transpor esses impedimentos. Podemos visualizar com a câmera e com nossas leituras que, ao contrário do que podemos ter pensado um dia, as tarefas de uma prostituta vão muito além do ato de fazer sexo. Vão mesmo além das atividades sexuais, de modo geral. Instruir uma iniciante a fazer sexo oral, penetração com quatro posições e não beijar na boca não nos parece suficiente para dar conta do que fazem essas mulheres.

Encantamo-nos com o tanto de detalhes necessários à realização da atividade. Também com suas histórias de vida, seus pensamentos acerca do que fazem, tantas vezes paradoxais. Percebemos que constantemente suas ações são impedidas e que elas se desdobram para dar conta de algumas prescrições necessárias ao trabalho. Vimos como nossas colegas que trabalham no Parque transpõem esses impedimentos, criam outras formas de fazer. Quando os clientes não querem usar camisinha, se valem de jeitinhos próprios, charmes, espertezas. *Gostoso é com a boca*, diz uma. *Coloco camisinha feminina cheia de lubrificante e*

ele nem sente, diz outra. Katie nos conta a inacreditável saída ao sexo anal: fechar bem as pernas.

A inventividade do trabalhador funciona, exatamente, para driblar esses impedimentos, já que as prescrições não dão conta do real da atividade. Elas fazem usos inventivos de seus corpos, atribuem novas funções às ferramentas usadas em seu trabalho. Priscila joga o uísque fora, quando percebe que não pode seguir à risca os desígnios de seu patrão. Tem-se um saber compartilhado sobre os clientes. Avisa-se quando o cara é caloteiro, quando é bom pagador e etc.. Há quem faça site²⁷ em internet para compartilhar informações sobre eles. As formas de coletivização do trabalho são as mais diversas nesse *métier*.

Para a Clínica da Atividade (CLOT, 2010), a instrução ao sócia cria subsídios metodológicos a fim de que o trabalhador busque não só conhecer, analisar ou denunciar as formas de dominação e sofrimento existentes, mas apropriar-se dos recursos do meio coletivo para criar e recriar suas próprias relações com o trabalho. Sua função técnica é exatamente essa: colocar em circulação as formas pessoais de agir que tem por objeto o gênero comum. Ela dá visibilidade ao gênero, possibilitando discutí-lo e desenvolvê-lo. Não para atingir um ponto melhor, um ápice, mas sim para diferenciá-lo, modificá-lo de acordo com os usos individuais dele. Acreditamos na possibilidade de nessa atividade as mulheres não sucumbirem ao automatismo que, por vezes, coloca-se ali.. A instrução ao sócia pode resultar na validação coletiva de novas possibilidades ao gênero.

²⁷ Raquel Pacheco, também conhecida como Bruna Surfistinha, escrevia em um blog sua rotina como prostituta e descrevia seus clientes. O site se popularizou e Bruna escreveu livros sobre o assunto: *O Doce Veneno do Escorpião: O diário de uma garota de programa*; *O que aprendi com Bruna Surfistinha - Lições de uma vida nada fácil*; e *Na cama com Bruna Surfistinha*.

4.6 – Nome: entre o inventar e o se desfazer

Aí a Rose chegou pra mim e falou assim: - *Qual seu nome?* Eu falei: - *Meu nome é XXXXX.* - *Ah, você precisa... Escolhe um nome pra você.* Eu falei: - *Eu quero me chamar Priscila.* Ela: - *Tá bem.* Eu sou apaixonada com esse nome, Priscila.

Como as profissionais do Parque escolhem seus nomes? De acordo com Katie e Fernanda, escolhem os que acham bonitos, o nome que sempre quiseram ter. Pedimos então que elas escolhessem da mesma forma o nome com que gostariam de habitar a dissertação. Percebemos uma tentativa inicial de escolher nomes de pessoas das quais, por alguma razão, não gostavam. Deram o nome de uma das cafetinas do Parque, mas logo voltaram na decisão: - *É melhor não mexer com isso, ela vai ficar uma fera.* Katie e Fernanda consideraram colocar o nome de registro da cafetina de que não gostavam e de algumas colegas com as quais tinham rixas, porque acharam que, ao fazer isso, estariam as prejudicando.

Vincular o nome dessas mulheres à prostituição é marcá-las. Por isso, explicamos a Katie sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e asseguramos sua possibilidade de assiná-lo com o nome escolhido para ser identificada na pesquisa, em vez de seu nome de registro. O segredo aqui funciona como algo que separa aquilo de que se orgulha daquilo que se envergonha. Katie quis ser chamada dessa forma na pesquisa e concordou em assinar o termo, mas decidiu escrever seu nome de registro completo nele.

Percebemos na hora que a vergonha era nossa e não de Katie. Ela escolhera não deixar seu nome vir a público, mas não o completo anonimato. Corremos sempre o risco de isolar ou mesmo silenciar aquele que fala. O que Despret chama de efeito sem nome: quando o anonimato cria a identidade, cria e reforça a posição de sujeito de pesquisa, daquele que deverá assumir o papel de pesquisado: “A prática do anonimato distribui os expertises e constrói, induz ou efetua a assimetria de papéis” (DESPRET, 2011, p.17).

Pensar em como esses nomes entram na pesquisa, em como operam dentro dessas lógicas – segredo, [des]confiança e anonimato, é considerar a própria composição

da pesquisa. Pois não é apenas o nome que se escolhe, mas modula-se, em certo sentido, a ação. Os nomes carregam com eles histórias, as histórias dos próprios nomes... *Se você fosse homem, pagaria para transar com alguém com o mesmo nome da Virgem* (MAISON CLOSE, 2010)?

Quando se escolhe um nome entram em cena várias personagens. Desfaz-se de uma: a que se acredita ser si própria. Dissemina-se a ideia de cisão entre a pessoa no *mundo de trabalho* e a pessoa na *vida*. No trabalho, não é si mesma quem age, mas uma personagem inventada para “suportar” as condições “degradantes” e para manter o anonimato “necessário”. Inventam-se personagens que permitam o que não se permite a si própria: ter diferentes parceiros sexuais, ganhar dinheiro por meio do sexo. Não permissão advinda também da rigidez dos valores e normas que atravessam o fazer dessas mulheres.

4.7 – Produção de cenário

Priscila parecia realmente a fim de ajudar a pesquisadora. Elas marcaram um encontro no Bar do Moscoso, ao lado do Parque Moscoso. Ela quem escolheu. Quando a pesquisadora chegou, Priscila já estava na porta, esperando-a. O local parecia lhe ser bem familiar. Foi entrando devagar, cumprimentando as pessoas, escolheu uma cadeira, sentaram. A pesquisadora olhava tudo atenta, pensando no quanto era inapropriado aquele local a uma entrevista. A música era muito alta, atrapalharia a gravação. Além de aquele ser um bar muito frequentado por seus amigos, também moradores do Centro. Algum poderia chegar a qualquer momento, puxar assunto e desviar a entrevista. A pesquisadora lembrou-se de um amigo antigo, que estava ali todas as noites e que sempre lhe dera a seguinte desculpa para não convidá-la: - *O Bar do Moscoso não é lugar pra você não. Parece que existem muitos lugares que não são pra ela e do qual mocinhas como a pesquisadora são protegidas. Sentadas ali, a pesquisadora não viu nada em volta*

que pudesse justificar a precaução. Alguns homens, outras mulheres, uma TV com futebol, Gaby Amarantos²⁸ no rádio.

Sentiu a mesma sensação que teve ao passar pela rua principal que dá ao parque, aquela que sua mãe sempre lhe aconselhou a desviar. Absolutamente nada de perigoso, além da clara pobreza. É esse o perigo?²⁹ Pessoas pobres, pouca roupa, alguns gritos, carros passando, lojas, transeuntes. Qual o perigo? Priscila a roubou de seus pensamentos e foi logo dizendo não saber se poderia falar com ela. É que seu marido, *um homem mais bruto*, achou que ela não deveria falar nada. A princípio a pesquisadora não deu muita importância a essa declaração, apesar de ter se perguntado: *e por que diabos ela não poderia falar nada? Era alguma fugitiva, por acaso? Matou alguém?* Nos próximos 15 minutos a pesquisadora tenta reexplicar do que se tratava a pesquisa, quais os objetivos dela e da filmagem, o que é uma dissertação, como se dão os acessos à dissertação e deixa claro que ela poderia ficar anônima, caso desejasse.

Priscila decide confiar na pesquisadora, começa então a contar de seus inquilinos na pousada. A pesquisadora pergunta sobre sua vida, com a intenção de conhecer melhor aquela personagem, entender o lugar dela no roteiro. Ao fim da conversa, Priscila conta de um amigo que provavelmente ficará bravo por ela estar contando tudo aquilo, ele é doido pra escrever um livro sobre a sua vida. Ela nunca o deixou, diz que não tem interesse. Elas combinam de conversar mais outro dia, Priscila diz ter muita coisa ainda a contar. Agora ela tem que ir para casa fazer o almoço e checar os novos inquilinos da pousada. Ao se despedir, diz que seria legal se a pesquisadora escrevesse um livro da vida dela, que confiava nela para isso. A pesquisadora esclarece novamente sua intenção, que não é escrever um livro sobre ela, especificamente, mas sobre a atividade das prostitutas do parque Moscoso.

²⁸ Autointitulada como a rainha do tecnobrega, Gabriela Amaral dos Santos é uma cantora e compositora brasileira. Disponível em: <<http://gabyamarantos.com/biografia>>. Acesso em: 23 dez. 2012.

²⁹ Para um debate sobre a relação pobreza e periculosidade: COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. do. **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?** Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/textos/texto23.pdf>>. Acesso em: 17 de out. 2012.

4.8 – Modo-segredo e modo-[des]confiança

A câmera está na porta do Hotel Monteiro³⁰. Porta branca estreita, pendente em um pequeno prédio decadente em frente ao Parque. Vemos nela Katie sentada nas escadas do hotel, parece passar o tempo. Ela fuma um cigarro e examina o Parque, a calçada, o ponto de ônibus. Vemos essa paisagem junto com ela. Ela termina o cigarro, o apaga com o pé, ainda sentada. É três da tarde, o sol está muito forte. Uma mulher - de estatura mediana, por volta de seus sessenta anos, cabelos esbranquiçados curtos, de óculos - se aproxima. Aperta os olhos, interessada em ver melhor Katie. A cumprimenta já de longe: - *Katie!! Tudo bem? Faz tempo que você não aparece em casa. Perguntei de você esses dias para sua mãe.* Fala desconfiadamente. Katie se levanta rapidamente, assustada, se endireita e diz: - *E-ei, dona Dora!* A senhora sorri e vai embora. Katie nos fala: - *Droga, era uma vizinha da minha família.*

A câmera percorre todo o caminho do Parque até a Vila Rubim³¹. Reduz o movimento dentro da peixaria, em frente a uma barraca que expõe badejos, robalos, dourados, budiões e carapebas. Vemos Fernanda, que grita: - *Jonas, quanto está o quilo da sarda?* A câmera vai até Jonas, que vem em direção à Fernanda com uma enorme sacola de gelo nas costas. Jonas se dirige a Fernanda: - *Oi, amor? A sarda? R\$12 o quilo.* A mulher em frente à barraca agradece, mas não leva. A câmera se afasta um pouco, vemos a peixaria cheia. Pessoas se movimentando, parando com interesse em algumas barracas. Peixeiros gritando suas promoções. Katie e seu marido, Jonas, trabalhando sem parar no fundo da cena. Voltamos a eles, ficamos mais perto. Percebemos que Fernanda abaixou a cabeça, parece não querer ser reconhecida. Ela cutuca Jonas e sinaliza com a cabeça o senhor que acaba de parar em frente à barraca. Jonas para de descamar um dourado e o atende rapidamente, parece querer se livrar do senhor, se adianta para faturar sua compra. Depois se vira

³⁰ Nome fictício.

³¹ A Vila Rubim fica na cidade de Vitória, ES/Brasil. Ela é muito conhecida por seu mercado, que comercializa, dentre outras coisas, peixes e temperos.

para Fernanda: - *Era cliente antigo?* Fernanda faz que sim com a cabeça, os olhos como se desculpassem. Jonas continua a mexer nos peixes.

A câmera volta ao parque. Filma um grupo de crianças jogando futebol. Em meio à gritaria, ouvimos a voz de Fernanda:

- *Era sempre assim quando entrava cliente antigo. Ele sabia que eu era puta, mas a gente nunca conversou sobre isso. Eu morria de medo da família dele descobrir, não tem? A minha eu contei quando fui pra casa, na roça, uma vez.*

A câmera ainda nas crianças.

Katie: - *Uma vez eu fui a um jantar na casa de um amigo do meu marido. Ele também já sabia, né? Só que o amigo dele tinha sido meu cliente durante muitos anos. Eu fiquei que não sabia o que fazer, não tem? Foi um clima bem estranho. Quando eu cheguei em casa, meu marido queria saber porque eu tava estranha. Eu disse que não tava, era coisa da cabeça dele. Mas aí ele começou a brigar e insistir e eu contei. Só que ele não acreditou, disse que se eu estava agindo estranho é porque ainda me encontrava com o homem. A gente acabou terminando. Ele jogando na minha cara que tinha me tirado da vida, aí eu "A é? Pois então é pra lá que vou voltar!" E voltei aqui pro Parque.*

Há um modo marcado na profissão, o modo-segredo. Determinado por códigos morais não escritos, mas vividos, essas profissionais evitam falar sobre o trabalho. É um emprego velado, do qual não se pode comentar, ou melhor, que só se pode comentar de determinadas maneiras e em alguns lugares. Modos-segredo do que se faz, do como se faz, do porquê se faz, do com quem se faz, do para quem se faz e até do que se fala. Apenas esse simples elemento sobre o trabalho produz uma série de interferências na maneira como se trabalha, e, sobretudo, como se vive. O segredo é uma modulação do como se fala.

Muitas escondem o que fazem, procurando casas de prostituição afastadas de suas próprias casas, até mesmo localizadas em outras cidades (EVANGELISTA, 1989; PRINCESAS, 2005). Elas utilizam diversos pseudônimos ao efetuar seu trabalho. Esses nomes mudam constantemente a fim delas se manterem no anonimato, despistando clientes e mentindo sobre sua profissão para a família (BARBOSA, 2007).

Entendemos o segredo não como efeito direto do fato da prostituição ser vista como *trabalho sujo*. Tanto o segredo quanto a qualificação da prostituição como *trabalho sujo* podem ser tomados como uma estratégia de normalização e regulação³². Em outros casos, no entanto, o segredo pode ser uma estratégia para lidar com os impedimentos da atividade ou mesmo ser o próprio impedimento.

Percebemos que as profissionais usam o segredo como modo de conseguir efetuar suas ações quando elas mudam de residência para despistar seus clientes e também quando mantêm o sigilo necessário sobre eles. Para as profissionais do Parque Moscoso, ser anônima é estratégia para continuar na atividade.

O segredo pode igualmente se configurar como impedimento de suas ações. Por exemplo, quando Fernanda conta de uma colega que chegava ao hotel todos os dias com o uniforme de um supermercado para dizer à família que trabalhava como caixa. A obrigação de manter seu trabalho em segredo retirava dessa profissional parte do controle sobre o que vestir nessas situações. Vestir um uniforme ao sair e ao voltar para a casa era a maneira que ela encontrava para lidar com esse impedimento e continuar em atividade, mantendo dessa forma o segredo de sua profissão necessário ao seu meio familiar.

Priscila manteve igualmente o segredo para seu filho, pois considera que saber desse aspecto da vida da mãe poderia traumatizá-lo: - *Não. Na verdade, ele não sabe de nada disso. A única coisa que ele sabe é que eu tive casa de menina. Mas que eu fui prostituta, que o pai dele é nessas circunstâncias... Eu estou te contando porque eu estou confiando em você, entendeu? E ele não sabe... Não vou traumatizar o meu filho, pra quê? Não é não?*

As prostitutas bolivianas (ABSI, 2010), ao falarem desse segredo como impedimento, endereçam à sua atividade a sensação de serem julgadas - mal, e a marginalização mais do que as condições concretas de exercício. Uma delas compara seu trabalho ao dos varredores de lixo, que, apesar de *lidarem com todo tipo de imundície*, podem ir para a casa e compartilhar com os familiares que estão

³² Estratégias biopolíticas, que classificam e ordenam o outro, justificando a regulação das populações. Assunto mais amplamente discutido no Capítulo 3 desta dissertação.

cansados, pedir ajuda nas tarefas do lar. [...] Mas eu, eu não conto a ninguém sobre o meu trabalho, nem às minhas próprias irmãs que sabem que eu trabalho. Eu não posso lhes dizer: “Olha, você sabe, um cliente entrou e me espancou, ou um cliente veio e o preservativo se rompeu.” Eu não posso. [...] As únicas pessoas com quem falo são meus colegas de trabalho (p.19, tradução nossa): O segredo parece fazer parte das prescrições existentes para o exercício da prostituição, servindo como impedimento a ações simples, como conversar sobre o dia de trabalho.

Segredo e desconfiança por vezes aparecem bem próximos em nosso roteiro. Mas tratam-se de *takes* diferentes. O segredo pode funcionar como impedimento e também como estratégia para dar continuidade à atividade. Da mesma forma, certa desconfiança-confiança faz parte tanto dos impedimentos quanto das estratégias de ação dessas profissionais.

Trouxemos no roteiro uma cena que aponta para certa cooperação entre as prostitutas do Parque: elas relatam trabalhar em “duplas”. Confiar na parceira parece ser prerrogativa para realização desse trabalho conjunto - enquanto uma atende o cliente, o dinheiro e o tempo do programa ficam a encargo da outra. Nas situações relatadas torna-se muito mais estratégico deixar o dinheiro com uma colega de trabalho, que possivelmente precisará da mesma ajuda, do que levar com ela para o quarto enquanto está com um cliente desconhecido.

Porém, no exercício da *instrução ao sócia*, aparecem em cena, também, muitas cenas de rixas, muitas brigas – seriam âmbitos de negociação?

Fernanda: - Teve uma vez que a Katie ficou com raiva de mim e começou a me xingar de tudo quanto é nome. A gente vivia se pegando no meio da rua.

Katie: - Nossa, eu tava com muita raiva de você nessa época.

Pesquisadora: - E aí, como fica a parceria?

Fernanda: - Não tem, né?

Katie: - Não tem.

Nos diálogos, incluindo as brigas e xingamentos, a atividade sempre é modulada. A produção desses modos-[des]confianças modulam a maneira de agir no trabalho:

cessam as parcerias quando os diálogos não culminam em um acordo viável, por exemplo.

Nos relatos de Priscila, percebemos certa construção desse modo-[des]confiança no decorrer de suas experiências de vida e de trabalho.

- Ele (marido de Priscila) namorava uma garota de programa. Ela chegou lá em casa doente, eu internei ela no hospital... Entendeu? É assim que ela chegou lá em casa, doente. [...]Porque a dona, a cafetina mandou ela embora, porque ela estava muito doente. Ela foi pra minha casa. Aí eu levei ela no hospital, aí ela fez a cirurgia, só que quando ela foi lá pra casa eles já tinham um caso e eu não sabia. Um ano já.

- É que eu gastei muito. Eu tentei me matar. Eu fiquei cheia de dívida, sem meu carro pra trabalhar. É que eu precisava do carro pra trabalhar. Fui traída por um homem que eu amava muito e uma pessoa que eu ajudei muito. Ele me ajudava a dar banho nela, cara. E as meninas sabiam.

Experiências que, por si só, não determinam como uma pessoa agirá a partir delas. Mas que, no caso de Priscila, parecem fazer parte da maneira como hoje ela enxerga a prostituição.

Durante a pesquisa, tivemos dificuldade em ser apresentados às profissionais do sexo da região do Parque. As profissionais temem ser reconhecidas pela família em matérias de jornais, serem marcadas pela polícia ou mesmo se afirmarem como prostitutas. Há uma desconfiança por temer ser identificada como puta, o que poderia lhes trazer varias complicações.

Priscila: - Ela vai conversar com você, mas ela não vai te contar isso. Expliquei pra ela, não é pra sair no jornal. Expliquei pra ela.

Pesquisadora: - Não, não.

Priscila: - Mas o medo é esse das pessoas.

Desconfiança que surgiu não só antes de conhecerem a pesquisadora, mas que também reapareceu a todo momento ao pedir para ligar o gravador ou tentar ter mais uma conversa com elas.

Santos (2008) relata, após intervenção em saúde do trabalhador com prostitutas, a dificuldade em produzir vínculo decorrente da desconfiança constante que há nesse trabalho. As profissionais acham que suas colegas de trabalho são potenciais ladras

do seu dinheiro, dos seus clientes, das suas roupas. - *Eu durmo com um olho aberto e outro fechado*, diz uma das entrevistadas.

Desconfiança que também pode ser notada em relação às estagiárias dessa pesquisa-intervenção de Santos. As profissionais do sexo sempre ficavam surpresas quando as estagiárias reapareciam na casa, como se pensassem que não iriam vê-las nunca mais.

A alta rotatividade das profissionais nas casas pode ser igualmente um dificultador da produção de vínculo e de espaços de diálogo entre elas. As estagiárias relatam uma relação calcada na exploração e na desconfiança.

Apesar da exploração e da desconfiança que por vezes a compõem, a prostituição não conforma apenas isso. Para além desses modos-desconfiança, percebemos nas conversas com Katie e Fernanda a presença da cooperação, do trabalho conjunto, do brilho nos olhos ao poder conversar sobre o assunto e compartilhar os acontecimentos vividos juntos.

Há, portanto, produção de amizades e laços afetivos (LEITE, 2009; L'APOLLONIDE, 2011). Priscila conta de pelo menos três prostitutas que aceitou em sua casa e às quais forneceu cuidados. Katie, Fernanda e Priscila não indicaram durante a pesquisa quais mulheres eram prostitutas, uma vez que essas mulheres se recusaram a ser entrevistadas. - *Não posso te dizer quais são, não seria certo sem a permissão delas*, diz Priscila.

No âmbito da atividade das profissionais do sexo do Parque Moscoso podemos então perceber as parcerias construídas no fazer, o segredo necessário à realização do trabalho, o anonimato garantido aos clientes, as normas do hotel em relação à quantidade de programas a se realizar e a [des]confiança que emerge com o métier.

CAPÍTULO 5 – ELES MOSTRAM A PROSTITUTA NA TELEVISÃO COMO SEXO. ENTENDEU?³³

5.1 – Valores e normas antecedentes

Em *L'Apollonide* (2011), vemos a degeneração de uma casa de tolerância do final do século XIX. Dessa vez quem conta a história são fragmentos de sonhos, conversas e o cotidiano das próprias prostitutas. A câmera inicia o filme estática, deixando-nos ver somente mulheres arrumadas, com bastante pele à mostra, passando de um cômodo ao outro através de um longo corredor. Vivemos, quase claustrofobicamente, o interior da casa. Seus banhos, regras de higiene, exames médicos periódicos. A administração da cafetina, suas dívidas e dificuldades advindas do fim de uma época luxuosa da prostituição.

O filme traz essas mulheres como protagonistas. Mulheres localizadas à margem da esfera discursiva, silenciadas pelo discurso hegemônico do homem. O que passa a narrar suas histórias são seus hábitos controlados e repetidos, as experiências com os homens que utilizam seus serviços, as normas, inclusive de ordem moral, que devem ser seguidas. Ali elas não são apenas putas. Essa norma passada pela cafetina a uma prostituta recém-chegada a casa demarca a classificação e hierarquização até mesmo dentro do espaço da prostituição.

Vemos toda regulação exercida sobre a sexualidade a partir da preocupação detalhada com a higiene pessoal e do cotidiano rigidamente repetido. O sexo e os clientes fazem parte do filme, mas as mulheres com seus sofrimentos, adoecimentos, alegrias e diversões também. O filme torna visível uma parte da atividade dessas mulheres, com seus impedimentos e estratégias, muitas vezes relegada ao invisível: a série de obrigações que se deve cumprir antes da casa abrir e após ela fechar ou o compartilhamento de estratégias de autocuidado. Os passeios, a socialização entre as mulheres da casa, os laços afetivos que elas

³³ Fala de Priscila.

estabelecem entre si e entre seus clientes. Vemos essas mulheres como sujeitos em atividade, capazes de produzir discursos, “um discurso coerente e vivo”, do qual nos fala Rico (RICO, 2012). A prostituta deixa de ser objeto sobre o qual se fala e passa a ser inserida na ordem do discurso como sujeito que o produz.

Mas, como temos visto, trata-se de um campo extremamente complexo. E embora se trate de um *discurso coerente e vivo*, ele não está imune a uma série de contradições e paradoxos. A atividade que as prostitutas exercem está imersa numa rede biopolítica e elas estão em um jogo em que as principais regras afirmam a *noivinha-que-gora-e-gruda*.

Consideramos, com Schwartz, que todo fazer constitui-se impregnado de valores (SCHWARTZ, 2011). Nas conversas com as prostitutas podemos detectá-los, como uma certa culpabilização pela decadência da instituição família, ao mesmo tempo em que também se consideram a salvação; preocupações com a disseminação de doenças; preocupação com as situações em que há muitos tipos de constrangimentos e pouco respaldo em seus direitos e outros que evidenciam, portanto, que a atividade não se reduz ao que foi realizado na ação.

A atividade remete, simultaneamente, às normas antecedentes instituídas e enraizadas nos processos de trabalho e à criação de novas normas diante dos desafios do cotidiano (renormatizações) (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). No entanto, essas normas nunca dão conta da experiência, seria impossível, já que são incapazes de abarcar todas as situações encontradas no exercício cotidiano de trabalhar. Mas até que ponto tomamos essas normas como leis, contrariando cada vez mais a experiência? As normas antecedentes podem tornar-se instrumento para garantir dominações em certa relação de forças constituída no trabalhar. Podem tornar-se instrumento de exploração e de regulação. Por isso a importância de defender que nenhuma norma é puramente técnica, neutra e livre de história.

5.2 – O que sabemos que elas não sabem?

Histórias de pobreza, muitos filhos para criar, expulsão de casa pelos pais são as preferidas; e assim vai ano, vem ano, trabalhos se multiplicam explicando o quanto as mulheres prostitutas são vítimas de uma sociedade patriarcal e machista (LEITE, 2012).

As profissionais do sexo têm voz em nossa sociedade, e diversas vezes são chamadas a falar. No entanto, em momentos específicos, escolhidos, controlados. Em entrevistas sobre as durezas da profissão, em programas de auditório em que se arrependem e buscam perdão. Geralmente com a cara tampada, expondo o quanto gostariam de sair “da vida”, ou dando a cara à tapa, orgulhosas de falarem no passado.

Em um estudo com as profissionais do sexo que atendem à classe média alta e à alta na cidade de Goiânia (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007), observou-se como resultado profissionais que dizem saber muito bem o que estão fazendo. Elas afirmam seu trabalho, responsável por manter seu nível social e recusam-se ao papel de vítimas das circunstâncias, colocando em questão seus papéis de sujeitadas a uma dada condição, bem como o papel daquelas mulheres que fazem sexo com vários parceiros por prazer como mal orientadas.

Na discussão, apesar dos resultados e falas das próprias profissionais, os autores veem mulheres completamente cooptadas pelo funcionamento capitalista, que dormem e sonham, encarceradas, “alienadas por uma ideologia dominante, machista e capitalista, embora não percebam tal processo de alienação ocorrendo com elas” (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007, p.75). Ressalta-se, pejorativamente, em suas falas, a imersão em uma sociedade capitalista de consumo que as faz desejar luxos e uma ascensão social que sem a prostituição jamais conseguiriam.

O que faz dessas mulheres *as mais afetadas* por esse modo de funcionamento do que qualquer outro trabalhador de nossa sociedade? Após “coletar” os dados, os autores afirmam, “de fora”, que essas mulheres, que se gabam de serem “livres com pleno poder e consciência de si para fazer suas escolhas e dirigir suas vidas”, na verdade “não percebem que reproduzem, ao se colocarem no lugar de mercadorias,

a dinâmica cruel da ideologia dominante, que se organiza através dos papéis do dominador e do dominado, do explorador e do explorado” (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007, p.75.). Pode-se usar do saber acadêmico para desarazoá-las (FOUCAULT, 2007), ver nelas algo que elas mesmas não veem, destituí-las da verdade da fala. Assim continua-se controlando quem fala, quando e como se fala e o quanto de razão devemos atribuir a tudo isso.

A língua cria mundos. Podemos, em outro âmbito, reengatar a potência de criação de linguagem, para assim criar novos mundos (AGUIRRE, citado por ROLNIK, 2011). Algumas profissionais lutam por outras formas de se falar da prostituição. Parecem clamar por voz. Não aquela moldada por procedimentos normalizadores, mas voz em que o desejo dessas mulheres possa enfim se exercer, quaisquer que sejam eles. Gabriela Leite acredita que parte do caminho para modificar o estigma e o preconceito é ver a indústria do sexo, a prostituta e sua prostituição como criação da mesma sociedade que discrimina e estigmatiza (LEITE, 2012). Como putas, elas têm seus discursos legitimados? Gabriela defende que tenham. Não quer tirar prostitutas de seus trabalhos, mas afirmá-las como putas.

Ela narra a respeito do congresso latino-americano sobre AIDS que participou em Buenos Aires: lá foi distribuído um livro com instruções para os voluntários do congresso (LEITE, 2009). Na parte do livro com as *palavras que não podem ser usadas nesse congresso de forma alguma* constava a palavra *prostituta*. Gabriela conta ter usado a palavra *prostituta* para se referir a sua ocupação durante todo o congresso. Ela defende o uso do nome *prostituta* em detrimento do de *trabalhadoras do sexo*, pois pensa que mudar de nome seria um pedido de desculpas. Pedido desnecessário quando se afirma a prostituição enquanto profissão como outra qualquer.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo desse trabalho, muitas questões incitaram nosso caminhar. A presença da câmera parece ter nos ajudado a colar fragmentos desse vasto campo problemático: a atividade das profissionais do sexo. Tema atual e bastante debatido na sociedade contemporânea, o que se torna importante dele para nós é o que se tem produzido por meio de formas hegemônicas de pensá-lo. Morte? Violência? Discriminação?

Buscamos, nessa pesquisa, não apenas falar sobre essa temática, mas também colocar em análise um pouco do que vem sendo dito acerca dela. Intentamos, ainda, questionar o local construído historicamente para essas mulheres e como tais produções participam dos efeitos políticos/subjetivos produzidos nessa atividade.

Os modos como operam as profissionais do sexo em atividade são possíveis a partir das relações que estabelecem entre si, com os valores, com as prescrições, com a lei, com os clientes, com as instituições mulher, trabalho, etc.. As relações que estabelecemos modificam-se a todo o tempo, movimentando a vida. Os modos encontrados nessa pesquisa, portanto, podem já nem mais ecoar na atividade das profissionais do Parque Moscoso, mas certamente fazem parte da história de sua constituição.

Como indicado desde o título, procuramos as criações dessas mulheres ao realizarem sua ocupação, tentando torná-las personagens principais de nossas cenas e escritos. Desse modo, mesclamos, ao escrever, o que vem sendo dito e, sobretudo, o que elas dizem de si, o que pensam do seu trabalho e da prostituição.

Ao pesquisar, percebemos a importância para elas do **estar junto**, aceitando falar com a pesquisadora somente em conjunto. Vimos também que poder falar suas histórias permitiu que compartilhassem suas experiências entre elas e com a pesquisadora. Pensamos, a partir disso, na necessidade de existirem mais espaços de diálogo nesse gênero. Não pretendemos negar os espaços já constituídos e que

têm formas próprias de existir e vimos que, mesmo escassos, essas mulheres encontram suas maneiras de dialogar e de compartilhar experiências.

A utilização da metodologia da instrução ao sócia mostrou-se enriquecedora se pensarmos nessa importância de espaços que propiciam a possibilidade do diálogo, especialmente na forma como esse diálogo se modulou no campo, em que uma direcionava a fala a todo instante a outra, repensando a atividade e potencializando suas vidas.

Esperamos ter contribuído com a análise das formas homogeneizantes de pensar a prostituição. Gostaríamos de ressaltar as invenções e potencialidades presentes na vida dessas mulheres, que certamente não se reduzem às prescrições escritas e não escritas para sua ocupação.

A câmera sai das crianças. Revê o Parque em todos os seus detalhes. Depois filma Fernanda e Katie sentadas no banco. As duas sorrindo. Fernanda com a cabeça um pouco baixa, o olhar na direção da câmera. Katie de pernas cruzadas e o olhar direcionado à Fernanda. Fica assim por um tempo. Priscila passa por elas no Parque, diz um *olá* de longe. Sentimos a presença da pesquisadora na cena, mas ela já não aparece mais. Vemos apenas as meninas, o banco e o Parque ao redor. Sem *fade*, nem despedida, a imagem some.

7 – REFERÊNCIAS

ABSI, P. La professionnalisation de la prostitution: Le travail des femmes (aussi) en question. **L'homme et la société**, 176-177 (2010) 193-212, 2010.

AÇÕES integradas para recuperar área central. **Prefeitura de Vitória**, Vitória, 05 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/sedec.php?pagina=oqueeoprograma>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

ALTOÉ, S. (Org.). **Analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

AMARAL, P. Pisando em putas: Notas sobre o vigor contemporâneo do fascismo tupiniquim. **Viso – Cadernos de Estética Aplicada**, n. 2, mai-ago/2007. Disponível em: <<http://www.revistavisos.com.br>>. Acesso em: 3 out. 2010.

A HISTÓRIA do Puteiro Mais Antigo de Vitória. Direção: Sidney Spacini. Produção: Joyce Castello. Vitória: Tomtomtom filmes, 2011.

AS NOITES de Cabiria. Direção: Federico Fellini. Produção: Dino De Laurentiis. EUA/Itália, 1957. 1 bobina cinematográfica (110 min), p&b. Título original: *Le notti di Cabiria*.

BARBOSA, A. et al . Análise ergonômica do trabalho de prostitutas da Vila Mimosa. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v.19, n.2, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-00232007000200022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 jul. 2011

BARROS, R. B. de & PASSOS, E. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n.1, p.71-79, 2000.

BAUDRY, P. O urbano em movimento. In: JEUDY, H. P; JACQUES, P. B. (Org.). **Corpos e cenários urbanos**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, PPG-AU/FAUFBA, 2006, p. 25-37.

BOLSA Família. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**, Brasil. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em 14 de fev. 2013.

BORBA, R. Intertext(sex)ualidade: a construção discursiva de identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 49, n. 1, jun. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 jan. 2013.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.914, de dezembro de 1941. **Código Penal Brasileiro**, Rio de Janeiro: Forense, 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**, 2010. Disponível em: < <http://www.mtecbo.gov.br> >. Acesso em: 22. set. 2010.

CENTRO histórico de Vitória e seus limites. **Prefeitura de Vitória**. Vitória, 16 out. 2012. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20101119_proj_visitar_centro_hist.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2012.

CLOT, Y. **A função Psicológica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

COIMBRA, C. M. B. **Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza**. Trabalho apresentado em Mesa Redonda: Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza no I Seminário Internacional de Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/textos/texto54.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

COIMBRA, C. & NASCIMENTO, M. L. **Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político?** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

DESPRET, V. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.23 – n. 1, p. 5-28, Jan/Abr. 2011.

DERENZI, L. **Biografia de uma Ilha**. 2ª Ed. Vitória, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 223-240.

ELTON, E. **Logradouros Antigos de Vitória**. 3ª Edição. Vitória: EDUFES, Secretaria Municipal de Cultura, Coleção José da Costa, 1999.

EVANGELISTA, R. L. **Genis e Zepelins... ou uma cidade fora de série**. Projeto de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1989.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GESSINGER, H. A violência travestida faz seu trottoir. In: Engenheiros do Hawaii. **O papa é pop**. Rio de Janeiro: BMG, 1990. 1 disco sonoro.

GILMAN S. L., **Disease and Representation; Images of Illness from Madness to Aids**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1988.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARAES, K.; MERCHAN-HAMANN, E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 fev. 2013.

KLUG, L. B. Os reflexos do planejamento urbano na construção da paisagem da cidade de Vitória – ES. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. MG, v.8, n.4, 2004.

LAGENEST, J. P. B. de. **Mulheres em leilão**. São Paulo: Vozes, 1975.

L'APOLLONIDE – Souvenirs de La Maison close. Direção: Bertrand Bonello. França: Les Films Du Lendemain, 2011. 1 bobina cinematográfica (125min).

LEE, R.; CARVALHO, R. de. Cor de rosa choque. In: **Rita Lee e Roberto de Carvalho**. Rio de Janeiro e São Paulo: Estúdios SIGLA, 1982. 1 disco sonoro.

LEITE, G. Filha, mãe, avó e puta. **A história de uma mulher que decidiu ser prostituta** / Gabriela Leite; em depoimento a Marcia Zanelatto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. **Uma nova geração de pesquisadores da prostituição**. Disponível em: <<http://www.bulevoador.com.br/2012/09/37569>>. Acesso em: 14 mai. 2012.

LOPES, C. S.; RABELO, Ionara V. M.; PIMENTA, R. P. B. A Bela Adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mar. 2012.

MAISON CLOSE. Diretor: Jacques Ouaniche. França: Noé Productions, 2010. Série de 1 temporada e 8 episódios. Duração: 52 min.

MENDONÇA, E. M. S. **Transferência de interesse no percurso da verticalização de construções em Vitória (ES)**. Tese de Doutorado, PO. LAMPARELLI, Celso Monteiro, 2001.

_____. Mudança na paisagem de Vitória (ES) pelo projeto de Saturnino de Brito – argumentos metodológicos para análise e construção da paisagem, v. 9, n. 1, 2006. **Revista Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1108>>. Acesso em: nov. 2012.

MONTEIRO, P. R. **Vitória: cidade e presépio; os vazios visíveis da capital capixaba**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Vitória: Facitec, 2008.

MOURA, A. D. A.; PINHEIRO, A. K. B.; BARROSO, M. G. T. Realidade vivenciada e atividades educativas com prostitutas: subsídios para a prática de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 jan. 2013.

MUNIZ, Izabel Perini. **Parque Moscoso: documento de vida**. Vitória, FCAA, 1985.

PRADO, Michele Monteiro. A modernidade e o seu retrato: imagens e representações das transformações da paisagem urbana de Vitória (ES) – 1890/1950. In: **Simpósio Nacional de História**, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM.

PRINCESAS. Direção: Fernando León de Aranoa. Espanha: Art House Gemini, 2005. 1 bobina cinematográfica (113 min), color. Título original: *Princesas*.

PRIORE, M. D. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Brasil 1890-1930. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Foucault e as artes de viver do anarco-feminismo**. In: RAGO, M. & VEIGA-NETO, A. (org.). Figuras de Foucault. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RICO. “L’Apollonide”: prostituição e discurso. In: Blog **A Águia e a Serpente**, 2012. Disponível em: <<http://rizosite.wordpress.com/2012/09/20/lapollonide-prostituicao-e-discurso/>>. Acesso em: 02 out. 2012.

RIOS, R. R. **Prostitutas, Michês e Travestis: Uma Análise Crítica do Discurso Jurídico Sobre a Prostituição e de suas Conseqüências Práticas**, Porto Alegre: Na Batalha, 2000.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, Jun. 2009 .

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROSCOE, J.; CRAIG, H. **Faking it: Mock-documentary and the subversion and factuality**. Manchester: Manchester University Press., 2001.

SANTOS, M. A. et al . Intervenção em saúde do trabalhador com profissionais do sexo. **Cad. Psicol. soc. Trab.**, São Paulo, v. 11, n. 1, jun. 2008 . Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2011.

SCHWARTZ, Y. Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Org.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. 1. ed. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 2011, p. 132-166.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.). **Conversas sobre a atividade humana**. Niterói: Eduff, 2007.

SIMON, C. P.; SILVA, R. C. da; PAIVA, V. Prostituição juvenil feminina e a prevenção da Aids em Ribeirão Preto, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, Aug. 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000500012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2012.

TEIXEIRA, D. V.; BARROS, M. E. B. de. Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis, v. 21, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em 06 dez. 2009.

VILLA-LOBOS, Dado; RUSSO, Renato; BONFÁ, Marcelo. Pais e filhos. In: URBANA, Legião. **As Quatro Estações**. [S.I]: EMI, 1989. 1 CD, faixa 2.

ANEXOS

ANEXO 1

Fotos tiradas em 2 de julho de 2011, na região ao redor do Parque Moscoso, no Centro de Vitória.











ANEXO 2

Um casal faz sexo. Em uma cama com detalhes dourados, o homem está por baixo, com a calça abaixada. Diz que foi tão apaixonante que ele quase acreditou. A mulher ainda de vestido lhe diz que ele é seu último cliente. Ela será comprada por um herdeiro de família rica. Não sabe ainda que sua dívida não será prontamente negociada, a cafetina não deseja perdê-la tão fácil. Muda a cena e vemos a cafetina. No mesmo cômodo, homens e mulheres bebendo, rindo, alguns até mesmo transando ali, entre os outros. A cafetina empurra bruscamente uma mulher ao trabalho. Trata-se da série *Mansão dos Desejos* (MAISON CLOSE, 2010), exibida pelo canal GNT, que aborda a história de seis belas mulheres que vivem num bordel de luxo na Paris do século 19. São oito episódios que exibem a rotina dessas mulheres e seu desejo de mudar de vida. Em uma foto para divulgação da série, três das personagens exibindo seus sensuais decotes. Uma inscrição começa no braço de uma, passa pelos seios da outra e chega ao colo da terceira: *Nous faisons tout. Sauf l'amour*³⁴.

Em 2010, a GNT estreou outra série com o mesmo tema central: a prostituição. *Satisfaction* aborda os relacionamentos entre prostitutas e seus clientes. A partir da rotina de seis lindas mulheres - Chloe, Mel, Heather, Lauren, Tippi e Nat - a produção explora o mundo do *borde*l 232. Por trás da profissão secreta, o desejo de vencer na vida e de preservar a sua intimidade. Em sua faixa *GNT.doc*, foi exibido o documentário *Daspu*, sobre a grife de roupas criada por um grupo de prostitutas do Rio de Janeiro. Dirigida por Valentina Monti, a produção italiana traz depoimentos de Gabriela Leite, a idealizadora do projeto, que trabalhou como prostituta durante 20 anos e sempre lutou pelo reconhecimento da profissão no Brasil. Segundo conta Gabriela, a ideia de montar uma grife surgiu porque ela sempre ficou cismada com a frase *ela se veste igual a uma prostituta*. Depois de tanto ouvi-la, resolveu criar uma *marca de roupas para putas*, como ela diz. O documentário mostra o surgimento da parceria com o grupo de jovens estilistas mineiras, a festa de comemoração e a notícia de um contrato na Espanha.

Em 2009, estreou *Segredos de uma Garota de Programa* (título original: *Secret Diary of a Call Girl*). Produzida na Inglaterra, onde é exibida pela rede ITV, a série conta a história de uma garota que tem uma vida dupla – para sua família ela é Hannah e trabalha como secretária em Londres, para seus clientes ela é Belle, uma prostituta de alto nível. O seriado é baseado na história real de *Belle de Jour*,

³⁴ Em português: Nós fazemos tudo. Exceto o amor.

prostituta que ganhou fama em 2003 ao contar suas aventuras sexuais num weblog³⁵.

Na temporada de 2012 do programa *Tabu América Latina*³⁶, um dos episódios teve como tema a prostituição. Ele contou histórias de pessoas que contaram suas experiências como profissionais do sexo, inclusive de algumas que até encontraram na prostituição uma forma melhor de vida, como por exemplo Naná, dona do bordel mais famoso do Uruguai. Depois de ser prostituta por vários anos, ela decidiu criar sua própria casa de profissionais do sexo em um país onde a prostituição é legal. Ela está há 30 anos no ramo e tem orgulho de sua profissão. No México, Cecilia enfrenta os perigos da rua. Sem mais oportunidades para criar os filhos, ela não viu outra opção senão vender seu corpo.

Oscar Freire_279 foi exibida em 2011 no canal *Multishow*. O primeiro episódio da trama passa pela história de Isadora, uma arquiteta paranaense que vai tentar a vida em São Paulo e acaba tornando-se vendedora de uma loja no bairro Jardins. Depois de um encontro com um rico empresário, ela recebe um envelope com dinheiro pois foi confundida com uma garota de programa. GP, na gíria paulista, são garotas que cobram entre R\$ 1,5 mil e R\$ 3 mil por programa e dispensam intermediários para chegar ao cliente. Com a ajuda de Rita, uma prostituta experiente, Isadora aprende os caminhos do circuito da prostituição. Isadora acaba apaixonando-se pelo empresário que a colocou neste meio.

Inspirada no filme homônimo, *The Client List* estreou como série em 2012, no canal *Lifetime*. Samantha torna-se sócia de um prostíbulo de luxo após ser abandonada pelo marido. Ela tenta equilibrar dois estilos de vidas independentes: um como mãe divorciada que vive em uma sociedade conservadora; e outro como cafetina. *The client list*³⁷, enquanto filme lançado em 2010, mostra a mesma Samantha, mulher que se prostitui para manter o padrão de vida familiar. Samantha é linda, boa mãe e esposa, além de ganhar muito dinheiro com a profissão.

Em 22 de junho de 2012, começou a ser gravada a série brasileira *O negócio*. Nela, Karen, Luna e Magali são três prostitutas competentes, mas estagnadas na carreira, que decidem se utilizar das mais modernas técnicas de marketing e gestão empresarial. Resolvem ir atrás dos clientes, utilizando pesquisa de mercado, parcerias com funcionários de empresas aéreas, e pesquisas de opinião em grupo para detectar o que os clientes esperam delas. A série tentará dar a sensação de que elas são mulheres comuns, que estão na mesma fila do banco, comendo nos

³⁵ Disponível em: <<http://belledejour-uk.blogspot.com.br/>>.

³⁶ Disponível em: <<http://www.natgeo.com.br/br/especiais/tabu-america-latina>>.

³⁷ A LISTA de clientes. Direção: Eric Laneuville. Produção: Dannielle Thomas, Howard Braunstein. EUA, 2010. 1 bobina cinematográfica (88 min), cor. Título original: **The client list**.

mesmos restaurantes que qualquer pessoa, sem que se perceba que são prostitutas. Para evitar qualquer estereótipo, as atrizes foram orientadas a **não** procurar garotas de programa reais para fazer o chamado "laboratório", pois as reais, para a produção, destoariam do resto da sociedade.

Em 2005 foi lançado o filme *Princesas*, que conta a vida de Cayetana, uma prostituta espanhola, e sua amizade com uma prostituta imigrante. As prostitutas que imigram na Espanha são acusadas de roubarem a área das prostitutas locais, por serem mão de obra mais barata. Essa afirmação já coloca como equivalente desde início a prostituição a outras profissões quaisquer, com dificuldades, felicidades, concorrência e dependente das leis de mercado.

*Confissões de uma garota de programa*³⁸, de 2009, conta a história de Chelsea, prostituta de luxo de Manhatam. O filme não mostra relações sexuais, mas saídas, conversas e debates entre Chelsea e seus clientes. Ela é quase uma *namorada de aluguel*. Novamente trata-se da prostituição com o mesmo enfoque dado a outras profissões ou negócios: após uma grave crise financeira nos Estados Unidos em 2008, ela busca com seus clientes opiniões sobre a melhor forma de proteger seu dinheiro. O filme aborda, em suas histórias secundárias, como diversos outros profissionais estavam lidando com a crise.

*Elles*³⁹, filme de 2011, mostra Anna, jornalista que escreve um artigo sobre prostituição de jovens para a revista *Elle*, lembrando suas entrevistas enquanto repensa sua própria vida. No filme, somos apresentados a duas prostitutas de luxo lindas, jovens e que gostam do que fazem.

Esses são apenas algumas dentre as diversas produções sobre prostituição lançadas nos últimos anos.

³⁸ CONFISSÕES de uma garota de programa. Direção: Steven Soderbergh. Produção: Gregory Jacobs. EUA: 2929 Productions, 2009. 1 bobina cinematográfica (78 min), cor. Título original: **The Girlfriend Experience**.

³⁹ ELLES. Direção: Malgorzata Szumowska. Produção: Marianne Slot França/Polônia/Alemanha, 2011. 1 bobina cinematográfica (110 min), cor. Título original: **Elles**.